



UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS
NÍVEL MESTRADO

Fábio Lopes Alves

NOITES DE CABARÉ: INTERAÇÃO, GÊNERO E SOCIABILIDADE NA ZONA DE MERETRÍCIO

NOITES DE CABARÉ:

INTERAÇÃO, GÊNERO E SOCIABILIDADE NA ZONA DE MERETRÍCIO

Fábio Lopes Alves

São Leopoldo
2010

São Leopoldo - RS
2010

Fábio Lopes Alves

Fábio Lopes Alves

**NOITES DE CABARÉ: INTERAÇÃO, GÊNERO E SOCIABILIDADE NA
ZONA DE MERETRÍCIO**

**NOITES DE CABARÉ: INTERAÇÃO, GÊNERO E SOCIABILIDADE NA
ZONA DE MERETRÍCIO**

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção título de Mestre, pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção título de Mestre, pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

Aprovada em 23 de fevereiro de 2010.

Orientador: Prof. Dr. Édison Luis Gastaldo

BANCA EXAMINADORA

Dr^a. Lúcia Helena Alves Müller - (PUC/RS)

Dr^a. Marília Verissimo Veronese - (UNISINOS)

São Leopoldo – RS
2010

Dr. Édison Luis Gastaldo – Orientador – (UNISINOS)

Dedico este trabalho...

Aos meus pais. Ele, sempre labutando como pedreiro e ela como empregada doméstica, para educar os cinco filhos e proporcionar, além da formação escolar que eles não tiveram, uma vida digna, num lar em que crescemos acreditando que tudo é possível, desde que, com honestidade e caráter;

À minha irmã, Célia Alves, pelo afeto a mim dedicado, pois, a partir dos oito anos de idade, momento em que deveria brincar, se tornou, prematuramente, responsável pelos cuidados da casa e dos irmãos, para que nossos pais trouxessem o alimento;

À minha namorada, Talita Soares, que com proeminente sabedoria soube lidar com os problemas advindos da metodologia empregada por esta pesquisa e, com total maestria, soube ouvir as piadas preconceituosas que estive exposta por ter um namorado que, durante seis meses, por diversas vezes, se fez ausente no relacionamento para se fazer presente nas noites de cabaré.

Ficha Catalográfica

Alves, Fábio Lopes
A474 Noites de cabaré: interação, gênero e sociabilidade na zona de meretrício. / Fábio Lopes Alves. – São Leopoldo - RS, 2010. 208 f.
Orientador: Prof. Dr. Édison Luis Gastaldo.
Dissertação(Mestrado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos – São Leopoldo - RS.
1. Interação Social. 2. Mulher – Prostituição. 3. Gênero. 4. Etnografia. 5. Zona de Meretrício. 6. Sociabilidade. I. Gastaldo, Édison Luis. II. Título.
CDD – 306.742

Ficha Catalográfica elaborada pelo Sistema de Bibliotecas da Unioeste (Sandra Regina Mendonça CRB – 9/1090)

AGRADECIMENTOS

Existem situações na vida em que é fundamental poder contar com o apoio e ajuda de algumas pessoas.

Para a realização desta dissertação, pude contar várias. E a essas pessoas prestarei, através de poucas palavras, sem ordem de prioridade, os mais sinceros agradecimentos:

Às **garotas de programa, dona do cabaré e demais pessoas envolvidas** na pesquisa que aceitaram dividir comigo seus segredos e intimidades. Sou grato a todas/os. Pena não poder nomeá-las/os, nem mesmo pelo nome de “guerra”. Mas cada um/a sabe da contribuição e importância que têm para mim;

Ao meu orientador, professor Dr. **Édison Luis Gastaldo**, pela paciência, atenção e empenho em refletir comigo muitas questões que me inquietavam, indicando bibliografia e clareando algumas idéias confusas com suas ilustrações didáticas. Faltam-me palavras para expressar meus mais sinceros agradecimentos a um orientador que em datas como 31 de dezembro e 01 de janeiro, momento em que deveria tão somente se dedicar as questões pessoais e familiares, estava, em plena confraternização universal, fazendo leitura atenta e revisão criteriosa desta dissertação. Como agradecer?

Aos professores **José Rogério Lopes** e **Karl Monsma**, membros da banca de qualificação, pelas contribuições;

Aos **professores do PPG** em Ciências Sociais da UNISINOS. Em especial ao Dr. **Carlos Gadea** não apenas pelas contribuições bibliográficas, mas por ter proporcionado, fora dos espaços acadêmicos, momentos de intensa sociabilidade;

Aos bolsistas **Danyneire, Diego** e **Julio Cezar**, pela contribuição nas transcrições;

Aos **professores do Departamento de Comunicação Social/Jornalismo** da Universidade do Estado de Mato Grosso, pelo ajustes no calendário acadêmico, para que eu pudesse desenvolver a pesquisa;

À Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de Mato Grosso – **FAPEMAT** pela contribuição financeira, através da concessão de bolsa de estudo, permitindo dedicação exclusiva ao mestrado;

Ao professor **Ivanor Luiz Guarnieri**. Grande amigo, primeiro orientador e incentivador;

Aos **colegas de mestrado**, sobretudo, “os noturnos”: **Fabiana, Márcia, Luconi, Pagel e Fausto** pela aprendizagem acadêmica nos botecos da famosa rua grande de São Leopoldo. Idem “ao diurno” **Michelângelo**.

À **Maristela Simon**, secretária do PPG, pela desburocratização e preocupação com nossa acomodação;

À **Maristela Guimarães** pela assessoria no tocante as questões de língua portuguesa;

Ao **Noiado** (apelido fictício), frequentador assíduo dos cabarés, por ter localizado a “boca de fumo” em que meu notebook se encontrava, após ter sido furtado e empenhorado por R\$ 100,00 numa dívida de “nóia”. Com o respeito que goza junto à “malandragem” não permitiu que nenhum dado da dissertação se perdesse e, ainda, o recuperou;

À minha **família, namorada** e aos **amigos** por ter compreendido minhas constantes ausências;

Enfim, a **Deus**, agradecimento inenarrável...

Obrigado.

F.L.A

8

7

RESUMO

Este trabalho consiste em uma análise antropológica das dinâmicas de interação, gênero e sociabilidade que ocorrem na zona de meretrício. A partir da observação participante com registro em diários de campo, entrevistas semi-estruturadas e diálogos informais, analiso as lógicas simbólicas que operam nesse ambiente. Amparado na perspectiva dramaturgica de Erving Goffman, apresento os principais eventos ocorrentes nessa trama, ao descrever o ambiente estudado. Nesse contexto, analiso a trajetória de algumas garotas de programa, o lado de dentro desse ambiente, os segredos e truques da interação, o papel desempenhado pelo dinheiro e as formas de violência de gênero.

PALAVRAS CHAVE: Interação Social; Gênero; Prostituição.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | |
|--|-----|
| PRANCHA 1: Planta baixa do cabaré (a)..... | 90 |
| PRANCHA 2: Planta baixa do cabaré (b)..... | 91 |
| PRANCHA 3: Batalhando o cliente em frente ao cabaré | 93 |
| PRANCHA 4: Quarto da Geni | 96 |
| PRANCHA 5: Interação nos momentos de lazer..... | 114 |
| PRANCHA 6: Fantasias sexuais utilizadas | 116 |
| PRANCHA 7: Exposição das garotas de programa | 119 |
| PRANCHA 8: Interação nos finais de semana | 122 |
| PRANCHA 9: Driblando o estigma: as fotos que vão para a família | 138 |
| PRANCHA 10: Esperando o cliente | 163 |

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| LISTA DE ILUSTRAÇÕES | 10 |
| INTRODUÇÃO | 14 |
| CAPÍTULO I | 21 |
| 1 - O CABARÉ NUMA PERSPECTIVA SÓCIO-ANTROPOLÓGICA | 22 |
| 1.1 - Virando as páginas da prostituição: uma visita à literatura | 22 |
| 1.2 - Interações, estigmas e carreiras desviantes | 27 |
| 1.3 - Prostituição: o papel do dinheiro na interação e sociabilidade | 37 |
| 1.4 - Prostituição e gênero | 44 |
| CAPÍTULO II | 51 |
| 2 - A PROSTITUIÇÃO NO CONTEXTO BRASILEIRO | 52 |
| 2.1 - Perspectivas jurídicas sobre a prostituição | 52 |
| 2.2 - A prostituição no Código Penal Brasileiro | 59 |
| 2.3 - A inserção das prostitutas na Classificação Brasileira de Ocupações e as tentativas de regulamentação da atividade | 63 |
| CAPÍTULO III | 71 |
| 3 - MODOS DE VER MODOS DE FAZER: UM OLHAR ETNOGRÁFICO | 72 |
| 3.1 - O método etnográfico | 72 |
| 3.2 - O trabalho de campo com as garotas de programa | 77 |
| 3.2.1 - A aproximação | 80 |
| 3.2.2 - Procedimentos de entrevistas | 82 |
| CAPÍTULO IV | 86 |
| 4 - DINÂMICAS DE INTERAÇÃO, GÊNERO E SOCIABILIDADE NA ZONA DE MERETRÍCIO | 87 |
| 4.1 - Descrição física do cabaré | 87 |
| 4.2 - Quando o campo é a zona de meretrício: narrativas da observação participante | 102 |

| | |
|--|-----|
| 4.2.1 - Taxista de Cabaré | 102 |
| 4.2.2 - Pousando na zona: o cotidiano de um "segurança" | 106 |
| 4.2.3 - Observação participante nos momentos de lazer | 110 |
| 4.3 - Uma noite no cabaré | 115 |
| 4.3.1 - Preparando a performance | 115 |
| 4.3.2 - A interação com os clientes | 124 |
| 4.4 - "Caindo na vida": três trajetórias em contexto | 137 |
| 4.4.1 - Raíssa | 140 |
| 4.4.2 - Tamires | 142 |
| 4.4.3 - Cristina | 146 |
| 4.5 - O lado de dentro do cabaré | 150 |
| 4.5.1 - Batalhando o cliente: interação e performance | 150 |
| 4.5.2 - Fazendo sala, disputando o cliente | 162 |
| 4.5.3 - Separando o joio do trigo: entre os clientes "pão duro" e os bons clientes | 167 |
| 4.6 - "Empurra esse mala sem alça...": Segredos e truques da interação ... | 170 |
| 4.7 - "Seu bolso é meu guia...": Permissividade e banalização da violência de gênero causada pelo dinheiro | 179 |
| 4.7.1 - "Realizamos seus desejos mais ocultos" | 179 |
| 4.7.2 - A banalização da violência de gênero | 191 |

CONSIDERAÇÕES FINAIS

196

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

203

INTRODUÇÃO

*Escrever uma tese é uma atividade solitária obsessiva.
Você vive dentro de sua cabeça, e em mais nenhum
outro lugar. A pessoa com que você passa mais tempo
é aquela sobre quem você está escrevendo.”*

(Patrícia Duncker)

Esta dissertação consiste num estudo etnográfico sobre as dinâmicas de interação, gênero e sociabilidade ocorrentes na zona de meretrício. Utilizando referências antropológicas, analiso como as mulheres prostitutas constroem suas relações cotidianas no ambiente de prostituição.

Com este trabalho, pretendo contribuir para os estudos sobre interações sociais, gênero e sociabilidade nos universos da prostituição, em específico no cabaré. Ao apresentar os eventos ocorrentes nessa trama, analiso quais são as lógicas simbólicas que operam nesse ambiente.

Na zona, como será visto, ao contrário de ampla afirmação popular que alude para esses espaços como locais sem nenhuma organização, em que "se pode tudo", há uma série de regras internas que precisam ser cumpridas tanto pelas garotas de programa, quanto pelos clientes, visando garantir suas respectivas permanências no ambiente. As noites de cabaré serão descritas através de uma perspectiva etnográfica com o fito de apresentar algumas dinâmicas que ocorrem dentro desse espaço. Para isso, busco descortinar o lado de dentro do cabaré, compreendendo as principais ocorrências nesse espaço, como essas garotas preparam suas performances, como se relacionam entre elas e com os clientes, quais são os segredos e truques utilizados, a trajetória de algumas mulheres e o papel simbólico do dinheiro na interação e relações de gênero.

Tem se tornado rotineiro, tanto no senso comum, quanto no meio acadêmico, associar a prostituição à "profissão mais antiga do mundo". Ocorre que não se pode olhar para essa atividade apenas como se fosse algo natural ou um fenômeno que vem acompanhando a humanidade ao longo da história, sob o risco de não compreender as dinâmicas de funcionamento que se alteram historicamente.

Em face ao exposto, produzir um estudo etnográfico sobre a prostituição feminina não é tarefa fácil, tendo em vista que esse universo está minado de estereótipos. Falar sobre prostituição é adentrar num campo imbuído de valores e preconceitos que vão além da concepção de "profissão mais antiga do mundo" em que os lugares já estão demarcados e projetados no imaginário popular.

O entendimento de prostituição na presente pesquisa, se ampara na definição de Maria Dulce Gaspar (1985) que a compreende como pertencendo a um contínuo de comportamentos que põem em foco a relação entre mulheres e homens passando pelo domínio sexual e pela obtenção de favores, simplesmente através do dinheiro ou de outras facilidades quaisquer¹.

Diversas são as formas de abordagem que se apresentam diante de um estudo como este. Minha opção foi por não discutir o assunto pela perspectiva binômica que associa a prostituição como atividade oposta daquilo que a sociedade espera das mulheres. Nem mesmo investigá-la como desviante. Minha escolha foi por estudar esse universo tentando compreender as interações sociais. Ao analisar esses aspectos interacionais, este estudo não se limita às discussões meramente econômicas ou históricas, mas os percebe como um fenômeno social que precisa ser analisado com o intuito de compreender as dinâmicas internas que regem estes locais.

Dada a necessidade de recortes, a delimitação do objeto dessa pesquisa compreende as mulheres adultas que se prostituem em uma zona de meretrício denominada por esta pesquisa, de forma fictícia, de "Geni Drinks"². Essa baliza é necessária, pois serão analisadas somente as mulheres maiores de 18 anos que se prostituem por consentimento. Por ora, fica excluída dessa investigação a exploração sexual de crianças e adolescentes e do tráfico internacional de mulheres para fins prostitucionais, tendo em vista que cada um desses itens se constitui numa agenda diferente que, por si só, exigem abordagens, metodologias e referenciais teóricos distintos.

Uma chave de leitura que permite analisar as dinâmicas próprias da prostituição é a perspectiva dramaturgica (GOFFMAN, 1985). Foi a partir da metáfora da representação teatral que investiguei a maneira como as garotas de

¹ GASPAR, Maria Dulce. **Garotas de programa**: prostituição em Copacabana e identidade social. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985, p. 61.

² Nome extraído da canção "Geni e o Zepelim" de Chico Buarque de Hollanda. Nessa música o compositor descreve o cotidiano de uma prostituta denominada Geni conforme segue o refrão: "Joga pedra na Geni/ Joga pedra na Geni/ Ela é feita pra apantah/ Ela é boa de cuspir/ Ela dá pra qualquer um/ Maldita Geni".

programa se apresentam em situações rotineiras aos clientes, os meios, isto é, os recursos utilizados para isso, bem como as lógicas que fundamentam essas ações. A escolha teórica de Goffman não ocorre por acaso, mas em função de sua originalidade ao criar o modelo de dramatização para interpretar a ação social dos indivíduos em sociedade. Nessa linha de interpretação, algumas possibilidades analíticas se fazem presentes tais como, a necessidade de investigação daquilo que vem a ser constituído como: palco, performance, audiência, observadores, peça, papel, ato, entre outros que demonstram como os indivíduos interagem no dia a dia. Ao pesquisar a representação do *self*³, esse teórico oferece ferramentas para investigação do comportamento humano e o modo como ocorrem as interações.

No bojo da análise do conceito de interação, há o uso de outros conceitos, tais como: fachada, equipe de representação e estabelecimento social. A partir deles, é possível estudar como se dá a interação naquele ambiente. Acresce-se ainda a contribuição de Goffman (1988) sobre o estigma⁴, pois este se revela de crucial importância para o presente estudo em função de, na sociedade atual, representar algo de mal que como tal deve ser evitado, uma vez que ameaça à sociedade, isto é, tem-se, então, uma identidade deteriorada por uma definição social.

Outro subsídio teórico utilizado é a contribuição de Georg Simmel (2006). A partir desse filósofo, é possível perceber que a prostituição é vista como uma troca que não se limita a elementos meramente econômicos. Em alguns casos, o dinheiro é apenas o instrumento de partida, no qual a interação depende de uma série de outros fatores. É nesse sentido, que o contexto de gênero, como categoria analítica permite identificar alguns desses outros elementos. Destaque-se a contribuição de Pierre Bourdieu⁵ e a teoria da *dominação masculina* para

³ GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Tradução de Maria Célia Santos Raposo. Petrópolis: Vozes, 1985.
⁴ GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro: LTC, 1968.
⁵ BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Tradução de Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

compreender as formas de violência de gênero exercidas durante as interações sociais entre clientes e garotas de programa.

Para alcançar os objetivos propostos, foi necessária a escolha de uma metodologia que me permitisse observar e coletar dados dessa realidade. Por isso, optei pelo método etnográfico, a partir das lições malinowskiana, por ele me permitir olhar, compreender e conviver com meu objeto de estudo, captando tanto as práticas quanto a visão de mundo dessas mulheres em seu próprio cotidiano.

Em síntese, esta pesquisa foi realizada com base no alicerce construído entre a interação do pesquisador com o universo pesquisado. Por não ter ninguém que pudesse me apresentar para alguma garota de programa ou dona do cabaré, negocieei com Geni⁶ – proprietária do bordel – minha entrada em campo. Esse trabalho exigiu a escolha de um fazer etnográfico apropriado que me permitisse sair do *status* de estranho, posição que ocupei no início da investigação e passasse a ser considerado alguém próximo. Em princípio, minha presença as deixava inibidas. No entanto, com o passar do tempo, relações de amizades, seguindo as orientações da antropóloga Ruth Cardoso (1986), foram estabelecidas.

No caso desta investigação, as amizades me favoreceram, tendo em vista que passei a ser convidado para participar dos momentos de lazer, incluindo churrascos, festas, bailes, banhos de rio e banhos de sol. Enquanto no interior do bordel pude desempenhar algumas funções como: taxista de cabaré, segurança, garçom, lavador de copos, caixa, entre outros.

Dessa maneira, durante seis meses convivi intensamente com as garotas de programa pesquisadas, sendo que em determinadas noites, a convite da proprietária, dormi no ambiente pesquisado. Com esse trabalho de campo, pude coletar o máximo possível de dados que se encontram registrados em diários de

⁶ Os nomes das garotas de programa, clientes, dona do cabaré, cidades, locais e do estabelecimento pesquisado foram utilizados de maneira fictícia. Esse foi um dos compromissos que assumi junto às garotas de programa para poder fazer o trabalho de campo.

campo, entrevistas semi-estruturadas realizadas com a utilização de gravador, além de diálogos informais e um amplo arquivo de fotografias.

Após esta introdução, início o trabalho com um capítulo em que analiso teoricamente a questão da prostituição feminina. Inicialmente, efetuo uma revisão bibliográfica levando em consideração o momento em que os estudos foram produzidos. Em seguida, apresento os conceitos que me permitem responder a problemática levantada por esta pesquisa. Sendo que, num primeiro momento, discuto o entendimento dos conceitos de interação, estigmas e carreiras desviantes. Posteriormente, apresento o papel desempenhado pelo dinheiro nas interações sociais e, por fim, destaco a contribuição da categoria de gênero para esta pesquisa.

No capítulo dois, abordo as diferentes perspectivas jurídicas sobre a prostituição. Em seguida, analiso como o Código Penal Brasileiro trata essa questão no Brasil. Finalizo essa unidade discutindo como se deu a inserção das profissionais do sexo na Classificação Brasileira de Ocupações do Ministério do Trabalho e as diversas tentativas de regulamentação dessa atividade.

O capítulo três trata da metodologia empregada por esta pesquisa. Optei por colocar este capítulo entre as revisões da literatura e imediatamente antes do capítulo de análise dos dados, de modo a manter a descrição da metodologia empregada próxima à exposição, descrição e análise dos dados. Apresento nesta unidade uma breve teorização metodológica em torno da etnografia e, em seguida, narro como foi negociado minha inserção em campo com as garotas de programa.

No capítulo quatro, analiso os dados levantados no trabalho de campo. Inicialmente, efetuo uma descrição física do cabaré. Em seguida, relato algumas das funções desempenhadas por mim durante a fase de observação participante. Posteriormente, descrevo quais são as dinâmicas internas de um cabaré quando a trajetória de vida de algumas garotas são tematizadas, precedidas da análise em que exponho como é o lado de dentro da zona de meretrício e as dinâmicas de interações e sociabilidades que ali ocorrem.

As referências bibliográficas acompanham a parte final desta dissertação de modo a demonstrar as obras e autores lidos e citados.

A pesquisa feita e que ora passo a demonstrar traz em seu bojo um olhar etnográfico de um local considerado no senso comum como desviante, mas que, a partir do viés antropológico, analiso como um estabelecimento social em que ocorrem interações sociais e que ainda carecem de maiores investigações acadêmicas.

CAPÍTULO I

1 - O CABARÉ NUMA PERSPECTIVA SÓCIO-ANTROPOLÓGICA

1.1 - Virando as páginas da prostituição: uma visita à literatura

A proposta desta discussão é a de servir como instrumento de informação, limitado a alguns estudos que foram produzidos atinentes à prostituição feminina no campo das Ciências Sociais. Olhar essa produção permite perceber como as novas tendências sociológicas e antropológicas influenciaram outros estudos.

Um levantamento como este pode ser realizado de diferentes maneiras, a saber: a partir das fontes utilizadas; referenciais teóricos adotados; metodologia empregada; perspectiva, entre outros. Entretanto, minha opção metodológica foi por realizar esta investigação levando em consideração o momento em que o estudo foi produzido. Assim será possível perceber como as maneiras de se estudar a prostituição feminina foram se alterando ao longo da história, tendo em vista que as tendências sociológicas e antropológicas estiveram em constantes mudanças. Acresce-se também o fato de que, ao estudar as direções tomadas pelos estudos de prostituição, é preciso observar alguns limites que a própria pesquisa impõe. Segundo Elias Thomé Saliba, distinguir tendências ou possíveis direções das mudanças no conhecimento histórico é tarefa quase impossível: "a extraordinária internacionalização da pesquisa, a massa de publicações, a multiplicação dos programas e instituições de pesquisa e a diversidade quase infinita de abordagens impossibilitam qualquer balanço geral"¹.

A partir de uma revisão preliminar, com o intuito de localizar a gênese da discussão sobre a prostituição nas Ciências Sociais, encontrei Georg Simmel e Simone de Beauvoir. Em 1892, Simmel publica na Alemanha *Algumas reflexões*

"O amor pelas prostitutas é a apoteose da empatia pelas mercadorias"

(Walter Benjamin)

¹ SALIBA, Elias Thomé. Prefácio. In: CIAMPI, Helenice. **A história pensada e ensinada: da geração das certezas à geração das incertezas**. São Paulo: Educ, 2000. p. 09.

sobre a prostituição no presente e no futuro². Nesse trabalho, a prostituta é vista como desfavorecida e sobre ela recai uma carga de exclusão à medida que é responsabilizada por não ter tido melhor posição na sociedade. O autor traz exemplos de outras sociedades em que a prostituição não é vista como uma atividade estigmatizada. Nesses casos, não havia reprovação moral ao ato de se prostituir.

No entanto, isso só foi possível enquanto não se havia uma economia monetária estabelecida. Pois, segundo Simmel, assim que o dinheiro se tornou medida de todas as outras coisas, desvalorizou-se tudo aquilo de que é o equivalente. Verifica-se então que nos espaços sociais onde o dinheiro não assume a função que possui na sociedade capitalista, a cessão do bem pessoal em troca dele é menos degradante. Assim a dignidade da mulher que se prostitui não é posta em xeque³.

Foi em 1949 que surgiu na França o texto inaugural do debate feminista - *O segundo sexo* - em que Simone de Beauvoir debate a condição feminina ao examiná-la a partir de perspectivas diversas, dentre elas, a sexual, política, social e psicológica. No capítulo *Prostitutas e Hetairas*⁴, a autora inicia a discussão afirmando que o casamento tem como correlato imediato a prostituição. Que, por prudência, o homem obriga sua esposa à castidade, não satisfeito, porém, com o regime imposto a ela recorre à prostituta.

Sob o ponto de vista econômico, a autora se ampara na tese de Marro (*La Puberté*) ao afirmar que a situação da vida da prostituta é simétrica a da mulher casada. A diferença entre as que se vendem pelo casamento e as que se vendem pela prostituição consiste no preço e na duração do contrato. Para ambas, o ato sexual se torna um serviço: a mulher casada é contratada pela vida inteira por um só homem, enquanto a meretriz tem vários clientes que lhe pagam por vez⁵.

2. SIMMEL, Georg. Algumas reflexões sobre a prostituição. In: _____. **Filosofia do amor**. São Paulo: Martins Fontes, 2001. [1892].

3. Idem. p. 4-5.

4. BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. V. 2. Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980. [1949].

5. Idem. p. 323-4.

É a partir de 1960 que no cenário brasileiro os estudos de prostituição começam a aparecer nas Ciências Sociais. As características desses trabalhos⁶ são as abordagens moralistas que tinham a preocupação de apresentar a prostituição como um problema social. Claudia Fonseca, ao comentar publicações desse período, afirma que, sem dúvida, o leitor de época poderá identificar, naquelas imagens, fantasmas masculinos projetados sobre o objeto que os homens mais temiam - a sexualidade feminina⁷. Tornou-se comum naquele período os autores adjetivarem essas mulheres como desviantes.

No entanto, segundo Gilberto Velho, o problema desviante de acordo com o senso comum é remetido a uma perspectiva patológica. Os órgãos de comunicação de massa se encarregam de divulgar e enfatizar essa perspectiva quer em termos estritamente psicológicos, quer em uma visão que pretenda ser "culturalista" ou "sociológica". Tratar-se-ia, então, de diagnosticar o mal e curá-lo⁸. Contudo, a partir da década de 1970, com os estudos acadêmicos desse mesmo autor, verifica-se uma mudança de enfoque. A preocupação naquele momento é a de procurar identificar como esse problema é encarado pela sociedade brasileira a partir do binômio desviante e normal.

A década de 1980 representa um avanço nos estudos acadêmicos. Momento em que se perde o vigor, a perspectiva moralista, até então em voga, para analisar a prostituição. Em *A família da prostituta*⁹, Jeferson Bachelar investiga como ocorrem as relações familiares num grupo social que, de início, já contam com dois desvios básicos considerados pela sociedade. De um lado, como pode em uma "sociedade de homens" uma família ser chefiada por uma mulher? De

⁶ Sobre esse período vide: LAGENEST, H. D. Baruel de. **Lenocínio e prostituição no Brasil: estudo sociológico**. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1960; PEREIRA, Armando [et. al.]. **Prostituição é necessária?** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966; LAGENEST, H. D. Baruel de. **Mulheres em leilão: um estudo da prostituição no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1973.

⁷ FONSECA, Cláudia. A dupla carreira da mulher prostituta. **Estudos Feministas**. Florianópolis. V. 04, n. 1, 1996. p. 7-33. p. 07.

⁸ VELHO, Gilberto. O estudo do comportamento desviante: a contribuição da antropologia social. In: _____. (org.). **Desvio e divergência: uma crítica a patologia social**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1974. p. 11-12.

⁹ BACHELAR, Jeferson Afonso. **A família da prostituta**. São Paulo: Ática, 1982.

outro, como em uma sociedade de “sexos legítimos” uma família pode ser constituída por uma prostituta?

No livro *Bordéis, bordéis: negociando identidades*¹⁰, Renan Freitas analisa a prostituição como uma prática na qual é possível perceber os padrões de interação que permitem revelar a realidade empírica desse universo e não como um problema social. Essa abordagem levou o autor a identificar duas ordens morais: de um lado, o mundo da prostituição e, de outro, um mundo “normal”, num infinito circuito de negociações, tais como: rotina, identidades, hierarquia, sistema de estratificação e regras de convívio.

Em *A difícil vida fácil: a prostituta e sua condição*¹¹, para efetuar estudo referente à condição da prostituta, Amara Lúcia tomou uma atitude rara. Realizou uma investigação participante e, durante seis meses, atuou como prostituta. A partir dessa pesquisa, relatou como foram seus dias nos bordéis, descreveu o cotidiano dessas mulheres que, segundo ela, é minado por dificuldades, dentre elas a financeira.

Na pesquisa *Garotas de programa: prostituição em Copacabana e identidade social*¹², Maria Dulce Gaspar se deteve especialmente na descrição das diferentes casas de diversões, bem como das categorias sociais dos seus frequentadores, apresentando os aspectos da interação garota-cliente no que tange à negociação do programa.

Na década de 1990, Aparecida Moraes, em *Mulheres da vila: prostituição, identidade social e movimento associativo*¹³, partindo da perspectiva que as prostitutas não devem ser vistas somente como vítimas, fez um estudo sobre prostituição feminina na Vila Mimosa no Rio de Janeiro. O objeto de estudo foram as mulheres do baixo meretrício que, a partir da identidade de prostituta, lutaram

para fortalecer a autoestima, vencer preconceitos e melhorar o espaço em que viviam.

Com a chegada do século XXI, o campo das Ciências Sociais, que privilegia a investigação da prostituição através da observação participante, estava consolidado. Destaca-se, no ano 2003, o trabalho antropológico *Riscos na Prostituição: um olhar antropológico*, de Denise Martin¹⁴. A obra traz uma profícua discussão acerca do conceito de risco no cotidiano da prostituição da cidade de Santos. A autora, numa perspectiva etnográfica, tratou de localizar e caracterizar a prostituição considerando os diferentes ambientes.

Por fim, ressalta-se o livro *Travesti: prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil*¹⁵. O trabalho foi publicado há mais de 10 anos nos Estados Unidos, contudo só recentemente foi traduzido para o português. Embora se trate de um estudo sobre a prostituição masculina, isto é, numa perspectiva diferenciada da proposta pela presente investigação, o sueco Don Kulick, professor de Antropologia da New York University, oferece uma importante teoria e método para esta pesquisa. O autor, seguindo à risca as orientações malinowskianas, mudou-se da Suécia para o Brasil. Passou a morar num quarto alugado com 13 travestis e aprendeu com eles a falar o português. Dessa maneira, investigou as dinâmicas de interação no universo travesti, bem como as lógicas não manifestas que dão sustentação a essas interações, mostrando o modo como pensam a vida, agem e experimentam o cotidiano.

Em síntese, é possível dizer que, a partir do impulso dado por esses trabalhos, diversos outros foram produzidos, não mais com aquela carga de preconceito que guiou os primeiros. Grosso modo, foi possível identificar que a questão das identidades tem permeado a maioria dos trabalhos das Ciências Sociais. A partir da década de 1970, os recortes são mais precisos e novas temáticas ganharam destaque no universo da prostituição.

¹⁰ FREITAS, Renan Springer de. **Bordel, bordéis**: negociando identidades. Petrópolis: Vozes, 1985.

¹¹ LÚCIA, Amara. **A difícil vida fácil**: a prostituta e sua condição. Petrópolis: Vozes, 1984.

¹² GASPAR, Maria Dulce. **Garotas de programa**: prostituição em Copacabana e identidade social. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

¹³ MORAES, Aparecida Fonseca. **Mulheres da vila**: prostituição, identidade social e movimento associativo. Petrópolis: Vozes, 1995.

¹⁴ MARTIN, Denise. **Riscos na prostituição**: um olhar antropológico. São Paulo: Humanitas, 2003.

¹⁵ KULICK, Don. **Travesti**: prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil. Tradução de Cesar Gordon. Rio de Janeiro. EdFicruz, 2008.

Se até aqui o interesse desta investigação foi por rever parte da literatura sobre a prostituição, a partir de agora, alguns conceitos teóricos serão analisados de modo a permitir que sejam investigadas as dinâmicas de interação e sociabilidade na zona de meretrício.

1.2 - Interações, estigmas e carreiras desviantes

Este trabalho segue, como opção teórica, a trilha desbravada por Erving Goffman ao analisar as interações sociais a partir da metáfora da representação teatral, pois ela permite compreender como as pessoas se apresentam umas as outras, os recursos utilizados, bem como as lógicas que fundamentam essas ações. Com essas ferramentas teóricas, será possível responder a problemática levantada por esta pesquisa que consiste em desvendar as dinâmicas de interação e sociabilidade que ocorrem no ambiente de prostituição.

Tomando a perspectiva dramaturgica como quadro teórico, alguns elementos, que carecem de investigação, imediatamente se apresentam. De início, é possível destacar três. O palco, que se constitui no local em que ocorrem as interações; as atrizes e atores sociais, que se apresentam nesse ambiente e a plateia que presencia a trama.

Outro conceito importante para este estudo é o de "definição de situação" elaborado por William Thomas. Para ele, a definição de situação é compreendida como: "previamente a qualquer ato de conduta autodeterminado, existe sempre um estágio de exame e deliberação que podemos chamar de definição de situação"¹⁶.

Adriana Braga e Edison Gastaldo, ao discutirem o conceito de definição de situação à luz de William Thomas, instruem que,

A noção de definição da situação é relativamente simples, mas descreve uma etapa fundamental da vida em sociedade: qualquer ação em sociedade é precedida por uma definição por parte de cada indivíduo envolvido, a partir da qual será escolhida uma linha de ação a ser seguida, entre as possibilidades disponíveis. A formulação clássica deste princípio seria conhecida como o "Teorema de Thomas", de 1928: "Se as pessoas definem uma situação como real, ela será real nas suas consequências"¹⁷.

Quando alguém chega à presença de outra pessoa, estas, imediatamente, procuram obter algum tipo de informação a respeito de quem está em interação, ou trazem à baila as que já possuem, para poder definir a situação. É a partir dessa definição que será refletido sobre as atitudes a serem tomadas e o grau de confiança a ser destinado.

Erving Goffman desenvolve a noção thomasiana ao discutir a maneira pela qual a definição de situação é utilizada pelos atores na perspectiva dramaturgica.

A informação a respeito do indivíduo serve para definir a situação, tornando os outros capazes de conhecer antecipadamente o que ele esperará deles e o que dele podem esperar. Assim informados, saberão qual a melhor maneira de agir para dele obter a resposta desejada. [...] Quando um indivíduo chega diante de outros suas ações influenciarão a definição da situação que se vai apresentar. As vezes, agir de maneira completamente calculada, expressando-se de determinada forma somente para dar aos outros o tipo de impressão que irá, provavelmente levá-los a uma resposta específica que lhe interessa obter¹⁸.

Depois de definida a situação, a interação não ocorre de maneira fechada no sentido de seguir à risca aquilo que se planejou inicialmente. Conforme a interação vai se desenvolvendo podem ocorrer alterações nos padrões inicialmente estabelecidos.

Dado o fato de o indivíduo efetivamente projetar uma definição da situação quando chega à presença dos outros, podemos supor que venham a ocorrer, durante a interação, fatos que contradigam, desacreditem ou, de qualquer modo, lancem dúvidas sobre esta projeção. Quando estes fatos perturbadores ocorrem, a própria interação pode sofrer uma interrupção confusa e embaraçosa. Algumas das suposições sobre as quais se baseavam as reações dos participantes tornam-se insustentáveis e os

¹⁷ BRAGA, Adriana; GASTALDO, Edison. O legado de Chicago e os estudos de recepção, usos e consumos midiáticos. **Revista Famecos**, Porto Alegre, n. 39, Agosto de 2009, p. 79.

¹⁸ GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Tradução de Maria Célia Santos Raposo. Petrópolis: Vozes, 1985. p.15.

¹⁶ THOMAS, William I. The definition of the situation. In: _____, The unadjusted girl. New York: Little, Brown&Co, 1923. Apud In: BRAGA, Adriana; GASTALDO, Edison. O legado de Chicago e os estudos de recepção, usos e consumos midiáticos. **Revista Famecos**, Porto Alegre, n. 39, Agosto de 2009, p. 79.

participantes de descobrem envolvidos numa interação para a qual a situação havia sido erradamente definida e agora não está mais definida¹⁹.

Nesse sentido, esse conceito se torna útil ao permitir a compreensão de como as garotas de programa definem a situação quando estão interagindo com os clientes e colegas de trabalho e, a partir dela, quais são as atitudes tomadas em situações que pode se confirmar a definição inicialmente elaborada, ou contradizê-la.

Como se pôde perceber, até aqui foi utilizado deliberadamente o conceito de interação para fundamentar este estudo. É necessário, no entanto, conceituar o entendimento desse termo. À luz de Erving Goffman, concebe-se, nesta pesquisa, a interação como aquela que ocorre face a face e pode ser definida como

A influência recíproca dos indivíduos sobre as ações uns dos outros, quando em presença física e imediata. Uma interação pode ser definida como toda interação que ocorre em qualquer ocasião, quando, num conjunto de indivíduos uns se encontram na presença imediata de outros.

De igual modo, este estudo ficaria deslocado ao analisar um determinado tipo de interação sem se preocupar como ela é desempenhada, isto é, de que maneira ela ocorre. Por isso, por desempenho – que aqui também será descrito como performance – entende-se “toda atividade de um determinado participante, em dada ocasião, que sirva para influenciar, de algum modo, qualquer um dos outros participantes”²⁰. Esse conceito permite analisar as performances utilizadas pelas garotas de programa durante as interações com os clientes e demais personagens dessa trama. Nesse caso, gestos, posturas, palavras, indumentária, entre outros, além de se constituir na fachada utilizada, como será visto adiante, também podem ser tomados como ingredientes do desempenho.

Uma representação só ocorre em função de outras pessoas se constituírem em observadores. O termo representação é utilizado “para referir a toda atividade de um indivíduo que se passa num período caracterizado por sua presença

¹⁹ Idem, p.21.

²⁰ Ibidem, p.23.

continua diante de um grupo particular de observadores e que tem sobre estes algumas influências²¹.”

Para um melhor entendimento de como se desenvolve a representação dessa trama na zona de meretrício, é preciso compreender outros elementos que fazem parte da encenação. Dentre eles, a fachada.

Será conveniente denominar de fachada à parte do desempenho do indivíduo que funciona regularmente de forma geral e fixa com o fim de definir a situação para os que observam a representação. Fachada, portanto, é o equipamento expressivo de tipo padronizado intencional ou inconscientemente empregado pelo indivíduo durante sua apresentação²².

Ela se torna uma ferramenta expressiva empregada pelo indivíduo durante sua representação. Para se compreender como essa fachada funciona na zona de meretrício ela será dividida em duas partes. De um lado, o cenário e, de outro, a fachada pessoal.

Instrumentos como mobiliário, decoração, disposição física, arquitetura, cores de luzes, formam o cenário. Por isso, não se pode analisar a relações de interação e sociabilidade sem investigar os recursos disponíveis nesse cenário e as maneiras como são utilizados.

No âmbito da fachada, além do cenário encontra-se também o que Erving Goffman denominou de fachada pessoal. “Entre as partes da fachada pessoal podemos incluir os distintivos da função ou da categoria, vestuário, sexo, idade, altura, aparência, atitude, padrões de linguagem, expressões faciais, gestos corporais e coisas semelhantes²³”.

É por isso que, no âmbito da performance, interessa compreender como se compõe a fachada pessoal da garota de programa de modo a investigar a escolha das roupas utilizadas, cuidados corporais, as expressões e gestos utilizados entre elas e também com os clientes.

A lógica da interação, na perspectiva dramaturgica, pode ser ilustrada com a seguinte passagem de Erving Goffman:

²¹ Op. cit. p.29.

²² Op. cit. p.29.

²³ Op. cit. p.31.

A atividade orientada para tarefas de trabalho tende a converter-se em atividade orientada para a comunicação: a fachada atrás da qual a prática é apresentada servirá para outras práticas um pouco diferentes e, assim, talvez não seja perfeitamente ajustada a qualquer delas em particular. O autocontrole exerce-se de modo a manter um consenso atuante: uma impressão idealizada é oferecida acentuando-se certos fatos e ocultando-se outros; o ator mantém a coerência expressiva tomando mais cuidado em prevenir-se contra os mínimos desacordos do que o público poderia imaginar levando em conta o propósito manifesto na interação. Todas essas características gerais das representações podem ser consideradas como coações da interação, que agem sobre o indivíduo e transformam suas atividades em representações. Em lugar de meramente realizar sua tarefa e dar vazão a seus sentimentos, expressará a realização de sua tarefa e transmitirá de modo aceitável seus sentimentos. Em geral, portanto, a representação de uma atividade diferirá da própria atividade e, por conseguinte inevitavelmente a representará falsamente²⁴.

São essas lógicas expressas na interação que serão investigadas no bordel pesquisado. Por isso, neste estudo exige-se que sejam analisadas as fachadas, o cenário, as maneiras de se manter o controle na interação, a forma como se minimizam os conflitos, entre outros.

Em se tratando de equipe de representação é entendido qualquer grupo de indivíduos que cooperem na encenação de uma rotina particular, ou seja, conforme expõe Goffman,

uma equipe, por conseguinte, pode ser definida como um conjunto de indivíduos cuja íntima cooperação é necessária, para ser mantida uma determinada definição projetada de situação. Uma equipe é um grupo, mas não um grupo em relação a uma estrutura ou organização social, e sim em relação a uma interação, ou série de interações, na qual é mantida a definição apropriada da situação²⁵.

Portanto, ao pensar as interações na substituição, é necessário se ocupar tanto das ações de um indivíduo isolado, quanto do conjunto de participante que forma uma equipe e sua interação com o todo.

Poderíamos mesmo dizer que se nosso interesse especial é o assunto do manejo das impressões, das contingências que surgem na promoção de uma impressão, e das técnicas para satisfazer tais contingências, então a **equipe e sua representação podem ser as melhores para se tomar como ponto fundamental de referência**²⁶.

²⁴ Op. cit. p.65-6.

²⁵ Op. cit. p.78.

²⁶ Op. cit. p.79. (grifos meus)

Os membros de uma equipe precisam cooperar diante de um público para desempenhar uma performance. Por isso, será analisado também como se dá a cooperação entre as profissionais do sexo tanto durante o desempenho quanto fora dele. As relações de dependência, reciprocidade e familiaridade são aspectos úteis de reflexão nesse contexto.

Examinar como ocorrem as interações sociais na zona de meritório implica em analisar uma representação desempenhada por uma equipe em que para alguém é dado o direito de dirigir e controlar o desenvolvimento de ação, segundo considera Goffman.

Se a platéia aprecia que a representação tenha um diretor, provavelmente o considerará mais responsável que os outros atores pelo sucesso da representação. Ele provavelmente responderá a esta responsabilidade fazendo exigências dramaturgicas a respeito da representação, que os atores não fariam a si mesmos²⁷.

É por isso que, de igual modo, nesta investigação será estudado quem possui o direito de dirigir a equipe formada por garotas de programa e como são as ações desse dirigente.

Um palco possui a região de fundo ou dos bastidores. É de grande importância refletir como essas regiões são formadas na zona de meritório.

uma região de fundo ou dos bastidores pode ser definida como o lugar, relativo a uma dada representação, onde a impressão incentivada pela encenação é sabidamente contradita como coisa natural. Há, sem dúvida, muitas funções características de tais lugares. É aqui onde se fabrica laboriosamente a capacidade de uma representação expressar algo além de si mesma. Aqui é onde as ilusões e impressões são abertamente construídas. Aqui os apoios do palco e os elementos da fachada pessoal pode ser guardados, numa espécie de aglomerado de repertórios inteiros de ações e personagens²⁸.

Assim, a partir da análise dessa região, que nem sempre é vista pela platéia - constituída pelo público frequentador - serão descritos os equipamentos que estão nesse espaço, como é preparada a cena que será desempenhada em público, cujo intuito é o de buscar revelar como funcionam os bastidores nesse ambiente.

²⁷ Op. cit. p.95.

²⁸ Op. cit. p.106.

Goffman elaborara uma teoria chave de interpretação dessa realidade ao analisar as interações indivíduos estigmatizados e “normais” e as maneiras como alguns ocultam a identidade tida como deteriorada em função do estigma recebido. Para tal, se volta a três momentos históricos para conceituar esse termo. Inicialmente, o autor mostra que os gregos criaram esse termo para se “referirem a sinais corporais com os quais se procurava evidenciar alguma coisa de extraordinário ou mau sobre o status moral de quem os apresentavam”²⁹. Tratava-se de uma marca corporal realizada com cortes ou fogo e objetivava expressar que a pessoa representava um mal para a sociedade. Essa marca fazia com que ela fosse evitada em diferentes relações sociais.

Posteriormente, na época do Cristianismo, as marcas corpóreas assumiram um significado metafórico. De um lado, representava a graça divina que era manifestada através da pele. De outro, evidenciava uma referência médica indicando sinais de distúrbios físicos.

Por fim, na atualidade o estigma é utilizado “de maneira um tanto semelhante ao sentido literal e original, porém é mais aplicado à própria desgraça do que à sua evidência corporal. Além disso, houve alterações nos tipos de desgraças que causam preocupação”³⁰.

Entretanto, Goffman não se contenta com esse entendimento no sentido de conceituação plena. Para ele, é preciso descrever as condições estruturais desse termo. Na tentativa de sanar essa lacuna, o autor delinea como a sociedade contemporânea estabelece mecanismos para categorizar as pessoas.

Os ambientes sociais estabelecem as categorias de pessoas que têm probabilidade de serem neles encontradas. As rotinas de relação social em ambientes estabelecidos nos permitem um relacionamento com “outras pessoas”, previstas sem atenção ou reflexão particular. Então, quando um estranho nos é apresentado, os primeiros aspectos nos permitem prever a sua categoria e os seus atributos, a sua “identidade social” – para usar um termo melhor do que “*status social*”, já que nele se

²⁹ *Ibidem*, p. 11.

³⁰ GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Tradução de Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes. Rio de Janeiro: LTC, 2008. p. 11.

incluem atributos como “honestidade”, da mesma forma que atributos estruturais, como “ocupação”³¹.

Ao analisar a teoria goffmaniana sobre o estigma, esta se apresenta como um conceito importante para este estudo tendo em vista que permite compreender como a ocupação profissional de uma mulher, neste caso a prostituta, direciona o olhar de setores de uma sociedade estigmatizante. Pois as pessoas que entram em interação, por vezes, baseiam-se, primeiramente, em pré-concepções sobre a atividade profissional e a transforma em expectativas.

Enquanto o estranho está à nossa frente, podem surgir evidências de que ele tem um atributo que o torna diferente de outros que se encontram numa categoria em que pudesse ser incluído, sendo, até, de uma espécie menos desejável [...] Assim, deixamos de considerá-lo criatura comum e total reduzindo-o a uma pessoa estragada e diminuída. Tal característica é um estigma, especialmente quando seu efeito de descrédito é muito grande [...] e constitui uma discrepância entre a identidade social virtual e a identidade social real”³².

Com isso, há espaços, sejam eles públicos ou privados, que pessoas tidas como desviantes não são “bem-vindas” dado ao preconceito recebido. A partir dessa separação de esferas, torna-se necessário investigar quais implicações essa postura traz para a interação social da mulher prostituta.

Ao distinguir as modalidades de estigma, o autor menciona três.

Em primeiro lugar, há as abominações do corpo – as várias deformidades físicas. **Em segundo, as culpas de caráter individual**, percebidas como vontade fraca, paixões tirânicas ou não naturais, crenças falsas e rígidas, desonestidade, sendo essas inferidas a partir da prisão, vício, alcoolismo, homossexualismo, desemprego, tentativas de suicídio e comportamento político radical. Finalmente, há os estigmas tribais de raça, nação e religião, que podem ser transmitidos através de linguagem e contaminar por igual todos os membros de uma família”³³.

Em face ao exposto, é preciso analisar as modalidades de estigma a que as garotas de programa estão submetidas. “Se um estigma fosse sempre aparente de imediato para qualquer uma das pessoas com as quais um indivíduo tem contato, então o interesse por ele também seria limitado”³⁴. Por isso, interessa também,

³¹ *Ibidem*, p. 12.

³² *Ibidem*, p. 12.

³³ *Op. cit.* p. 14. (grifos meus)

³⁴ *Op. cit.* p.84.

neste estudo, compreender em que medida omitir em determinadas interações a atividade profissional significa tentar minimizar ou quicá evitar a estigmatização sofrida pelo indivíduo.

Há estigmas importantes, como o das prostitutas, homossexuais, mendigos e viciados em drogas, que exigem que o indivíduo seja cuidadosamente reservado em relação a seu defeito com uma classe de pessoas, a polícia, ao mesmo tempo em que se expõe sistematicamente a outras classes, ou seja, clientes, cúmplices, contatos, receptadores de objetos roubados, etc.³⁵

O estigma que recai sobre a mulher que se prostitui pode conduzir a um entendimento de que esse ato se constitui em si mesmo como um desvio. No entanto, para refletir sobre qualquer atividade considerada desviante é preciso, antes de tudo, ter claro que regras são construções de grupos sociais que definem as pessoas que cumprem as normas impostas como "normais".

Em assim sendo, qualquer pessoa que deixar de cumprir essa norma será rotulada como desviante. A pessoa assim definida, contudo, pode, apenas, ter uma opinião divergente sobre determinado assunto. "Pode não aceitar a regra pela qual está sendo julgada e pode não encarar aqueles que a julgam competentes ou legitimamente autorizados a fazê-lo"³⁶. O resultado dessa situação leva a pessoa, considerada como infratora de determinadas regulamentações, a não se ver como desviante, mas sim vir a entender que desviantes são as pessoas que estabelecem normas sem estarem autorizados para tal função. Em suma, desviante pode ser tanto quem elabora e cumpre determinadas regras, quanto quem as deixa de cumprir. Portanto, o termo gera dúvida interpretação.

Se deve haver um campo de investigação chamado de "comportamento desviante" são os seus desviantes sociais, conforme aqui definidos, que deveriam, presumivelmente, constituir o seu cerne. As prostitutas, os viciados em drogas, os delinquentes, os criminosos, os músicos de jazz, os boêmios, os ciganos, os parasitas, os vagabundos, os gigolôs, os artistas de show, os jogadores, os malandros das praias, os homossexuais, e o mendigo impenitente da cidade seriam incluídos. São essas as pessoas consideradas engajadas numa espécie de negação coletiva da ordem social. Elas são percebidas como incapazes de usar as oportunidades disponíveis para o progresso nos vários caminhos

³⁵ Op. cit. p. 84.

³⁶ BECKER, Howard. **Outsiders**: estudos de sociologia do desvio. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2008. p. 15.

aprovados pela sociedade; mostram um desrespeito evidente por seus superiores; falta-lhes moralidade; elas representam defeitos nos esquemas motivacionais da sociedade³⁷.

Além de Erving Goffman, a pesquisa se ampara em Howard para refletir sobre o que vem a ser um comportamento desviante. Ao construir a conceitualização de desvio, esse teórico afirma que

a infração de alguma regra em relação à qual se concorda. [...] Quero dizer, mais do que isso, que os grupos sociais criam o desvio ao fazer as regras cuja infração constitui desvio e ao aplicar essas regras a pessoas particulares e rotulá-las como marginais e desviantes. Destes pontos de vista, o desvio não é uma qualidade do ato que a pessoa comete, mas uma consequência da aplicação por outras pessoas de regras e sanções a um "transgressor". O desviante é alguém a quem aquele rótulo foi aplicado com sucesso; comportamento desviante é o comportamento que as pessoas rotulam como tal³⁸.

Contribuindo com os estudos sobre o rótulo do desvio também merece destaque Renan Springer de Freitas, ao analisar o processo de negociação de identidades da meretriz. Segundo ele, as prostitutas elaboram concepções sobre a sociedade imputando carisma ou desvio aos outros e não a si mesmas. Para algumas prostitutas o desvio está nas mulheres que exercem relações promíscuas ou moralmente reprováveis sem receber a contrapartida financeira³⁹.

Tendo em vista que o desvio, no caso da prostituição, torna-se uma relação de confronto entre acusados e acusadores, o presente estudo opta por não definir a prostituição como desviante em função das lições de Howard Becker⁴⁰, quando o autor demonstra que, por diversas vezes, a ciência aceitou a premissa fundamentada no senso comum de que há algo diferente no desviante em relação aos atos que transgridem as regras sociais.

Em geral, os cientistas aplicam ao objeto de estudo o rótulo desviante tomando-o por certo. À medida que fazem isso, aceitam fielmente, por vezes sem questionar, os valores impostos por determinados grupos que formulam o

³⁷ GOFFMAN, Op. cit. p. 154.

³⁸ BECKER, Howard. Marginais e desviantes. In: _____, **Uma teoria da ação coletiva**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1977. p. 60. (grifos no original).

³⁹ FREITAS, Renan Springer de. **Bordel bordéis**: negociando identidades. Rio de Janeiro: Vozes, 1985 p. 89-90.

⁴⁰ BECKER, Howard. **Outsiders**: estudos de sociologia do desvio. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2008. p. 17.

neste estudo, compreender em que medida omitir em determinadas interações a atividade profissional significa tentar minimizar ou quicá evitar a estigmatização sofrida pelo indivíduo.

Há estigmas importantes, como o das prostitutas, homossexuais, mendigos e viciados em drogas, que exigem que o indivíduo seja cuidadosamente reservado em relação a seu defeito com uma classe de pessoas, a polícia, ao mesmo tempo em que se expõe sistematicamente a outras classes, ou seja, clientes, cúmplices, contatos, receptadores de objetos roubados, etc.³⁵

O estigma que recai sobre a mulher que se prostitui pode conduzir a um entendimento de que esse ato se constitui em si mesmo como um desvio. No entanto, para refletir sobre qualquer atividade considerada desviante é preciso, antes de tudo, ter claro que regras são construções de grupos sociais que definem as pessoas que cumprem as normas impostas como "normais".

Em assim sendo, qualquer pessoa que deixar de cumprir essa norma será rotulada como desviante. A pessoa assim definida, contudo, pode, apenas, ter uma opinião divergente sobre determinado assunto. "Pode não aceitar a regra pela qual está sendo julgada e pode não encarar aqueles que a julgam competentes ou legitimamente autorizados a fazê-lo"³⁶. O resultado dessa situação leva a pessoa, considerada como infratora de determinadas regulamentações, a não se ver como desviante, mas sim vir a entender que desviantes são as pessoas que estabelecem normas sem estarem autorizados para tal função. Em suma, desviante pode ser tanto quem elabora e cumpre determinadas regras, quanto quem as deixa de cumprir. Portanto, o termo gera dúvida interpretação.

Se deve haver um campo de investigação chamado de "comportamento desviante" são os seus desviantes sociais, conforme aqui definidos, que deveriam, presumivelmente, constituir o seu cerne. As prostitutas, os viciados em drogas, os delinquentes, os criminosos, os músicos de jazz, os boêmios, os ciganos, os parasitas, os vagabundos, os gigolôs, os artistas de show, os jogadores, os malandros das praias, os homossexuais, e o mendigo impenitente da cidade seriam incluídos. São essas as pessoas consideradas engajadas numa espécie de negação coletiva da ordem social. Elas são percebidas como incapazes de usar as oportunidades disponíveis para o progresso nos vários caminhos

³⁵ Op. cit. p. 84.

³⁶ BECKER, Howard. **Outsiders**: estudos de sociologia do desvio. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2008. p. 15.

juízo. No entanto, conforme aponta Gilberto Velho, não existem desvios em si mesmos, mas sim uma relação entre atores (indivíduos, grupos) que acusam outros de estarem descumprindo, com esse comportamento, limites e valores impostos socioculturalmente. Trata-se, portanto, de um confronto entre acusadores e acusados⁴¹.

Ocorre que,

Na medida em que a visão do senso comum do desvio e as teorias científicas que começam com suas premissas assumem que os atos que transgridem regras são inerentemente desviantes e, assim, tomam como certas as situações e processos de julgamento, elas podem deixar de fora uma importante variável. Se os cientistas ignoram o caráter variável do processo de julgamento, podem, com essa omissão, limitar os tipos de teorias que podem ser desenvolvidas e o tipo de compreensão que pode ser alcançado⁴².

Foram descritas as ferramentas teóricas que permitem pensar a interação na perspectiva dramática. No entanto, há outro ingrediente dessa trama que não pode ser ignorada que é a função desempenhada pelo dinheiro no curso da interação.

1.3 - Prostituição: o papel do dinheiro na interação e sociabilidade

Apresenta-se aqui a contribuição de Georg Simmel e suas elaborações conceituais para a pesquisa. Os olhares dirigiram-se prioritariamente para as definições que o autor traz sobre interação e sociabilidade, uma vez que essas duas abordagens permitem refletir sobre a sociedade, tendo em vista que a análise sociológica simmeliana a compreende como a soma dos indivíduos em interação.

⁴¹ VELHO, Gilberto. O estudo do comportamento desviante: a contribuição da Antropologia Social. In: _____ (org.), **Desvio e divergência: uma crítica da patologia social**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1981. P. 23.
⁴² BECKER, Howard. **Outsiders: estudos de sociologia do desvio**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2008. p. 17.

Para avançar, é preciso seguir, todavia, a pista iniciada por esse autor ao dissecar as características da estrutura da sociedade quando atribui crucial importância de análise a duas diferenciações básicas: *forma* e *conteúdo*. É dessa divisão analítica que decorre outra linha de investigação, a de que a interação entre os membros da sociedade se origina a partir de *determinados impulsos* ou em *busca de certas finalidades*.

De acordo com essa perspectiva, os indivíduos vivem e agem uns com os outros, ou contra os outros, influenciando-se reciprocamente a partir de seus impulsos, sejam eles eróticos, religiosos, de interesses, de conquistas, de ganho de jogos, com intenções de ataque, com propósitos de auxílio e até por necessidade de defesa⁴³. É a partir desses interesses que os indivíduos se *sociam* formando uma unidade, isto é, uma sociedade.

A medida que ocorre a integração dos indivíduos, é preciso compreender a forma e o conteúdo dessa socição. Simmel entende que o conteúdo da socição é tudo o que existe no indivíduo, tais como: impulsos, interesses finalidades, tendências entre outros. Já por conteúdo entende-se tudo aquilo que se encontra presente no indivíduo, cujo objetivo consiste em causar ou mediar os efeitos sobre o outro, ou então receber esses efeitos dos outros⁴⁴.

Ocorre que o conteúdo por si só não faz nenhum sentido para socição, isto é, a interação. Estes, por sua vez, só passarão a fazer parte da dinâmica interacional quando deixarem de serem meros e isolados conteúdos individuais e se transformarem em *formas* de estar com o outro, ou até mesmo a maneira de ser com o outro em determinada socição, cujo entendimento é:

A socição é, portanto, a *forma* (que se realiza de inúmeras maneiras distintas) na qual os indivíduos, em razão de seus interesses – sensoriais, ideais, momentâneos, duradouros ou teleologicamente determinados – se desenvolvem conjuntamente em direção a uma unidade no seio da qual esses interesses se realizam⁴⁵.

⁴³ SIMMEL, Georg. A sociabilidade (Exemplo de sociologia pura ou formal). In: _____, **Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade**. Tradução de Pedro Caldas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006. p. 59-60.

⁴⁴ Idem. p. 60.

⁴⁵ Ibidem. p. 60.

Em síntese, a interação se constitui na *forma* como os determinados impulsos, sentimentos e desejos - *conteúdo* - que estão no indivíduo são materializados, à medida que este, por sua vez, sai da individualidade em busca de certas finalidades e cujo objetivo consiste em interagir com o outro.

Alerta-se para o fato de que não se pode estudar as dinâmicas de socição entre as garotas de programa sem levar em consideração as questões do conflito como socição em si. Simmel, ao abordar esse assunto, chama a atenção para necessidade de abordagem sociológica do conflito. Para ele, o próprio conflito produz grupos de interesses e traz alguma forma de unidade.

Se toda interação entre os homens é uma forma de socição, o conflito – afinal, uma das mais vividas interações e que, além disso, não pode ser exercida por um indivíduo apenas – deve certamente ser considerada uma socição. E de fato, os fatores de dis-socição – ódio, inveja, necessidade, desejo – são as *causas* do conflito; este interrompe devido a essas causas. O conflito está assim destinado a resolver dualismos divergentes; é um modo de conseguir algum tipo de unidade, ainda que através da aniquilação de uma das partes conflitantes⁴⁶.

Considerando ao alerta feita pelo autor, esta investigação analisa as dinâmicas de interação também sob a luz do conflito. O interesse é a compreensão de como se pode alcançar uma unidade numa interação em que há relações conflitantes. Ou, dito de outro modo, será investigada como se dá a relação entre as garotas de programa que estão constantemente em interação, porém com relações de conflito estabelecidas. A discórdia, como se percebe, não necessariamente desfaz o que a socição constrói, como se aquilo que ficasse da interação fosse o resultado da subtração dos desacordos.

Para Simmel, o conflito atua como força integradora do grupo, mantendo-o, em última instância, unido, à medida que aproxima pessoas que, de outra maneira, não teriam qualquer relação em si. Por isso, fica evidente a existência de uma lógica própria em situações que carecem serem investigadas quando se pensam estudos em que estejam previstas relações interacionais.

⁴⁶ SIMMEL, Georg.. A natureza sociológica do conflito. In: MORAES FILHO, Evaristo de (Org). **Georg Simmel**: Sociologia. São Paulo: Ática, 1983. (Coleção Grandes Cientistas Sociais, vol. 34) p. 122.

A base da sociedade humana é formada a partir de interesses diversos, o que faz gerar diferentes formas de socição, mantendo a estrutura da sociedade. Até aqui, foi demonstrado o que Simmel denomina de interação. É preciso registrar que muitas confusões têm ocorrido quando a interação é vista como sinônimo de sociabilidade. Por isso, com o intuito de não cair nessa armadilha, passo agora a indicar os elementos necessários para a existência da sociabilidade.

Para haver sociabilidade é preciso que ocorra a autonomização dos conteúdos da interação. Entende-se por autonomização o ato de se liberar de determinados laços das realidades da vida, ou, usando as palavras de Simmel para elucidar o termo,

O que é autenticamente "social" nessa existência é aquele ser com, para e contra com os quais os conteúdos e interesses materiais experimentam uma forma ou um fomento por meio de impulsos ou finalidades. Essas formas adquirirão então, puramente por si mesmas e por esse estímulo que delas irradia a partir dessa liberação, uma vida própria, um exercício livre de todos os conteúdos materiais, **esse é justamente o fenômeno da sociabilidade**⁴⁷.

Enquanto a interação é movida por interesses que vão além de estar em socição, na sociabilidade isso não deve ocorrer. Ela precisa ser autônoma num ambiente em que os únicos interesses sejam o sentimento e a satisfação mútua de estarem socializados, num vínculo onde a sociabilidade consista num derivado da socição. Por isso, para haver sociabilidade é preciso que exista interação. No entanto, para que esta exista, não é preciso que haja aquela.

Essa autonomização permite que os indivíduos apreciem o puro processo de socição em si. "O 'impulso de sociabilidade' extrai das realidades da vida social o puro processo de socição como um valor apreciado, e através disso constitui a sociabilidade no sentido estrito da palavra"⁴⁸. A sociabilidade, em oposição ao racionalismo, que em algumas vezes impera na interação, desvincilha-se da

⁴⁷ SIMMEL, Georg. A sociabilidade (Exemplo de sociologia pura ou formal). In: **Questões fundamentais da sociologia**: indivíduo e sociedade. Tradução de Pedro Caldas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006. p. 64.

⁴⁸ SIMMEL, Georg. Sociabilidade: um exemplo de sociologia pura ou formal. In: MORAES FILHO, Evaristo de (Org). **Georg Simmel**: Sociologia. São Paulo: Ática, 1983. (Coleção Grandes Cientistas Sociais, vol. 34) p. 169.

realidade da vida social à medida que se poupa de determinados atritos e ocupa um papel simbólico na vida de alguns indivíduos.

A sociabilidade se poupa dos atritos por meio de uma relação meramente formal com ela. Todavia, quanto mais perfeita for como sociabilidade, mais ela adquire da realidade, também para os homens de nível inferior, um papel simbólico que preenche suas vidas e lhes fornece um significado que o racionalismo superficial busca somente nos conteúdos concretos⁴⁹.

Em linhas gerais, a sociabilidade é definida como a forma lúdica de sociação. No entanto, prefiro usar o termo "autônomo" no lugar de lúdico pela razão que passo a explicar. Na tradução para a língua portuguesa, há, sobre o termo lúdico, a seguinte passagem:

como categoria sociológica, designo assim a sociabilidade como a forma lúdica de sociação. Sua relação com a sociação concreta, determinada pelo conteúdo, é semelhante à relação do trabalho de arte com a realidade⁵⁰.

Ao fazer a analogia entre arte e jogo, Simmel afirma que "tanto na arte como no jogo, as formas que se desenvolveram a partir da realidade da vida criaram seu domínio autônomo com relação a realidade"⁵¹. Isto é, a cada vez que arte e jogo se autonomizam da vida, estes, por sua vez, tornam-se entretenimento. Acresce-se ainda, ao fato de em várias traduções brasileiras, haver um subtítulo denominado como "A sociabilidade como a forma *autônoma ou lúdica* de sociação". Ou seja, há na própria tradução a utilização do termo autônomo para referir ao aspecto da sociabilidade. Em face ao exposto, e por entender que autônomo é mais abrangente que lúdico, ao remeter ao ato de desvencilhar é que se compreende "a sociabilidade como a forma autônoma de sociação".

Outra diferenciação entre a interação e a sociabilidade é que somente nesta qualquer problema, por maior que seja, "chega a uma solução" em que não é possível em nenhum outro lugar em função de sua autonomização ou

desvencilhamento da realidade⁵². Na sociabilidade é preciso que o indivíduo exerça uma autorregulação. Em sua relação com os outros se torna necessário que nenhum interesse egoísta assuma a função reguladora.

Decorre dessa situação o fato de que, na sociabilidade, as significações individuais que tem seu foco fora do círculo sociado não entram nesse processo. "Assim, esse caráter objetivo, que gira em torno da personalidade, precisa se separar de sua função como elemento da sociabilidade⁵³". Por isso, aquilo que representa as características individuais da pessoa, tais como: caráter e humor, por exemplo, não podem possuir nenhuma função na dinâmica da sociabilidade. O que ocorre é uma verdadeira exclusão dos elementos pessoais do indivíduo. É dessas amarras que ele precisa se liberar para entrar em sociabilidade. Ele se livra de qualquer significado material da personalidade para entrar de maneira socialável apenas com as capacidades, os estímulos e interesses de sua humanidade pura⁵⁴.

É em função dos critérios acima expostos que reside o limite da sociabilidade. Por isso, é importante para esta análise verificar em quais momentos ocorrem as dinâmicas de interação e, se é possível ou não, a existência de relações de sociabilidade no ambiente de substituição.

Na sociedade capitalista o "dinheiro confere, por um lado, um caráter impessoal, anteriormente desconhecido, a toda atividade econômica, por outro lado, aumenta, proporcionalmente, a autonomia e a independência da pessoa"⁵⁵. Considerando esse poder gerado pelo dinheiro, é mister analisar que autonomia e independências são estas proporcionada por quem detém o poder de compra durante a interação entre cliente e garota de programa.

Aquele caráter impessoal e não colorido, que é típico para o dinheiro em oposição aos outros valores específicos, tem de se reforçar continuamente ao longo da história cultural, na medida em que o dinheiro tem de substituir mais e mais coisas cada vez mais variadas. É exatamente esta ausência de um caráter específico que tornou possíveis os seus serviços imensos, gerando uma comunidade ativa de indivíduos e grupos que

⁴⁹ Op. cit. p. 65.

⁵⁰ Op. cit. p. 67.

⁵¹ Ibidem, p. 68.

⁵² SIMMEL, Georg. O dinheiro na cultura moderna. In: SOUZA, Jessé; ÖELZE, Berthold (orgs.). **Simmel e a modernidade**. Brasília: EdUnb, 1998. p. 24.

⁴⁹ _____. A sociabilidade (Exemplo de sociologia pura ou formal). In: _____. **Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade**. Tradução de Pedro Caldas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006. p. 65.

⁵⁰ Idem, p. 169.

⁵¹ Ibidem, p. 63.

1.4 - Prostituição e gênero

Conceituar gênero é caminhar por uma trilha que ainda está sendo construída e tem muito a ver com política e teoria. O próprio conceito foi fruto tanto de discussões políticas quanto teóricas⁶⁰. O termo gênero – masculino/feminino – tem sido utilizado diversas vezes como sinônimo de referência sexual no campo da Biologia. Isto é, o fato de se ser macho ou fêmea.

Todavia, o surgimento desse termo nas Ciências Humanas vem com outro sentido. Pois, sexo se refere aos componentes biológicos que distinguem o macho da fêmea dentro da espécie humana. Dito de outro modo, o adjetivo sexual diz respeito à anatomia e a fisiologia.

Enquanto gênero tem um sentido cultural, visando a compreensão das relações sociais entre os sexos. Em síntese, pode-se dizer: sexo é biológico enquanto gênero é cultural. De acordo com Vlezzer, ser homem ou ser mulher não depende só de nascer macho ou fêmea, mas corresponde a assumir e a desempenhar papéis e funções nas relações com outras pessoas que a sociedade aponta como sendo masculinas e femininas⁶¹.

Louise Tilly, ao comentar o sexo das mulheres, mostra que, mesmo sendo definidas pelo sexo, as mulheres são algo mais do que uma categoria biológica. Elas existem socialmente e compreendem pessoas do sexo feminino de diferentes idades, de diferentes situações familiares, pertencentes a diferentes classes sociais, nações e comunidades. Suas vidas são modeladas por diferentes regras sociais e costumes, em um meio no qual se configuram crenças e opiniões decorrentes de estruturas de poder⁶².

Joan Scott conceitua gênero como uma categoria relacional. Ou seja, indicando o termo gênero para o entendimento dos estudos das relações sociais

⁶⁰ SILVA, Kaima Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de conceitos históricos**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 166. (verbeta Gênero).

⁶¹ VIEZZER, Moema. **O problema não está na mulher**. São Paulo: Cortez, 1989. p. 108.

⁶² TILLY, Louise. Gênero, história das mulheres e história social. **Cadernos Pagu**. Campinas, n.º 3, 1994. p. 31. pp. 29-62.

normalmente insistem na sua separação e distancia mútua em todos os outros aspectos. Forma-se então, um novo fio condutor para os conteúdos de vida que podem ser sociados⁵⁶.

O dinheiro possibilita a aquisição de determinados objetos que, de outro modo, seria impossível ou mais demorado. Ele diminui a distância da conquista em determinados interesses.

A posição central que o dinheiro assume por meio do crescimento enorme do círculo de objetos alcançáveis por ele irradia a sua influência em vários traços característicos da vida moderna. O dinheiro abriu, para o homem singular, a chance à satisfação plena de seus desejos numa distância muito mais próxima e mais cheia de tentações. Existe a possibilidade de ganhar, quase com um golpe só, tudo que é desejável⁵⁷.

Assim, é preciso verificar em que medida o dinheiro, advindo da atividade prostitucional, diminui a distância em algumas conquistas e como as garotas de programa vivenciam essa situação. Bem como o que o dinheiro proporciona na interação entre garota de programa e cliente quando ele é disponibilizado e o que ocorre nessa dinâmica quando o aspecto mercantil deixa de se fazer presente.

As coisas são amoladas e alisadas, falando metaforicamente, na medida em que encontram o seu valor correspondente num meio de troca totalmente descolorido, sob qualquer caráter definido e específico. Diminuem-se as suas superfícies de atrito no decorrer de um processo de compensação/igualização⁵⁸.

"No pagamento em dinheiro, a personalidade não se dá mais a si mesma, mas sim a algo totalmente abstrato e livre de toda relação interna com o indivíduo⁵⁹". Assim, é a partir das reflexões simmelianas, que será analisada como se dá a interação na zona de meretrício, local onde essa dinâmica ocorre não pelo prazer de estar sociado, mas de maneira totalmente livre da relação de pessoalidade em função do pagamento em dinheiro.

⁵⁶ Idem. p. 25.

⁵⁷ Ibidem. p. 24-25.

⁵⁸ Op. cit. p. 39.

⁵⁹ Op. cit. p. 29.

entre homens e mulheres, visando a compreensão de como essas relações são organizadas em diferentes sociedades, épocas e culturas. Logo, esse termo abarca estudos não somente sobre mulheres, mas também de homens e ainda das relações entre homens e mulheres.

Segundo Scott⁶³, o termo gênero foi inicialmente utilizado pelas feministas americanas que buscavam acentuar o caráter fundamentalmente social das distinções fundadas sobre o sexo, ou seja, a palavra remetia a uma rejeição ao determinismo biológico implícito no uso de termo como "sexo" ou "diferença sexual". Cabe ressaltar que o termo foi proposto por historiadoras que acreditavam que as pesquisas sobre mulheres transformariam os paradigmas da disciplina e, além de acrescentar novos temas, imporia uma reavaliação crítica das premissas e critérios dos trabalhos científicos. Implicando, dessa forma, não apenas numa nova história das mulheres, mas sim em uma "Nova História". Além disso, ao acreditar estar fazendo uma nova história, tornava-se fundamental a articulação do gênero como classe e raça.

Porém, Scott argumenta que em seu uso descritivo, gênero é apenas um conceito associado ao estudo das coisas relativas às mulheres. Um novo tema, um novo domínio, mas não com força de análise suficiente para interrogar e mudar os paradigmas históricos existentes, ressaltando inclusive a defasagem entre a alta qualidade dos trabalhos recentes da história das mulheres e seu estatuto que permanece marginal em relação ao conjunto da disciplina.

Em sua utilização atual mais simples, gênero tem-se tornado sinônimo de mulheres, haja vista que muitos livros, artigos e outras publicações que trazem em seu bojo estudos sobre as mulheres têm substituído o termo por gênero.

Por outro lado, para a referida autora, a utilização do termo visa indicar a erudição e a seriedade de um trabalho. Pois, gênero tem uma conotação mais objetiva e neutra do que mulheres.

⁶³ SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & realidade**. Porto Alegre, 16(2):5-22, jul/dez. 1990.

Essa mesma autora, com base em algumas reflexões sobre gênero, apresenta uma proposta teórica buscando alguns esclarecimentos a respeito desse conceito e como as explicações entre os sexos se estruturaram ao longo da história. Em linhas gerais, a proposta se divide em duas partes: de um lado, gênero como um elemento constitutivo de relações sociais baseados nas diferenças entre os sexos; e de outro, é uma forma primeira de significar as relações de poder.

Portanto, percebe-se que historicamente o conceito de gênero surgiu para contrapor uma visão que enfatizava as diferenças biológicas, ou sexuais entre homens e mulheres que acabavam naturalizando a dominação masculina. A nova categoria veio enfatizar que a natureza não explica e nem determina a relação entre os sexos, mas sim, os componentes sociais e culturais que interferem decisivamente na maneira pelas quais os gêneros se relacionam.

Pierre Bordieu mostra que o *ser* não é dotado de autonomia, no sentido da percepção de si mesmo. Inversamente, ele é um *ser percebido* pelos outros que impõe, com os argumentos da naturalização sexual, formas simbólicas de dominação e percepções de práticas e atitudes aceitas de acordo com sua sexualidade nas sociedades. Isso é tão impactante que chega ao ponto de o dominador ter a aprovação do ato da dominação pelo próprio dominado⁶⁴. Nessa configuração do *ser percebido*, tem-se claramente a intenção de inserir a mulher no âmbito da dependência simbólica em que ela primeiro existe pelo e para o olhar dos outros.

Decorre desse entendimento a expectativa que ela seja receptiva, atraente e esteja sempre disponível para agradar ao homem. Por isso, dela é esperado simpatia, atenção, submissão. Os reflexos dessa situação histórica no âmbito da interação é a existência de diferentes formas de violência justificadas nesse naturalizar da condição feminina. Nas dinâmicas interacionais há situações em que as mulheres na condição de dominadas não conseguem sequer vislumbrar outras possibilidades de atuação que não estejam de acordo com os esquemas dominantes.

⁶⁴ BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Tradução de Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

Os dominados aplicam categorias construídas do ponto de vista dos dominantes às relações de dominação, fazendo-as assim ser vistas como naturais. O que pode levar a uma espécie de auto-depreciação ou até de autodesprezo sistemáticos⁶⁵.

Fundamentado nessa perspectiva, usarei o conceito de gênero para refletir sobre as formas de violência expressas pela dominação masculina exercida contra garotas de programa nos momentos de socialização.

Procurei não adjetivar a violência com o termo simbólica em oposição à física de maneira proposital, com o intuito de não minimizá-la em nenhum caso ao presumir que, por mais que pareça redundante, a violência, seja ela física ou simbólica, é sempre violência. Embora, em se tratando da simbólica, adentrarei num campo movediço tendo em vista a dificuldade que as próprias mulheres têm para perceber que estão sendo violentadas. A dominação masculina se exerce através da violência simbólica que é entendida como uma "violência suave, insensível, invisível a próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento ou do desconhecimento⁶⁶".

Comungo com análise sobre a dominação masculina trazida por Pierre Bourdieu ao esclarecer que, de forma alguma, a violência simbólica se caracteriza por uma ação onde a agressão física não se faz presente.

Embora eu não tenha a menor ilusão quanto a meu poder de dissipar de antemão todos os mal-entendidos, gostaria apenas de prevenir contra os contra-sensos mais grosseiros que são comumente cometidos a propósito da noção de violência simbólica e que têm todos por princípio uma interpretação mais ou menos redutora do adjetivo "simbólico", aqui usado em um sentido que eu considero rigoroso [...] Ao tomar "simbólico" em um de seus sentidos mais correntes, supõe-se, por vezes, que enfatizar a violência simbólica é minimizar o papel da violência física e (fazer) esquecer que há mulheres espancadas, violentadas, exploradas, ou, o que é ainda pior, tentar desculpar os homens por essa forma de violência. O que não é obviamente o caso. Ao se entender "simbólico" como o oposto de real, de efetivo, a suposição é de que a violência simbólica seria uma violência meramente espiritual e, indiscutivelmente, sem efeitos reais. É esta distinção simplista, característica de um materialismo primário, que a teoria materialista de bens simbólicos, em cuja elaboração eu venho há

⁶⁵ Idem. p. 46.

⁶⁶ Ibidem. p. 09.

muitos anos trabalhando, visa a destruir, fazendo ver, na teoria, a objetividade da experiência subjetiva das relações de dominação⁶⁷.

Dada a dimensão da violência física que está presente na sociedade, a simbólica parece um mal menor pelo fato de não deixar marcas visíveis como a física. Por isso, ao não deixar sinais externos, apenas internos, ela tem sido tratada como um fenômeno por vezes até desconsiderável, não apenas por quem toma a iniciativa de violentar, mas também pelas próprias vítimas.

Essas são as formas de violência que, através da perspectiva de gênero, busquei descortinar: os chamados "pequenos" atos de abusos e submissão expressos pela coerção psicológica, emocional, financeira praticados no cotidiano da interação entre homens e mulheres no interior do cabaré. Essa é

uma violência que não deixa marcas aparentes é tão sutil que sua vítima – a mulher – fracassada em reconhecê-la como tal, embora vá, passo a passo, destruindo seu bem estar e sua auto-estima, criando um estado de confusão e incapacidade [...] Ao não deixar marcas, mantém-se no segredo da vida privada, sendo na maior parte das vezes, ignorados por suas próprias vítimas, confundidos que são com atenção, amor, ciúmes, proteção ou mesmo perda de controle diante da natural incapacidade ou inferioridade feminina, quando, do que de fato se trata, é da perpetuação do poder do homem em relação a sua parceira⁶⁸.

Mary Susan Miller, ao investigar as diferentes formas de abuso não físico protagonizado por homens, relata que a violência que não inclui danos corporais continua num canto escuro do armário para onde poucos querem olhar. O silêncio indica que as feridas não deixam cicatrizes no corpo. As mulheres agredidas têm medo de olhar para as feridas que marcam suas almas. Não olhar, entretanto, não significa que elas não estejam lá⁶⁹.

As estruturas de dominação são produto de um trabalho incessante (e, como tal, histórico) de reprodução para o qual contribuem agentes específicos (entre os quais os homens, com suas armas como a violência física e a violência simbólica) e instituições, família, igreja, escola, estado⁷⁰.

⁶⁷ Op. cit. p. 45-6.

⁶⁸ MILLER, Mary Susan. **Feridas invisíveis: abuso não-físico contra mulheres**. Tradução Denise Maria Bolanho. São Paulo: Summus, 1999. p. 10.

⁶⁹ Idem. p. 20

⁷⁰ Ibidem. p. 46. (grifos no original)

O abuso não-físico se impõe de diferentes maneiras na interação, incluindo formas de violência simbólica tais como: medo, ameaças, submissão à vontade alheia, entre outros. Ele é utilizado como um meio para o exercício de poder. Há aqueles que abusam não pelo prazer de infligir a dor, mas sim pela necessidade de controlar. O controle significa seu fim em si mesmo.

Por vezes, o agressor começa com uma reclamação. Momentos depois se desvia para críticas constantes. Em seguida, xingamentos e tom alto de voz se fazem presentes. O resultado é que, enquanto para o homem isso não é considerado um problema, a garota de programa é envergonhada em público com gritos e humilhações.

Para suportar esse abuso emocional, a prostituta acaba por negar seus sentimentos e vontades, numa clara submissão à dominação masculina. "Embora seus ossos não sejam nunca sejam quebrados, sua carne nunca seja queimada, seu sangue nunca seja derramado, mesmo assim ela é ferida. Sem autoconfiança e auto-respeito, ela vive vazia, sem uma identidade pela qual se expressar. Cede o controle de sua vida ao seu vitimizador"⁷¹.

Segundo Pierre Bourdieu,

A violência simbólica se institui por intermédio da adesão que o dominado não pode deixar de conceder ao dominante (e, portanto, à dominação) quando ele não dispõe, para pensá-la e para se pensar, ou melhor, para pensar sua relação com ele, mais que de instrumentos de conhecimento que ambos têm em comum e que, não sendo mais que a forma incorporada da relação de dominação, fazem esta relação ser vista como natural; ou, em outros termos, quando os esquemas que ele põe em ação para se ver e se avaliar, ou para ver e avaliar os dominantes (elevado/baixo, masculino/feminino, branco/negro etc.), resultam da incorporação de classificação assim naturalizadas, de que seu ser social é produto.⁷²

Assim, à luz de Pierre Bourdieu, é preciso trazer à baila as maneiras como ocorrem a dominação masculina e as violências de gênero sofridas pelas mulheres nos momentos de socição no interior da zona de meritício e que, geralmente,

não vão para as páginas policiais dos jornais e sequer a polícia e autoridades judiciais tomam conhecimento.

Essas são as ferramentas teóricas que permitem refletir sobre a prostituição feminina. Antes de adentrar nas questões metodológicas, no próximo capítulo, discutirei como a prostituição tem sido vista no campo jurídico e as tentativas de regulamentação dessa atividade no cenário brasileiro.

⁷¹ Op. cit. p. 40.
⁷² BOURDIEU, Pierre. Op. cit. p. 47.

CAPÍTULO II

2 - A PROSTITUIÇÃO NO CONTEXTO BRASILEIRO

2.1 - Perspectivas jurídicas sobre a prostituição

Diante da prostituição, o Estado pode adotar três atitudes: 1. autorizar através de regulamentação específica seu livre exercício, sendo visto como Regulamentarista; 2. proibir através de legislação própria seu funcionamento, sendo caracterizado como Proibicionista e 3. não regulamentar, nem proibir a prostituição em si, mas, criminalizar, com o intuito de abolir, quem explora essa atividade por enxergar nessa prática uma forma de violência, sendo descrito como Abolicionista, tal como é o Brasil hoje.

Nickie Roberts, em *As prostitutas na história*¹, revela que a primeira postura adotada oficialmente visando autorizar legalmente a prática da prostituição foi o Regulamentarismo. Esse termo foi utilizado, inicialmente, para descrever a política adotada por Sólon que governou Atenas na virada do séc. VI a.C.

A PROSTITUIÇÃO NO CONTEXTO BRASILEIRO

Quando as prostitutas tiverem os mesmos direitos e liberdades dos outros cidadãos, vamos saber que a nossa sociedade tomou um passo decisivo rumo à maior democracia para todos nós.

(Nickie Roberts)

Sólon introduziu um abrangente programa de leis que foi designado para regulamentar o lugar de todas as mulheres na sociedade ateniense e ao mesmo tempo continuar a tradição de divórcios em "boas" mulheres e o resto. Inevitavelmente, como resultado destas táticas de regulamentação, começou ele próprio a organizar o negócio que resultou em grande proliferação por toda Atenas de bordéis regulamentados pelo estado.²

Portanto, é dessa maneira que surge a expressão Regulamentarista para caracterizar o Estado que, através de regras próprias, organiza o funcionamento dos bordéis. Por outro lado o Estado será referenciado como Proibicionista, se oficialmente, proibir o funcionamento dos bordéis criminalizando, através de leis, quem procura as prostitutas, ou quem oferece o corpo numa relação mediada pelo dinheiro.

Quem define a postura adotada pelo Estado, entre proibir, regulamentar e abolir, é a própria legislação através de leis específicas para esse fim. Não por

¹ ROBERTS, Nickie. **As prostitutas na história**. Tradução de Magda Lopes. Rio de Janeiro: Record/Rosa dos Tempos, 1998, p. 34.

² Idem., p. 34.

acaso que o sistema Proibicionista considera a prostituição um delito criminal e, assim, veda essa atividade, enxergando-a como um crime e punindo, tanto prostitutas e clientes como quem a favoreça.

Segundo Manuela Tavares, essa postura Proibicionista,

Existe nos EUA, na China, em Malta, em Eslovénia e em outros países do Leste Europeu. São os setores mais conservadores e puritanos da sociedade que defendem este modelo. Esta proibição não elimina a prostituição, antes favorece a sua clandestinidade³.

A terceira postura consiste em permitir o exercício da prostituição, mesmo sem regulamentação própria e penalizar, com o intuito de abolir, quem se favorece dessa atividade, tal como é hoje no Brasil, que se enquadra no modelo Abolicionista.

O Brasil é um país considerado Abolicionista em relação à prostituição tendo assinado, em 1951, o Tratado Abolicionista Internacional, da ONU. Possui uma política de tolerância, não penalizando quem exerce a atividade, mas considerando crime ser gerente ou dono de casa de prostituição, impedindo o requerimento de leis trabalhistas. Pode-se observar que, por trás de tal postura, há uma visão de que a prostituta não tem culpa, sendo uma vítima que é "induzida ou atraída à prostituição", conforme descrito no Código Penal Brasileiro⁴.

O Regulamentarismo, partindo do princípio da ineficácia do sistema Proibicionista, e entendendo que a prostituição é um fenômeno social que se torna impossível de erradicar, objetiva manter a prática da prostituição em local determinado cujo fim é controlar e limitar seus efeitos na sociedade. Assim, é preciso que a prostituta cumpra as regras estabelecidas pelo Estado para ter a garantia do exercício de seu trabalho. Neste modelo não existe penalização para a mulher que se prostitui. Ela é vista como uma prestadora de serviço e o cliente é tido como consumidor tanto dos serviços prestados pela mulher como de quem faz desta atividade um negócio.

³ TAVARES, Manuela. **Prostituição**: diferentes posicionamentos do movimento feminista. Grupo de Trabalhos – Debates. UMMAR - União de Mulheres Alternativa e Resposta. Lisboa. Portugal. p. 04. Disponível em < <http://www.ummarfeminismos.org/grupostrabalho/debates.html> > Acesso em: 20 de maio de 2009.

⁴ BARRETO, Letícia Cardoso. **Prostituição, gênero e sexualidade: hierarquias sociais e enfrentamento no contexto de Belo Horizonte**. 2008, 160 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia), Programa de Pós Graduação em Psicologia. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2008.

Numa olhadela pela história, logo se percebe que até o século passado o critério Regulamentarista era praticamente tranqüilo, momentaneamente nos últimos tempos e o modelo francês se apresentava como o mais expressivo. Adotavam-se minuciosas normas, visando aos interesses da ordem, segurança e salubridade públicas. Reconhecia-se a qualquer mulher maior a livre disposição de seu corpo; mas, entregando-se à prostituição, ficava submetida a um regime fora do direito comum. Deveria, inicialmente requerer inscrição. O exercício da prostituição teria que ser em determinados locais, dentro de rigorosos horários e as mulheres eram submetidas a fiscalização sanitária periódica e internação hospitalar, quando doentes⁵.

No caso brasileiro, Magali Engel mostra que os médicos, ao defender a necessidade de se regulamentar a prostituição no final do século XX, assumiram abertamente que era imprescindível uma perspectiva normatizadora. Fundamentada na tese de que a prostituição era um mal inevitável, logo, não seria possível eliminá-la. Assim, o equilíbrio dessa atividade seria assegurado no momento em que os instintos sexuais masculinos não fossem nem completamente livres, nem completamente reprimidos. A realização das necessidades masculinas, supostamente naturais e legítimas, deveria ocorrer dentro dos limites impostos pelo "direito moral das sociedades"⁶.

Os defensores dessa modalidade insistiram na ideia do combate à prostituição livre em função da ameaça que ela oferecia para a saúde na sociedade. O objetivo era tornar a prostituição uma atividade controlada transformando seus espaços em lugares higienizados. Enquanto isso, por não ser controlada, a prostituição livre era apontada como um atentado à saúde, à ordem e à moral pública. Por outro lado, se controlada, era vista como a garantia da preservação da ordem pública e da saúde da população.

Na Grécia, país que adota essa modalidade, as prostitutas gregas se veem num rígido controle por parte do Estado. Elas são obrigadas a realizarem

três exames médicos mensais, mediante a apresentação de um livrete, e as que se encontram registradas não se podem casar. Uma visão mais moderna deste sistema procura que as mulheres que vivem da prostituição possam ter um enquadramento legal, conferindo-lhes direitos

⁵ ABREU, Waldir de. **O submundo da prostituição, vadiagem e jogo do bicho**. Aspectos sociais, jurídicos e psicológicos. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1968. p. 33.

⁶ ENGEL, Magali. **Meretrizes e doutores**: saber médico e prostituição no Rio de Janeiro (1840-1890). São Paulo: Brasiliense, 2004. p. 106.

e deveres associados a essa atividade: acesso aos sistemas públicos de saúde, segurança social, associação, cobrança de impostos. Países como a Alemanha e a Holanda têm vindo a aplicar este modelo⁷.

Dessa forma, a prostituição fica condicionada ao regulamento estatal, isto é, sua legalidade depende de condições específicas determinadas pelo Estado.

Segundo o *Manual de multiplicador – profissionais do sexo*, editado pelo Ministério da Saúde brasileiro⁸, as prostitutas suecas, ao decidirem abandonar a atividade, devem obrigatoriamente oficializar sua saída na delegacia onde foi registrada como meretriz. Após esse procedimento, torna-se necessário aguardar três anos para então receber o "certificado de boa conduta". Somente após esses trâmites é que a mulher poderá exercer outra atividade prostitucional.

No entanto, se nesse ínterim, ela for flagrada se prostituindo deverá novamente provar sua boa conduta durante três anos. Já na Alemanha e na Áustria, as prostitutas são impedidas de escolherem os próprios médicos⁹. Vale ressaltar que, no Regulamentarismo, sistema adotado por esses países, basta a prostituta não cumprir as regras estabelecidas pelo Estado que será considerada criminosa.

Os Abolicionistas toleram a prostituição. Alguns consideram que esta é uma forma de violência sobre as mulheres prostituídas. Defendem também que a prostituta fica à margem da liberdade e da cidadania. Nessa perspectiva, ela é vista como vítima de um sistema de exploração. Diante desse impasse, a solução encontrada foi condenar, não a prostituta, mas sim quem a explora. Essa corrente prega que em função de a prostituição não ser uma atividade criminosa, não cabe ao Estado interferir em seu exercício, nem mesmo impedi-la. No tocante à gênese dessa tendência, Souza ressalta que

esse sistema foi criado, no final do século XIX, por um grupo intitulado Federação pela Abolição da Regulamentação Governamental que era composto por mulheres inglesas. Inicialmente, como denota o próprio título do grupo, essas mulheres protestaram contra o controle estatal e os maus tratos às trabalhadoras do sexo. Posteriormente, tornou-se um movimento

⁷ TAVARES, Manuela. Op. cit. 2009

⁸ BRASIL. **Manual do multiplicador - profissionais do sexo**. Brasília: Ministério da Saúde. 1996. p. 09.

⁹ Idem. p. 09.

que almeja abolir a prostituição e não mais o controle estatal sobre essa atividade. Atualmente, tem sede em Paris e mudou seu nome para Federação Abolicionista Internacional¹⁰.

Mesmo o Brasil tendo assinado, em 1951, o Tratado Abolicionista Internacional, existe toda uma tentativa de regulamentação da prostituição.

Manuela Tavares aponta para o surgimento de um quarto sistema, o "*novos abolicionismo do século XXI*", que consiste na mescla das ideias Proibicionistas com as Abolicionistas. Segundo a autora, este modelo se encontra alicerçado nos seguintes pressupostos: luta contra o "sistema que sustenta a prostituição" e não propriamente contra a prostituição em si. Garante proteção jurídica à pessoa prostituída e criminaliza o proxenetismo ou qualquer tipo de exploração comercial de prostituição.

Por fim, penaliza e conscientiza os clientes. Dessa maneira, o cliente passa a ser o alvo principal das medidas a implementar que consiste em multas, prisões, educação sexual entre outros¹¹. A diferença entre os abolicionismos dos séculos XXI e o anterior seria a maneira de encarar o cliente. Se antes ele estava isento de qualquer penalidade, nessa nova proposta ele seria o alvo fundamental, já que esse modelo se fundamenta na ideia de que: "se não existir clientes, não haverá prostituição".

Dentro do movimento feminista não é possível encontrar uma unidade no tocante ao posicionamento frente à atividade da prostituição. O que se tem visto são contradições no universo das diferentes correntes existentes no movimento internacional. Durante os anos de 1970 e 1980, prostitutas começaram a se organizar nos EUA e Inglaterra frente à criminalização deste ofício. Elas se identificavam como trabalhadoras do sexo e lutavam para que a prostituição fosse reconhecida como profissão¹².

¹⁰ SOUZA, Fabiana Rodrigues de. **Saberes da vida na noite**: percepções de mulheres que prestam serviços sexuais sobre o educar-se nas relações com seus clientes. 2007, 163 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós Graduação em Educação. Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2007.

¹¹ TAVARES, Manuela. Op. cit. 2009

¹² TAVARES, Manuela. Op. cit. 2009

Já nos anos de 1980 houve uma grande tensão no movimento feminista tendo em vista que, de um lado, algumas militantes defendiam o reconhecimento da prostituição. De outro, algumas viam essa atividade como uma forma de violência contra as mulheres que a exerciam. Enquanto as primeiras lutavam contra a exploração, as segundas demandavam que o Estado agisse no sentido de interditar essa prática.

Para algumas feministas, o abolicionismo é ainda é a melhor alternativa tendo em vista que elas entendem que a prostituição não deve ser vista como uma profissão, já que o corpo não pode ser reduzido a um objeto de transação financeira. Nessa perspectiva, a mulher prostituta é vista como vítima e, por isso, segundo essa perspectiva, é preciso se empenhar para retirá-las desse sofrimento. Em síntese, a luta é pelo "fim da prostituição". Tânia Navarro Swain parte do princípio que, ao reconhecer a prostituição como profissão, esse ato acaba por legalizar a violência da apropriação material e simbólica dos corpos das mulheres.

A prostituição, ou seja, a venda de corpos, forçada ou não, é talvez a maior violência social cometida contra as mulheres. Esta violência é agudizada por sua total banalização; mais ainda, a profissionalização da prostituição, que acolhe adeptos mesmo entre as feministas, define a apropriação e a "mercantilização" total das mulheres como um trabalho, que seria tão estatutário e dignificante quanto qualquer outro. [...] mesmo se a legislação confere um status trabalhista à prostituição, a linguagem popular mostra seu lugar na escala social. Ser "filho da puta" não é ainda o insulto maior?¹³

Esclarece a autora que associar a prostituição a um trabalho não passa de um insulto às mulheres, bem como um total menosprezo das condições que levaram tais mulheres a se submeterem e mesmo defenderem a profissão que exercem. Como alternativa ao que é visto como problema se estabelece a diferença entre descriminalizar e profissionalizar. Descriminalizar seria proteger as mulheres prostituídas do arbítrio legal e da exploração dos cafetões e profissionalizar seria integrá-la ao funcionamento do mercado de trabalho, banalizando a apropriação das mulheres pelos homens.

¹³ SWAIN, Tânia Navarro. Banalizar e naturalizar a prostituição: violência social e histórica. *Unimontes Científica*. Montes Claros, v. 06, n. 02, 2004, p. 24.

Por outro lado, outras correntes feministas se distanciam do posicionamento Abolicionista. De um lado, encontra-se mulheres que não veem as prostitutas como vítimas. Todavia, partem da opinião de que essa atividade está alicerçada num domínio sexual dos homens sobre as mulheres, dando continuidade às desigualdades entre os sexos. No entanto, partilham a ideia de que no universo prostitucional existem mulheres que estão na atividade por opção própria e por esse motivo não devem ser marginalizadas.

Estas feministas pensam que as posições Abolicionistas fecham os olhos a situação das prostitutas, ao não serem criadas condições para que estas possam ter segurança social e direitos capazes de reforçar a sua autonomia e lutar contra o proxenetismo e o arbítrio dos clientes. Deste modo, concordam numa legalização da prostituição que confira direitos às mulheres que prestam serviços sexuais de forma autónoma, sem fomentar o negócio e o acantonamento em zonas específicas. O tráfico deve ser fortemente combatido assim como a exploração forçada da prostituição. Posicionam-se contra o turismo sexual e a indústria do sexo. Consideram, ainda, que devem ser criadas condições sociais e económicas para quem quiser sair da prostituição¹⁴.

Por fim, o outro posicionamento parte do princípio do mercado do sexo, isto é, vender a força de trabalho e vender o sexo são ações que se equivalem. Assim como o governo regulamenta o comércio, este pode assumir o controle das profissões do sexo tanto em relação ao direito à saúde como ao trabalhista. Essa concepção não parte da ideia da dominação masculina, aceita, no entanto, a naturalização das necessidades sexuais masculinas. Segundo Tavares,

esta é uma posição lírica sobre a prostituição, distanciada do sistema de dominação patriarcal que a sustenta. Sexualidade livre e sexo como ato mercantil diferem, na medida em que, a primeira situação pressupõe igualdade entre os sexos, enquanto que a prostituição pressupõe a subjugação das mulheres ao domínio sexual masculino¹⁵.

Conforme verificado acima, a situação da prostituta tem rendido debates não apenas no universo masculino. Dentro do movimento feminista ainda há uma pluralidade de posicionamentos frente a essa atividade.

¹⁴ TAVARES, Manuela. Op. cit. 2009

¹⁵ TAVARES, Manuela. Op. cit. 2009

2.2 - A prostituição no Código Penal Brasileiro

O Código Penal Brasileiro vigente foi instituído em 1940 através do Decreto-Lei nº 2.848. Nele, a prostituição não aparece na condição de delito penal. Eis a razão porque se pensa que a prostituição em si não se constitui crime. Se por um lado a prostituição não é objeto do Código Penal, este mesmo instrumento jurídico criminaliza as atividades correlatas a essa atividade.

Dito de outra maneira, o Código Penal em vigor não trata da prostituição, mas sim do lenocínio, que se caracteriza pelo ato de induzir ou tirar proveito da atividade prostitucional alheia. Quaisquer dessas características, ou a soma delas, permitem enquadrar como criminoso, atentando contra os costumes, a pessoa que mantém casa de prostituição. Delito este, devidamente previsto no Código Penal.

No Código Penal, quatro artigos (227 ao 230) se referem ao lenocínio - ato de induzir, persuadir, levar ou mover alguém à prostituição ou satisfazer a lascívia de outrem. Excetuando o artigo 230, os outros três têm como objeto jurídico a defesa da "moralidade pública sexual". Enquanto o artigo 230 tem como objeto jurídico "coibir a exploração da prostituição".

O artigo 227 prevê pena de reclusão de um a três anos para o indivíduo que induz alguém à lascívia de outrem. Havendo a utilização do emprego da violência ou fraude para a realização do delito, a pena passa ser de dois a oito anos de reclusão. Caso o crime seja praticado com o fim de lucro haverá aplicação de multa para o apenado. A jurisprudência entende que, para que haja a caracterização do induzimento, é preciso que tenha havido promessas, dádivas ou súplicas. Nos termos do Art. 227, o verbo induzir tem o sentido de incutir, convencer, persuadir¹⁶.

Uma clara desigualdade de gênero se manifesta explicitamente neste artigo. Como prova disso, dentre os fatores que podem gerar o aumento da pena, está o grau de parentesco, a condição e o gênero no sentido estritamente biológico.

¹⁶ DELMANTO, Celso. **Código penal comentado**. Rio de Janeiro: Renovar, 2002. p. 489.

Em se tratando de grau de parentesco, se o sujeito que induz alguém à lascívia é seu ascendente, descendente, marido, irmão, tutor ou curador a pena de reclusão pode passar a ser de dois a cinco anos de reclusão. Ocorre que tal qualificação não inclui a esposa, mas apenas o marido. Eis, portanto, uma assimetria de gênero manifestada no próprio Código Penal ao declarar a possibilidade do aumento de pena de um sujeito que pratica um delito na condição de esposo, mas ao mesmo tempo, ignora se o mesmo delito for praticado por uma mulher na qualidade de esposa. Isto é, se o marido induzir a mulher à prostituição, o Código Penal prevê a possibilidade do aumento da pena, em função do ato ter sido incentivado pelo homem. No entanto, se for a esposa quem aliciar o marido a essa atividade não há nenhum artigo que possibilite o aumento da pena por causa do ato ter sido arquitetado por uma mulher.

Tal desigualdade de gênero é também reforçada pelo entendimento de alguns doutrinadores. Segundo Alberto Silva Franco,

a lei ocupa-se do lenocínio familiar, isto é, do praticado por ascendente, descendente, marido, irmão, tutor ou curador do sujeito passivo. Exclui a esposa, pois quimérica é a hipótese de induzir o marido a saciar a lascívia alheia e se, todavia ocorrer, não haverá razão para agravar a pena¹⁷.

O favorecimento da prostituição é tipificado no artigo 228 ao ser definido por induzir, facilitar ou atrair alguém para a prostituição ou ainda o impedir que alguém a abandone. Três são as condutas previstas neste artigo, a saber:

- a) Induzir (persuadir, levar mover) ou atrair (induzir de forma menos direta) alguém a prostituição.
- b) Facilitar (prestar auxílio) a prostituição, que se entende ser possível também por omissão, na hipótese de agente com o dever jurídico de assistência, como é o caso dos pais, ou outros.
- c) Impedir que alguém abandone a prostituição, isto é, impossibilitar, opor-se a que alguém decida a deixar a prostituição a abandone¹⁸.

A punição para esse ato consiste na reclusão de dois a cinco anos. Novamente a desigualdade de gênero se repete neste artigo. Se o sujeito que

¹⁷ FRANCO, Alberto Silva. **Código penal e sua interpretação jurisprudencial**. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, p. 3261.

¹⁸ DELMANTO, Celso. Op. cit. p. 490.

induz alguém à prostituição é seu ascendente, descendente, marido, irmão, tutor ou curador da pessoa a quem a vítima esteja confiada para fins de educação, de tratamento ou de guarda, a pena de reclusão é aumentada. Ocorre que tal qualificação novamente não inclui o aumento da pena para a esposa, mas apenas para o marido.

A manutenção de casa de prostituição se enquadraria como crime, tendo em vista a redação do artigo 229 ao condenar quem mantém, por conta própria ou de terceiro, casa de prostituição ou lugar destinado a encontros para fim libidinoso, havendo ou não a intenção de lucro ou mediação do proprietário ou gerente. Esclarece Celso Dalquanto que nesse artigo o verbo manter, utilizado como sinônimo de sustentar, prover, conservar, tem sentido de continuidade, permanência, reiteração. Por isso, exige-se a habitualidade, isto é, para tipificação desse delito não basta que o comportamento seja ocasional.

Esse dispositivo legal gera dúvida interpretação ao condenar quem mantém casa de prostituição ou lugar destinado a encontros libidinosos. Pois, por casa de prostituição se entende o ambiente onde as prostitutas permanecem para o exercício da prostituição. A zona de meretrício, por exemplo.

Por outro lado, "lugar destinado a encontros libidinosos" é um conceito juridicamente mais amplo. É nisso que reside a duplicidade de interpretação: será qualquer modalidade de encontro libidinoso? Ou restrito ao encontro para a prostituição? Interpretando-se através da primeira perspectiva manter motéis ou hotéis em que haja fim libidinoso incorreria em infração legal. No entanto, a tendência atual é de tipificar apenas quando se comprova a existência de prostituição e não em caso de motéis e hotéis, exceto em se tratando de menores de idade. Daí decorre o entendimento de que a prostituta que recebe clientes em sua própria residência não pratica o crime previsto neste artigo, tendo em vista que esta não mantém uma casa de prostituição, embora exerça o meretrício¹⁹.

O rufianismo é tratado no artigo 230 ao criminalizar a pessoa que tira proveito da prostituição alheia, participando diretamente de seus lucros ou se

¹⁹ DELMANTO, Celso. Op. cit. p. 493.

fazendo sustentar no todo ou em parte por quem exerça. Isto é, entende-se por rufião a pessoa que vive da renda financeira adquirida através da prostituição ou a pessoa que recebe o oferecimento de algo adquirido através do labor prostitucional. Diversas prostitutas se posicionam de forma contrária a este artigo, tendo em visto que aqui reside a possibilidade de se incriminar o esposo de uma garota de programa que, porventura, esteja desempregado, caso venha ser temporariamente sustentado pela esposa ou dela receba algum tipo de presente.

Para o rufianismo existem duas modalidades. De um lado, por rufião se considera a pessoa que participa diretamente do lucro da meretriz, numa espécie de sociedade. Para isso, não é preciso necessariamente que o agente viva exclusivamente desses ganhos. Podendo também possuir outras fontes de renda.

De outro, considera-se o namorado ou companheiro que é sustentado no todo ou em parte por quem exerce a prostituição. É a manutenção completa ou parcial do homem pela prostituta mediante roupa, comida, casa etc. "Não é necessário que o marido tome iniciativa para aproveitar-se da prostituta, bastando que aceite o oferecimento desta²⁰". Nesse caso, a pena será de um a quatro anos de prisão acrescido de multa.

Novamente as disparidades de gênero se manifestam nesse artigo. Se a pessoa que receber algum tipo de presente ou mesmo que temporariamente tiver sido sustentado por uma meretriz, for homem na condição de marido, irmão, tutor ou curador da pessoa a quem a vítima esteja confiada para fins de educação, de tratamento ou de guarda, a pena de reclusão poderá ser aumentada. Isto é, esse artigo ao tipificar o rufianismo criminaliza os companheiros das prostitutas, caso estes estejam desempregados e vivam à custa oriunda da renda por elas angariada por meio da prostituição. Ocorre que tal qualificação para aumento de pena novamente não inclui a esposa, mas apenas o marido.

²⁰ MIRABETE, Julio Fabbrini. **Código Penal Interpretado**. São Paulo: Atlas, 2001. p. 1568

2.3 - A inserção das prostitutas na Classificação Brasileira de Ocupações e as tentativas de regulamentação da atividade

A passagem para o século XXI não representou apenas a virada do milênio. No campo da prostituição houve também alteração no tratamento destinado às mulheres que se prostituem.

Ao olhar para o *Dicionário do Sexo e da Prostituta*, nota-se que houve mudanças em alguns adjetivos utilizados como referências às mulheres que exercem a atividade prostitucional. Dentre os mais diversos termos utilizados ao longo do tempo, a prostituta foi comumente referida como vadia. Esse termo era empregado para mencionar a mulher de gandaia, de vadição, prostituta, enfim, para fazer referência à mulher da vida, a vagabunda²¹.

Verifica-se dessa maneira que o termo vadia foi por muito tempo utilizado como antônimo de trabalho. Porém, dadas as mudanças, se antes a prostituição fora marcada essencialmente pelo controle policial, sendo associada à vadiagem, agora, embora não perca totalmente essa característica, foi acrescido o reconhecimento dessa atividade ao se referir a quem a pratica não mais como vagabunda ou vadia, mas sim trabalhadora.

O ano de 2002 se tornou um marco significativo nesse campo. O Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) deu um enfoque trabalhista às prostitutas ao inseri-las na Classificação Brasileira de Ocupações (CBO). Essa classificação se constitui o documento oficial normalizador que reconhece, nomeia e descreve as características das ocupações existentes no mercado de trabalho brasileiro, substituindo o texto anterior que data de 1994.

²¹ OLIVEIRA, Emerson Ribeiro. **Dicionário do sexo e da prostituta**. São Paulo: Scortecci, 2001. (Verbetes vadia). p. 156.

A CBO entende por ocupação uma agregação de empregos ou situações de trabalho similares. O trabalho é entendido como um conjunto de atividades desempenhadas por uma pessoa, com ou sem vínculo empregatício²².

A primeira edição desse cadastro data de 1982. Desde então esse documento tem sofrido diversas alterações em função das necessidades impostas pelos constantes rearranjos que ocorrem no cenário do mercado de trabalho brasileiro. Uma das novidades metodológicas dessa edição foi o fato de o Ministério do Trabalho e Emprego ouvir os/as profissionais, partindo da premissa que a melhor descrição é aquela feita por quem exerce efetivamente cada atividade.

Para essa classificação foram ouvidas diversas pessoas que atuam nos mais diversos ambientes de prostituição. Há pesquisadores, como Priscila Gershon, que enxergam a inclusão das prostitutas na CBO, “como um avanço sem precedentes na história brasileira relativa à prostituição, sendo considerada a primeira etapa para dar caráter legal à atividade de venda de serviços sexuais^{23a}”.

Segundo Marlene Tavares,

A inclusão da atividade na legislação do Ministério do Trabalho, representa um avanço inequívoco no modo como as políticas públicas brasileiras têm tratado o tema da prostituição. Dentre os aspectos inovadores da medida, além da inclusão de representantes legítimos do grupo interessado na questão, há que se ressaltar o fato dessa iniciativa significar uma alternativa às soluções policiais²⁴.

Atualmente, em face às diversas transformações por que passaram a CBO, as ocupações profissionais são organizadas e descritas através da referência “família” que trata de mencionar a gama de ocupações relativas a um domínio mais

²² Ministério do Trabalho e Emprego. **CBO – Classificação Brasileira de ocupação**. Disponível em: <<http://www.mtebo.gov.br/cbo/site/pages/home.jsf>>. Acesso em 17 de ago. de 2009.

^{23a} GERSON, Priscila. **Prostituição feminina**: contribuições para o debate sobre representações, identidade e profissionalização. 2007. 129 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia e Direito) Programa de Pós Graduação em Sociologia e Direito. Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2007. p. 53.

²⁴ RODRIGUES, Marlene Teixeira. A prostituição no Brasil contemporâneo: um trabalho como outro qualquer? **Katalyses**. Revista do Programa de Pós Graduação em Serviço Social da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis. v.12, n. 1 p. 68-76/jan/jun. 2009.p. 71.

amplo. Para a elaboração da família "profissionais do sexo", o Ministério do Trabalho e Emprego entrevistou homens e mulheres com o intuito de saber o que fazem, o distintivo da respectiva profissão, nome usado, mercado para atuação entre outros.

Os créditos dessa inserção não cabem a nenhum movimento específico, mas sim à atuação e discussões de diversas organizações de prostitutas que tiveram o objetivo de fomentar o debate em torno da prostituição, vendo-a como sinônimo de trabalho.

Dessa maneira, merece destaque a atuação e contribuição dos/as membros/as da APROSBA - Associação das Mulheres Profissionais do Sexo da Bahia; Davida - Prostituição, Direitos Cívicos, Saúde; GAPA-MG - Grupo de Apoio à Prevenção da Aids; GEMPAC - Grupo de Mulheres Prostitutas do Estado do Pará e NEP - Núcleo de Estudos da Prostituição de Porto Alegre, que participaram efetivamente para a inclusão da atividade na CBO. A família "profissionais do sexo" encontra-se indexada na CBO sob número 5198-05.

A leitura desse documento evidencia a ampla diversidade de trabalho que se enquadra nesse universo nominal. No caso dos/as profissionais do sexo são citadas, inicialmente, as seguintes ocupações similares dessa família: garota de programa, garoto de programa, meretriz, messalina, michê, mulher da vida, prostituta, puta, quenga, rapariga, trabalhador do sexo, transexual (profissional do sexo), travesti (profissional do sexo). Essa descrição é significativa, pois evidencia uma questão de gênero de crucial importância que por muito tempo foi relegada ao desprezo, isto é, não se trata de uma ocupação exclusivamente feminina, podendo, portanto, ser desempenhada por homens (garotos de programa, michês), transexuais e travestis.

Essa variedade de sinônimos que se faz presente na descrição dos/as profissionais do sexo demonstra, ainda, a diversidade de formas para se referir às pessoas que se enquadram nessa atividade profissional. No entanto, contrariamente ao que ocorre com as outras famílias de ocupações da CBO, esta, por sua vez, não se refere, necessariamente, às diferentes maneiras de ocupação. Essa pluralidade de sinônimos para se referir a esses/as profissionais é resultado

da participação dos/as próprios/as atores/atrizes sociais na elaboração do documento onde evidenciam os termos utilizados constantemente tanto no movimento organizado como nos próprios ambientes institucionais.

A CBO apresenta uma descrição sumária das ocupações. No caso dos/as profissionais do sexo, encontra-se a seguinte exposição:

Batalham programas sexuais em locais privados, vias públicas e garimpos; atendem e acompanham clientes homens e mulheres, de orientações sexuais diversas; administram orçamentos individuais e familiares; promovem a organização da categoria. Realizam ações educativas no campo da sexualidade; propagandizam os serviços prestados. As atividades são exercidas seguindo normas e procedimentos que minimizam as vulnerabilidades da profissão²⁵.

Esses pontos ficam melhor explicitados naquilo que compete aos/as profissionais do sexo sendo descrita como "áreas de atividades". Dentre os itens que estão mais diretamente relacionados destacam-se os que figuram como competências de acordo com a aludida classificação:

A - BUSCAR PROGRAMA: agendar o programa; produzir-se visualmente; esperar possíveis clientes; seduzir o cliente; abordar o cliente.

B - MINIMIZAR AS VULNERABILIDADES: negociar com o cliente o uso do preservativo; usar preservativos; utilizar gel lubrificante à base de água; participar de oficinas de sexo seguro; identificar doenças sexualmente transmissíveis (dst); fazer acompanhamento da saúde integral; denunciar violência física; denunciar discriminação; combater estigma; administrar orçamento pessoal.

C - ATENDER CLIENTES: preparar o kit de trabalho (preservativo, acessórios, maquiagem); especificar tempo de trabalho; negociar serviços; negociar preço; realizar fantasias sexuais; manter relações sexuais; fazer strip-tease; relaxar o cliente; acolher o cliente; dialogar com o cliente.

D - ACOMPANHAR CLIENTES: acompanhar cliente em viagens; acompanhar cliente em passeios; jantar com o cliente; pernoitar com o cliente; acompanhar o cliente em festas.

E - PROMOVER A ORGANIZAÇÃO DA CATEGORIA: promover valorização profissional da categoria; participar de cursos de auto-organização; participar de movimentos organizados; combater a exploração sexual de crianças e adolescentes; distribuir preservativos;

²⁵ MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO. **Classificação brasileira de ocupações**. 2009. Disponível em: <<http://www.mtecho.gov.br/busca/descricao.asp?codigo=5198>>. Acesso em: 15 set. 2009.

multiplicador informação; participar de ações educativas no campo da sexualidade²⁶.

A partir desse documento é possível vislumbrar as ações que fazem parte do cotidiano desses/as profissionais. O documento ilustra ainda que esse trabalho não se limita à relação sexual em si. É mister ressaltar que comumente esse tipo de relação nem sempre chega a acontecer.

É evidente que nem todas as prostitutas exercem cada uma dessas atividades. É muito comum algumas se especializaram em apenas algumas, não executando outras.

Além de delimitar as especificidade da ocupação, a Diretriz traz as informações referentes à descrição da atividade, às características do trabalho, áreas de atividades, competências pessoais, recursos de trabalho entre outros.

Após discutir a inserção das profissionais do sexo na CBO, é chegado o momento de se compreender de que maneira têm sido realizadas as tentativas de regulamentarização da atividade da prostituição no Brasil. É preciso ressaltar que não se tem a intenção de adentrar nesse debate em face aos objetivos desta dissertação já expostos, mas apenas apresentar algumas propostas de Lei que tratam da prostituição.

No ano de 1997, houve uma tentativa de regulamentação dessa atividade. O deputado Wílgberto Tartuce, através do Projeto de Lei 3436/97, cujo arquivamento se deu dois anos depois, propôs que a prostituição fosse considerada livre para todos os indivíduos maiores de 18 anos. A exigência contida nessa proposta era de que a profissional do sexo deveria fazer exames mensais para diagnosticar a existência ou não de doenças sexualmente transmissíveis.

No ano de 2003, houve uma tentativa de criminalizar tanto a prostituta como o cliente. Na ocasião, o Deputado Máximo Damasceno elaborou proposta em que passaria ser crime a contratação de serviços sexuais, cuja pena seria de um a seis

²⁶ Idem.

meses. Incorreria no mesmo crime quem aceitasse a remuneração pela prestação de serviço de natureza sexual

O Deputado Eduardo Valverde, em 2004, propôs o Projeto de Lei (4244/04) que institui a profissão de trabalhadores da sexualidade. No universo dos/as trabalhadores/as da sexualidade, a proposta considera toda pessoa adulta que de forma livre ou habitualmente submete o próprio corpo para a realização de sexo com terceiros numa relação devidamente remunerada.

Para fins dessa Lei, são considerados/as trabalhadores/as da sexualidade: prostituta e prostituto. Dançarina e dançarino que trabalham nus, seminus, ou em trajes sumários em boates dancing's, cabarés, casas de striptease, prostíbulos, bem como quaisquer ambiente similar em que o apelo explícito à sexualidade torna-se preponderante. Também estão incluídos garçonetes e garçons que atuam nos ambientes acima descritos e apela à sexualidade como forma de atrair clientes; atrizes e atores pornôs; massagistas de estabelecimentos que tenham como negócio central o erotismo e o sexo e gerentes de casa de prostituição.

Ao definir os/as trabalhadores/as da sexualidade, essa proposta prevê alguns direitos, dentre os quais se destaca a possibilidade de expor o corpo em local público desde que definido pela autoridade competente. No entanto, para sua atuação o/a profissional deveria possuir registro expedido pela Delegacia Regional do Trabalho (DRT), cuja revalidação se daria a cada ano, desde que fosse apresentada a inscrição do trabalhador como assegurado do INSS acrescido do atestado de serviço sexual.

O interesse dessa proposição consistia em regulamentar o ato de se prostituir no estado brasileiro. Entretanto, no ano seguinte, o próprio autor solicitou o arquivamento do Projeto. Com esse ato, imediatamente ressurgiu o debate em torno do assunto. Grosso modo, algumas questões se fizeram presentes, dentre as quais se destacam: qual a razão de se regulamentar essa atividade? Isso não seria por si só um ato desumano ao regularizar aquilo que é visto por alguns como exploração?

No ano de 2007, o Projeto de Lei n° 98/03, de autoria do Deputado Fernando Gabeira, foi desarquivado, cuja proposta consistia na descriminalização das atividades associadas à prostituição. Inspirado no exemplo da Alemanha que, em 2001, aprovou uma lei que exigia o pagamento por prestação de serviço sexual, além de suprimir os artigos da constituição alemã que criminalizava favorecimento à prostituição.

A proposta apresentada ao Congresso Nacional era de que o pagamento pelos serviços sexuais prestados pelas prostitutas passaria a ser obrigatório, cujo cálculo seria de acordo com o tempo dispensado ao atendimento, independente de ter ocorrido a relação sexual ou não. O pagamento só poderia ser exigido pela própria pessoa que prestou o serviço ou que estivesse disponível à prestação. Consequentemente, descriminaliza as condutas que caracterizam o favorecimento da prostituição. Essa proposição também prevê a revogação dos seguintes artigos do código penal: 228, que trata do favorecimento da prostituição; 229, que criminaliza quem mantém casa de prostituição e 231, que aborda o tráfico de mulheres para fins de prostituição.

No mesmo ano em que esse projeto entrou em cena, a imprensa nacional expôs o caso de uma empregada doméstica que foi agredida por jovens cariocas. O tema fomentou o debate sobre a situação das mulheres que se prostituem à medida que os agressores justificaram tal ato com o argumento de que agrediram porque imaginaram que a vítima era uma prostituta. Com isso, a situação de estigmatização por que passam essas mulheres foi amplamente discutida. Esse ato reforçou o que a literatura já havia demonstrado: a associação da prostituição à desonestidade e à desonra, dentre outras formas de discriminação.

O Deputado Fernando Gabeira, ao defender o projeto, inicia aludindo-se ao fato de não se conformar com a hipocrisia com que esse assunto é tratado. Numa clara perspectiva simmeliana, ainda que expressamente não cite o filósofo, afirma que a prostituição, embora tenha sido tratada como estigmatizante, só existe porque a mesma sociedade que a condena também a mantém.

Nesta unidade meu objetivo foi o de apresentar o cenário da prostituição. Após ter realizado essa tarefa, passo agora a apresentar as potencialidades que o método etnográfico ofereceu para este trabalho.

CAPÍTULO III

3 - MODOS DE VER MODOS DE FAZER: UM OLHAR ETNOGRÁFICO

3.1 - O método etnográfico

A epígrafe de abertura desse capítulo descreve, claramente, a necessidade de o pesquisador apresentar para seu público, o relato da maneira como a pesquisa foi realizada. É por essa razão que este capítulo se apresenta. Tenho o objetivo de cumprir a lição malinowskiana ao conduzir *o/a leitor/a aos bastidores da pesquisa*, revelando como se deram meus primeiros contatos com o objeto de estudo, a minha inserção em campo, meu comportamento e, por fim, como os dados que embasam esta investigação foram levantados.

Para realizar essa tarefa, esta unidade se divide em duas partes. Na primeira, procurei conceituar etnografia, bem como suas contribuições para a ciência. Em seguida, expliquei como foi realizada a pesquisa de campo junto às garotas de programa.

Por etnografia entende-se uma tradição de pesquisa em que o pesquisador convive intensamente com o seu objeto de estudo. O trabalho clássico dessa metodologia foi publicado em 1922 pelo antropólogo Bronislaw Malinowski na obra *Os argonautas do pacífico ocidental*, cujo caráter é inovador, pois, através dela, surge a possibilidade de uma nova compreensão do comportamento humano, a mescla da objetividade e do rigor científico com a vivência pessoal.

A grande contribuição desse trabalho foi o método inovador proposto pelo autor porque ele se utilizou da pesquisa de campo para levantamento de dados, atualmente conhecido como observação participante e este é um dos trabalhos fundantes da antropologia contemporânea. É preciso ressaltar, contudo, que Malinowski não foi o pioneiro da pesquisa de campo, mas foi o primeiro a elaborar a teoria da observação participante ao expor sobre a necessidade, num estudo antropológico, de se conviver com os nativos e morar com eles para que seja possível participar ao máximo de suas atividades cotidianas.

Dado a importância desse trabalho, Yves Winkin utiliza o termo “revolução” para descrever o impacto da metodologia malinowskiana no campo antropológico.

MODOS DE VER MODOS DE FAZER: UM OLHAR ETNOGRÁFICO

Ninguém sonharia em fazer uma contribuição às ciências físicas ou químicas sem apresentar um relato detalhado de todos os arranjos experimentais, uma descrição exata dos aparelhos utilizados, a maneira pela qual se conduziram as observações, o número de observações, o tempo a elas devotado e, finalmente, o grau de aproximação com que se realizou cada uma das medidas.

(Bronislaw Malinowski)

É uma primeira revolução, pois, de um lado, o antropólogo é e permanece durante muito tempo no campo mesmo, e, por outro lado, não encara mais aqueles que observa como graciosos animais exóticos, mas, sim, como pessoas dignas de respeito, cuja vida social se deve tentar reconstituir por observação às vezes participante¹.

Logo na introdução de *Argonautas*, Malinowski apresenta a descrição dos métodos utilizados na pesquisa etnográfica realizada junto aos nativos das Ilhas Trobriand. Há na obra uma passagem que é amplamente citada, pois descreve a característica etnográfica, a qual cito a seguir:

Imagine o leitor que, de repente, desembarca sozinho numa praia tropical, perto de uma aldeia nativa, rodeado pelo seu material, enquanto a lancha ou pequena baleeira que o trouxe navega até desaparecer de vista [...] imagine ainda que é um principiante sem experiência anterior, sem nada para o guiar e ninguém para o ajudar, pois o homem branco está temporariamente ausente, ou então impossibilitado ou sem interesse em perder tempo consigo. Isto descreve exactamente a minha primeira iniciação no trabalho de campo na costa Sul da Nova Guiné².

Rapidamente, esse texto passou a condição de paradigmático, tanto no contexto teórico quanto metodológico, sendo considerado, conseqüentemente, como referência antropológica obrigatória para a pesquisa de campo. Conforme revela Roberto Damatta, essa postura levantou o pesquisador de sua poltrona fixa em uma biblioteca ou em qualquer outro lugar para lançá-lo nas incertezas das viagens. Essa mudança leva o estudioso a tomar contato direto com seus pesquisados³.

Segundo Howard Becker,

O observador participante coleta dados através de sua participação na vida cotidiana do grupo ou organização que estuda. Ele observa as pessoas que está estudando para ver as situações com que se deparam normalmente e como se comportam diante delas. Entabula conversação com alguns ou com todos os participantes desta situação e descobre as interpretações que ele têm sobre os acontecimentos que observou⁴.

O conceito de etnografia utilizado em meu estudo se ampara na definição elaborada por Winkin ao esclarecer que são três as competências exigidas num trabalho etnográfico, quando o pesquisador vai a campo. São elas: 1. saber ver; 2. saber estar com objeto de estudo e 3. saber escrever.

Etnografia é ao mesmo tempo uma arte e uma disciplina científica, que consiste em primeiro lugar em saber ver. É em seguida uma disciplina que exige saber estar com, com os outros e consigo mesmo, quando você se encontra perante outras pessoas. Enfim, é uma arte que exige que se saiba retraduzir para um público terceiro (terceiro em relação àquele que você estudou) e, portanto que se saiba escrever⁵.

Em síntese, a etnografia se refere à situação em que o pesquisador fica tão próximo do objeto, quanto um membro do grupo que ele estuda, à medida que este participa das atividades rotineiras daquele. Uma maneira de estabelecer essa proximidade é estabelecer laços de amizades com o grupo estudado.

Para Clifford Geertz, a definição de etnografia vai além de estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, mapear campos e manter um diário. O que a define seria o esforço intelectual para uma "descrição densa". Nesse caso, claramente entendida como modelo de escrita oposta à "descrição superficial".

A etnografia é uma descrição densa. [...] Fazer etnografia é como tentar ler (no sentido de "construir uma leitura de") um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos, escrito não com os sinais convencionais do som, mas com exemplos transitórios de comportamento modelado⁶.

Como bem apontado por Geertz, o antropólogo, em campo, depara-se com suspeitas, incoerências, comentários tendenciosos que, juntos ou individualmente, formam uma verdadeira armadilha, para as quais ele precisará estar preparado para lidar.

A antropóloga Ruth Cardoso, ao discutir sobre *como escapar das armadilhas do método*, esclarece que a convivência e afetividade geradas por laços de amizades permitem chegar mais perto e mais fundo nos significados. Nessa relação, o pesquisador se envolve completamente e, por isso, seus valores ou sua

⁵ WINKIN, Yves. Op. cit. p. 132.

⁶ GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. p. 20.

¹ WINKIN, Yves. *A nova comunicação: da teoria ao trabalho de campo*. São Paulo: Papirus, 1998. p. 130.

² MALINOWSKI, Bronislaw. *Os argonautas do Pacífico Ocidental*. São Paulo: Abril Cultural, 1979. p. 19.

³ DAMATTA, Roberto. *Relativizando: uma introdução à antropologia social*. Rio de Janeiro: Rocco, 1987. p. 146.

⁴ BECKER, Howard. *Métodos de pesquisa em Ciências Sociais*. São Paulo: Hucitec, 1999. p. 47.

visão de mundo deixam de ser obstáculos e passam a ser condição para compreender as diferenças e superar o etnocentrismo⁷.

Ao escolher para esta pesquisa este método, tive o fito de cumprir as lições de Everett Hughes, que enfatiza a necessidade de, ao se fazer trabalho de campo, o pesquisador tem de observar as pessoas *in situ*. Significa que cabe ao estudioso descobrir onde estão as pessoas pesquisadas, permanecer com elas em uma situação que permita tanto a observação íntima de certos aspectos de seu comportamento, como descrevê-las de forma útil para a ciência social, sem causar prejuízo para as pessoas observadas⁸.

Para cumprir o descrito por Hughes, além da observação participante de forma sistemática, optei também pelo registro em diário de campo, entrevistas semiestruturadas e diálogos informais. Escolhi essa técnica para compreender o universo investigado por acreditar que, por meio desse método, é possível olhar e compreender as práticas e os discursos dos sujeitos estudados, suas dinâmicas cotidianas, seus comportamentos individuais e coletivos, bem como me permite compreender o ponto de vista das mulheres no contexto de prostituição.

Como esclarece Don Kulick, a resolução do enigma etnográfico implica em:

estar presentes em interações situadas dentro de um contexto e tenta explicar a lógica não manifesta que dá sustentação a essas mesmas interações – lógica que permite às pessoas agirem de determinados modos tidos como naturais, e possibilita que as pessoas digam coisas a outras pessoas, com a expectativa de serem compreendidas⁹.

Essa metodologia se mostra útil ao proporcionar ao pesquisador a possibilidade de coletar o máximo possível de dados referentes ao grupo estudado. Segundo Howard Becker,

o pesquisador de campo, inevitavelmente, devido à sua presença contínua, coleta muito mais dados e, num certo sentido a ser explicado,

⁷ CARDOSO, Ruth. As aventuras antropológicas em campo ou como escapar das armadilhas do método. In: CARDOSO, Ruth. (org.). **A aventura antropológica: teoria e pesquisa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986. p. 102.

⁸ HUGHES, Everett. O papel do trabalho de campo nas ciências sociais. In: JUNKER, Buford. **A importância do trabalho de campo: uma introdução às ciências sociais**. Rio de Janeiro: Lidador, 1971. p. vii.

⁹ KULICK, Don. **Travesti: prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil**. Rio de Janeiro: EdFiocruz, 2008. p. 35.

faz e tem condições de fazer mais testes de suas hipóteses do que os pesquisadores que usam métodos mais formais¹⁰.

Além da observação participante com registro em diário de campo, decidi-me, neste estudo, pela utilização da entrevista semiestruturada. Nessas entrevistas, utilizei um tópico guia que me foi útil como lembrete em situações de esquecimento sobre o que perguntar.

O tópico guia é, contudo, como sugere o título, um guia, e não nos devemos tomar escravos dele, como se o sucesso da pesquisa dependesse só disso. O entrevistador deve usar sua imaginação social científica para perceber quando temas considerados importantes e que não poderiam estar presentes em um planejamento ou expectativa anterior, aparecerem na discussão¹¹.

Durante as entrevistas, procurei seguir um truque revelado por Becker, perguntar “como” ao invés de por que, conforme explica o autor:

quando entrevistava pessoas, se lhes perguntava por que haviam feito algo, provocava inevitavelmente uma resposta defensiva. Quando, por outro lado, eu perguntava como alguma coisa havia acontecido minhas perguntas funcionavam bem. As pessoas davam-me respostas longas, contavam histórias cheias de detalhes, forneciam-me explicações que incluíam não só suas razões para o que quer que tivessem feito, mas também a ações de outros que haviam contribuído para o resultado em que eu estava interessado¹².

Em linhas gerais, meu objetivo aqui foi apresentar as potencialidades que a etnografia¹³ oferece. Portanto, passo agora a expor, em linhas gerais, como foi minha inserção em campo.

¹⁰ BECKER, Howard. Op. cit. p. 71.

¹¹ GASKEL, George. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, Martin; GASKEL, George. **Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som**. Petropolis: Vozes, 2002. p. 67.

¹² BECKER, Howard. **Segredos e truques da pesquisa**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007. p. 86.

¹³ Sobre a questão da coleta de dados na pesquisa etnográfica ver: BAUER, Martin; GASKEL, George. **Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som**. Petropolis: Vozes, 2002; BECKER, Howard. **Uma teoria da ação coletiva**. Rio de Janeiro: Zahar, 1977; BECKER, Howard. **Métodos de pesquisa em Ciências Sociais**. São Paulo: Hucitec, 1999; BECKER, Howard. **Segredos e truques da pesquisa**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007. JUNKER, Buford. **A importância do trabalho de campo: uma introdução às ciências sociais**. São Paulo: Lidadores, 1971.

3.2 – O trabalho de campo com as garotas de programa

Os argumentos desenvolvidos na análise de dados baseiam-se em seis meses de trabalho de campo¹⁴ com garotas de programa. Nesse período, pude conviver com aproximadamente 25 mulheres que moraram no cabaré pesquisado, com quem tive um contato estreito e contínuo. Mesmo quando deixei de fazer a pesquisa de campo, eu as visitava, pois, o que começou com uma observação participante, pouco a pouco se transformou em amizade. Se no início da pesquisa eu me sentia obrigado a passar muito tempo com as prostitutas pelo fato de as estar estudando, o relacionamento que foi se desenvolvendo nos tornou tão próximos que, por diversas vezes, eu as visitava ou as recebia em minha própria casa.

Quanto aos métodos empregados nessa pesquisa, segui três princípios éticos defendido por Laud Humphreys, ao fazer uma etnografia do “sexo impessoal em lugares públicos”. Em primeiro lugar, não deve o cientista social, ignorar ou evitar uma área de pesquisa simplesmente porque seja difícil ou socialmente delicada. Em segundo, o pesquisador deve abordar todo e qualquer aspecto do comportamento humano fazendo uso dos meios que menos distorcem os fenômenos observados. E, por fim, ele deve proteger os seus informantes de qualquer perigo, seja qual for o preço a ser pago por sua proteção¹⁵.

A partir dessa decisão, eu precisava de uma metodologia que me garantisse o máximo de fidelidade em relação ao universo que seria pesquisado. Por

¹⁴ O anteprojeto apresentado para a seleção do mestrado em Ciências Sociais/JUNISINOS consistia em dar continuidade a um estudo sobre prostituição e imprensa à medida que o objetivo era compreender as representações das garotas de programa frente à maneira com que a imprensa noticia a atividade prostitucional. Ocorre que, na primeira orientação, o prof. Dr. Edison Gastaldo, lecionou sobre limites e possibilidades que um estudo como esse estabelece. De igual modo, mostrou diversos horizontes de pesquisa que poderiam ser trilhados no mestrado. Dentre eles, ressaltou as potencialidades de um estudo etnográfico no universo da prostituição. Dado a paciente e segura orientação no sentido de indicar como eu deveria me inserir nesse campo, ou usando as palavras de Yves Winkin “como seria o meu descer ao campo”, interessei-me pela possibilidade de se fazer uma etnografia na zona de meretrício.

¹⁵ HUMPHREYS, Laud. A transação da sala de chá: sexo impessoal em lugares públicos. In: RILEY, Matilda White; NELSON, Edward E. **A observação sociológica: uma estratégia para um novo conhecimento social.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1974. p. 148.

compreender que o método etnográfico é o que mais se aproxima da minha expectativa, elaborei o plano para a investigação participante.

Tal como ocorreu com William Foote White, em seu trabalho sobre o cotidiano de uma favela italiana nos Estados Unidos,¹⁶ meu objetivo era obter uma visão íntima do cotidiano no cabaré. Inicialmente, alguns problemas se apresentaram. Dentre eles, o de me estabelecer como participante no ambiente de prostituição, de modo a obter uma posição da qual eu pudesse observar.

Em outro trabalho, esclarece o autor, sobre a necessidade de o antropólogo possuir um informante chave que faz o trabalho de intermediação entre o pesquisador e a comunidade investigada¹⁷. De início, minha tarefa foi a de conseguir alguém que pudesse me apresentar para alguma garota de programa ou para a dona do cabaré e emitir alguma referência sobre mim. Esse trabalho não foi fácil, pois assumir que se conhece alguém da zona de meretrício implica na possibilidade de sofrer algum tipo de preconceito. Por isso, optei por procurar homens, com os quais eu convivia, e que declaravam abertamente frequentar a zona de meretrício.

Inicialmente, conversei com um aluno que havia feito uma pesquisa com as prostitutas em um cabaré para a disciplina Antropologia e Comunicação, que, à época, eu ministrava. Questionado sobre a dona do ambiente, ele esclareceu:

Ela é de boa. No início houve um pouco de receio. Mas quando ela soube que estávamos ali para fazer um trabalho da faculdade, ela mesma nos convidou para retornar ao ambiente no período da tarde para que pudéssemos conversar melhor (Antonio).

Fiquei empolgado com a resposta dada pelo jovem. Imaginei ter encontrado a pessoa que intermediaria a pesquisa. No entanto, quando interrogado sobre a possibilidade de me apresentar às mulheres, ele afirmou:

“na boa, não tenho como fazer isso. É que naquela época que nós fizemos o trabalho lá, nós aprontamos a maior folia com elas sem pagar nada.

¹⁶ WHITE, William Foote. A sociedade das esquinas: a estrutura social de uma favela italiana. In: RILEY, Matilda White; NELSON, Edward E. **A observação sociológica: uma estratégia para um novo conhecimento social.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1974. p. 41.

¹⁷ WHITE, William Foote. Treinando a observação participante. In: GUIMARÃES, Alba Zaluar (org.). **Desvendando as máscaras sociais.** Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.

Uma inclusive quebrou um braço ao fazer um strip-tease pra nós. Al nunca mais voltamos lá”. (Antonio)

Em síntese, na minha primeira tentativa não consegui ninguém que pudesse fazer a “ponte” entre mim e o ambiente a ser investigado.

Devido à tentativa frustrada, optei por alterar o foco. Resolvi procurar alguém que tivesse apenas o número do telefone da dona da zona de meretrício. Com esse dado, estava disposto a me apresentar e dizer sobre meu interesse, mesmo correndo o risco de não ser aceito pelo fato não ter sido indicado por ninguém. Fui até a Universidade em que leciono e perguntei para a telefonista: “você sabe o telefone, ou alguém que possa nos informar o telefone da Geni¹⁸”? A secretária me respondeu: “eu não tenho e também não sei quem tem. Mas o filho dela se chama Manoel Carlos trabalha como mototáxi. Só não sei em qual, mas se você procurar pelos pontos de mototáxi vai encontrar”, como a cidade é pequena a informação não seria difícil.

Fiquei satisfeito. Já possuía uma dica. Diante dessa pista, fui à casa de uma aluna que nasceu e sempre residiu na cidade e, por isso, conhece muitas pessoas. Ao chegar, não a encontrei. Mas, ao dizer para sua filha qual era meu interesse, a adolescente me informou que o mototaxista Manoel Carlos trabalhava num mototáxi em frente ao mercado central. “Vai lá que você encontra ele”, disse-me ela.

A satisfação aumentou. As pistas estavam se expandindo. Fui ao local indicado. O mototáxi estava aberto. Um rapaz jogava videogame. Perguntei-lhe sobre Manoel Carlos e fui informado que era ele. Apresentei-me e expliquei que precisava falar com a mãe dele. Após informar o número de telefone, ele me questionou sobre o que eu desejava com ela. Disse que se tratava da necessidade de se estabelecer um contato para a realização de uma pesquisa acadêmica sobre prostituição.

Em seguida me dirigi à Universidade. Optei por efetuar a ligação do telefone institucional por entender que a ligação originada de uma Instituição de Ensino

¹⁸ Nome fictício da dona do cabaré mais popular da cidade. Vale ressaltar que todos os nomes de pessoas e lugares referidos nesta pesquisa são fictícios.

Superior poderia reforçar o interesse estritamente acadêmico da pesquisa. Fiz a primeira ligação, mas não obtive êxito e deixei recado. Passados quinze minutos, tentei novamente e, mais uma vez, sem sucesso. Deixei a Universidade.

Ao retornar, mais tarde, para novas tentativas, a secretária executiva do Campus me informou que a senhora Geni havia retornado a ligação. Fiquei animado. A idéia de utilizar o telefone da Universidade havia dado certo. Tentei novo contato. A chamada é completada, porém quando Geni atende, cai a ligação.

Eram aproximadamente 16 h. O segundo dia de tentativa já se findava e eu ainda não havia conseguido falar com a dona do cabaré. Decidi ir pessoalmente ao local, embora não tivesse conseguido nenhuma referência. Iria, então, expor-lhe meu objetivo: fazer uma pesquisa participante, na tentativa de convencê-la permitir minha presença em seu cabaré.

3.2.1 – A aproximação

Não bastava, contudo, tornar-me conhecido pelas prostitutas. O tipo de informação que a pesquisa objetivava exigia o estabelecimento de relações muito próximas. Diante dessa situação, optei por ir ao ambiente prostitucional, apresentar-me e dizer sobre meu interesse. Sabia de igual modo que essa seria uma forma “tudo ou nada”, pois poderia tanto ser aceito como recusado pelo grupo.

Ao me aproximar de Geni Drinks, verifiquei que o portão de acesso estava aberto, e como estava no meu carro, fui entrando. À medida que adentrava, reduzia a velocidade. Antes mesmo de parar o carro, avistei uma moça – trajando apenas um shorts branco e um sutiã preto – que se levantava para me esperar na porta. Desci do carro. Cumprimentei-a e também a outras meninas que lanchavam. Pedi que chamasse Geni. Ela desceu por um corredor central e logo escutei a garota dizer: “Geni, tem um moreno querendo falar com você”. “Só pode ser conta. É cobrador”, respondeu Geni. Naquele momento, meu coração acelerava. Fiquei preocupado e imaginando como estaria sendo visto pelas mulheres e se seria aceito naquele ambiente.

Geni vem me atender. Apresentei-me. Com um sorriso no rosto, ela me convidou para ir até a recepção. Falei da minha pesquisa e do meu interesse em frequentar sua casa para compreender como é um ambiente de prostituição.

Num primeiro momento, a reação foi de insegurança por parte dela. O fato de eu ser professor no curso de jornalismo me trazia prejuízos. Ela temia que eu fosse um jornalista e tinha receio de que eu expusesse seu cabaré em algum meio de comunicação.

Enquanto isso, algumas garotas passavam por nós, no intuito de saber o que estava sendo conversado. Dada à insegurança, informei que a pesquisa tinha fins estritamente acadêmicos, mas se minha presença atrapalhasse, bastaria ela me dizer e eu me retiraria. Como não recebi nenhuma resposta, pedi um momento e me dirigi até o carro. Peguei dois livros, nos quais tenho capítulos publicados e a apresentei. Ao lhe entregar, reiterei que, em um dos textos, havia escrito sobre a representação da prostituição feminina. Imediatamente, percebi a mudança de postura.

Logo em seguida, a dona do cabaré foi-me questionando: “ah, você quer escrever um livro sobre as prostitutas?” Respondi que sim. Uma das garotas disse: “hum... Ele quer escrever um livro sobre a gente. Viu como a gente é importante?” Logo, Geni autorizou minha presença, porém com ressalvas, tais como: não fazer gravações, preservar o nome da boate, cidade, meninas, dentre outras.

Tamires uma das garotas que, durante o diálogo, passou por nós várias vezes, se aproximou e disse: “Quando você veio pra cá a meninas queriam saber o que estava acontecendo. Ai eu disse pra elas: pode deixar que eu vou lá tentar descobrir alguma coisa”. Ao saber do meu interesse, imediatamente começou a contar um pouco da sua experiência como garota de programa. Nesse instante, outra moça veio e disse: “Tamires você não vai assistir? Já está passando?”. Ela respondeu sorridente: “Agora não. Estou dando entrevista! Sou importante, bemi!”.

Não era uma entrevista propriamente dita. Mas, naquele momento já pude perceber que elas se sentiam valorizadas ao conversar sobre seu cotidiano. É uma maneira de elas se sentirem importantes. Afinal, a vida delas passa a ter interesse

para outras pessoas. Ao me despedir, Geni afirmou: “pode vir aqui a hora que quiser. Mas, se puder, venha amanhã, pois amanhã temos a noite da langerr!”. Tratava-se da noite em que todas as mulheres ficam apenas de calcinha e sutiã a espera dos clientes.

Planejei retornar a noite. Novamente fiquei preocupado. Seria minha primeira noite de observação participante. As dúvidas eram: saberia me relacionar com elas? Minha pesquisa iria dar certo? Poderia frequentar várias noites seguidas? Quanto isso iria me custar? Afinal, aparentemente, seria preciso consumir bebidas para estar no ambiente. Essas foram algumas das questões que imediatamente me inquietaram.

Conforme será visto mais adiante, de forma tímida e insegura passei a conviver com meu objeto de estudo. A pesquisa de campo não foi fácil. As mulheres com que convivi exigiram, involuntariamente, a escolha de uma metodologia apropriada que me permitisse sair do *status* de estranho ou intruso e passasse a ser considerado alguém próximo. Em princípio, minha presença as deixava inibidas. No entanto, com o passar do tempo, as relações próximas e as amizades, seguindo as orientações de Ruth Cardoso, foram estabelecidas. No caso desta investigação, as amizades me favoreceram, tendo em vista que passei a ser convidado para participar dos momentos de lazer do grupo estudado, incluindo churrascos, festas, baile, banhos de rio e sol, entre outras atividades.

3.2.2 – Procedimentos de entrevistas

Ao longo de seis meses, pude coletar 07 entrevistas semiestruturadas com o uso de gravador. Desse universo, 06 foram realizadas com garotas de programa e 01 com o filho da dona do ambiente. Inicialmente, ele não fazia parte do rol de entrevistados, no entanto, em determinada data, o próprio rapaz solicitou, dizendo-me: “professor, me entrevista que eu tenho um monte de coisa pra te falar”.

Durante a convivência com as garotas de programa, comentei reiteradas vezes sobre a necessidade de eu realizar entrevistas e a contribuição delas na

pesquisa, à medida que dispusessem conversar sobre suas vidas. Diversas se dispuseram. Após o aceite, era preciso encontrar um espaço nas agendas dessas profissionais. Às quintas-feiras, por exemplo, era impossível, pois nesse dia elas costumam frequentar salão de beleza se preparando para a já referida noite da langerrí. Considerando que o cabaré pesquisado funciona diuturnamente, era necessário marcar a conversa fora do ambiente de trabalho de modo que não fôssemos interrompidos com a chegada dos clientes.

A alternativa encontrada foi marcar o diálogo nas datas e horários escolhidos por elas. Quanto ao local, minha residência, em função de eu morar só, apresentou-se como mais favorável, tendo em vista permitir que elas se sentissem mais à vontade por não haver ninguém por perto ouvindo a entrevista.

A cada entrevista um ritual se repetia. Eu as buscava. Antes de chegarmos a minha casa, passávamos no mercado para comprar alguma coisa para degustarmos. Deixava-as à vontade para escolher o que quisessem. Em geral, escolhiam refrigerantes. Pedia que elas indicassem sempre algo para comer. Como muitas se recusavam a escolher, eu comprava, então, chocolates que atendessem à preferência da entrevistada. Assim, os diálogos transcorriam enquanto elas tomavam refrigerantes e comiam chocolates. Essas guloseimas foram oferecidas por mim na tentativa de tornar o encontro o mais descontraído possível.

A cada conversa, explicava sobre a importância de elas relatarem o máximo de seu cotidiano. Informava sempre que tudo o que fosse dialogado não seria comentado com nenhum colega de trabalho. E combinava: “se vierem perguntar para mim, eu não direi nada. No entanto, sintam-se à vontade para comentar o que quiserem e com quem vocês quiserem”. Ou seja, as únicas pessoas autorizadas a comentar sobre nossas conversas seriam elas mesmas.

Explicava também sobre a dificuldade que tinha para anotações e, por isso, e dada a importância da entrevista, pedia autorização para gravar. Nenhuma garota se recusou a conversar em função do gravador. No entanto, para algumas, o uso do aparelho causava nervosismo. Para outras, não alterava o ritmo da conversa.

Algumas entrevistadas ultrapassaram 4 horas. Em função dessa situação e seguindo as lições metodológicas de Martin Bauer e George Gaskel¹⁹, houve casos em que conversei com a mesma pessoa por duas ou três vezes, procurando dialogar por, no máximo, uma hora e meia por encontro. Em outros, por escolha da entrevistada, foram gravadas mais de 03 horas de conversa sem intervalo, exceto quando o celular da informante tocava ou ela parava para tomar refrigerante ou comer chocolate.

Propositamente, em nenhum momento, iniciei a conversa perguntando de imediato como se deu a entrada na atividade da prostituição. Tive a preocupação de, primeiro, entender a trajetória de vida para verificar os lugares em que trabalhou e o respectivo grau de satisfação. Em seguida, incitava a garota que me explicasse sobre seu histórico familiar: local de origem, relacionamento com a família, filhos, educação entre outros. A essa altura da conversa, solicitava informações sobre a entrada na prostituição. Parti do princípio de que esse era o momento mais oportuno, tendo em vista que o fato de a entrevistada já se encontrar no “ritmo da conversa” e quando essa pergunta já não causaria tanto impacto. Aqui foi o momento em que se abordou: conhecimento ou não da família sobre o ato de se prostituir, vantagens e desvantagens da prostituição, uso de drogas, autoestima etc.

Após entrar no ritmo da conversa sobre a prostituição em si, indagava sobre as dinâmicas interacionais, isto é: como abordar o cliente; perfil do cliente que elas gostam; relacionamentos afetivos com clientes; orgasmo; administração do tempo; propostas recusáveis; fatores que determinam o preço do programa; situação que lhe causam repugnância; como fugir do cliente; como conseguir dinheiro sem transar com o cliente; condições de segurança, como uso de preservativos; consumo de bebidas; táticas utilizadas para trabalhar no período menstrual, entre outros.

¹⁹ Ao discutir sobre a duração de entrevista, estes autores não aconselham conversas cujo tempo ininterrupto ultrapasse uma hora e meia. BAUER, Martin; GASKEL, George. **Pesquisa qualitativa com texto**: imagem e som. Petrópolis: Vozes, 2002.

De igual modo, busquei informações sobre a relação com o dinheiro; renda mensal; variadas formas de riscos; identidade; preconceito; relações com o corpo; interação entre elas; taras e fantasias que os clientes têm, além de projetos futuros. Após esse levantamento de dados, passei para o procedimento de transcrição das entrevistas que serão relatadas e analisadas no capítulo IV.

CAPÍTULO IV

DINÂMICAS DE INTERAÇÃO, GÊNERO E SOCIABILIDADE NA ZONA DE MERETRÍCIO

Explorada sexualmente, a prostituta explora por sua vez o explorador, num jogo circular de dominação, em que todos os gestos são calculados e pesados

(Margareth Rago)

4 – DINÂMICAS DE INTERAÇÃO, GÊNERO E SOCIABILIDADE NA ZONA DE MERETRÍCIO

4.1 – Descrição física do cabaré

Após descrever, no capítulo anterior, a metodologia utilizada para a pesquisa, é chegado o momento de apresentar alguns aspectos constituintes do cotidiano no bordel estudado a partir da análise dos dados. O foco central recai sobre as profissionais do sexo, sobretudo, na compreensão da dinâmica de interação que ocorre entre elas e os clientes, desde a chegada delas ao bordel até o momento de saída.

Necessário se faz salientar que, ao se referir à prostituição, convém não pluralizá-la, pois se arrisca a generalizações apressadas, o que pode prejudicar uma pesquisa. Por isso, aqui preferi o uso do singular ao me referir ao termo, considerando que há diferentes formas de prostituição. Dito de outro modo, existem vários ambientes de prostituição, tais como: rua, zona de baixo meretrício, zonas elitizadas, casas que só aceitam garotas universitárias, casas que exigem que as mulheres que ali trabalham passem por lipoaspiração, ou inserção de silicone, se necessário, entre outros. Por isso, meu olhar não focaliza a prostituição de modo geral, mas sim, uma específica: aquela praticada em bordéis, que as próprias garotas denominam como “de beira de estrada”. Portanto, as conclusões a serem tomadas devem ter como princípio as especificações do ambiente em que ocorre para não correr o risco de aplicar os resultados para todas outras formas de prostituição que possuem lógicas próprias totalmente distintas da que investiguei.

O campo de estudo privilegiado nessa pesquisa foi o interior de um bordel denominado nesta pesquisa como Geni Drink's. Apropriando-me da leitura goffmaniana, esse espaço, em seus limites físicos, constitui-se no palco de uma trama que é investigada nesse trabalho. Esse palco possui mobília e arquitetura própria que permitem o desempenho das performances

prostitucionais. Por isso, neste momento, descreverei o cenário da pesquisa, isto é: como o cabaré Geni Drink's se encontra organizado internamente.

A boate situa-se numa rodovia federal, em área considerada perimetro urbano. A cidade é atravessada por essa BR. Do lado direito, há uma casa em que mora uma família considerada, pela dona do ambiente, como “gente boa”, por não incomodar chamando a polícia nem mesmo fazendo qualquer tipo de denúncia. Do lado esquerdo, separado por um lote baldio, encontra-se um hotel de médio porte que faz com que o movimento do cabaré aumente, tendo em vista a possibilidade de os hóspedes se deslocarem até a boate sem a necessidade de carro. Nos fundos, encontra-se a sede e a torre de uma televisão local. Em frente, apenas lotes vazios.

Geni Drink's é uma casa que pode ser denominada como tipicamente profissional por possuir estrutura e aparato com clara intenção de caracterizá-la como tal. A começar pela presença de um letreiro luminoso, preto e vermelho, cuja imagem de fundo é de uma mulher com uma aparência jovial, cabelos encaracolados, trajando uma langeri preta, deitada em uma cama. Seu corpo está posicionado da seguinte forma: pernas cruzadas, em que sobressai a coxa direita, parte do corpo está amparado no braço esquerdo, enquanto o direito leva a mão aos cabelos. A foto foi registrada em um ângulo que possibilita, independentemente da posição que a pessoa esteja olhando a imagem, os olhos da mulher se dirigir ao observador.

No canto superior esquerdo, em letras grandes, está o nome do cabaré: “Geni Drink's. Logo abaixo, o termo “24 horas”, mostrando que, independente do horário que o cliente chegar, há moças para atendê-lo. Por fim, entre a logomarca da boate e o corpo da mulher está escrita a frase, em formato de onda, “realizamos seus desejos mais ocultos...”, o que se torna um convite para os frequentadores terem a liberdade de realizar desejos e vontades sem constrangimento e sem nenhum moralismo.

Outro detalhe importante para identificação de que ali é um cabaré é a presença, logo na entrada, de três luzes vermelhas na parte superior do muro.

Por fim, do lado de dentro destaque-se a presença da dona do ambiente organizando a entrada dos clientes e proibindo a entrada de menores de idade.

Para facilitar o entendimento do que será descrito a partir de agora, elaborei uma planta baixa da arquitetura do ambiente, conforme pode ser visto na prancha abaixo.

PRANCHA 1: Planta baixa do cabaré (a)



PRANCHA 2: Planta baixa do cabaré (b)



Trata-se de uma casa antiga que, inicialmente, fora projetada para ser uma pensão. Quando Geni assumiu o controle já havia deixado de ser pensão e já se encontrava estruturada como cabaré. Por isso, é perceptível que alguns “puxadinhos” foram feitos para se adequar à nova realidade. Os ambientes que foram construídos posteriormente à estrutura da pensão foram: dispensa, cozinha, varanda, banheiro, três quartos de programa e um quarto coletivo para alojamento das garotas de programa. Dessa maneira, ele se constitui, ao mesmo tempo, como ambiente de trabalho e moradia das garotas e da dona do estabelecimento.

Na varanda, por mais que três mesas possibilitem a permanência sentada de doze pessoas, raramente esse espaço é utilizado para atendimento aos clientes, tendo em vista que, da rodovia, é possível avistar e identificar as pessoas que estão no ambiente. Por isso, a varanda é mais utilizada para os momentos de socialização das garotas de programa do que para o atendimento em si.

Se por um lado esse espaço é deixado de ser utilizado em função da indiscrição, por outro é a possibilidade de discrição que faz com que algumas meninas optem por sentar preferencialmente à mesa que está posicionada em

frente à janela do quarto. Prova disso é que quando se procura alguém e descobre que a pessoa procurada está na companhia de outra nessa mesa logo é dito: “Ah... ela está focando lá na frente”.

Essa mesa por estar posicionada em frente à janela do quarto, permite que se possa conversar sem ser incomodado pelas constantes presenças de pessoas. Acresce-se, ainda, a possibilidade de a sua ocupante ser preferida pelos clientes antes das outras garotas que também querem ser escolhida. Pois, geralmente, quando o homem chega e se depara com alguma mulher na varanda, a tendência é que ali mesmo comece a interação que terá seus desdobramentos nos outros espaços da casa. É com o objetivo de evitar essas situações, que as mulheres que estão espalhadas pelo interior do bordel, ao perceberem que algum veículo começa a estacionar, imediatamente vão para a varanda na espera de ser a escolhida.

Também é da varanda que as mulheres desempenham diversas performances com o intuito de convidar os homens que passam pela rodovia. Como a velocidade permitida nessa altura do trecho é de 60km/h, é comum os motoristas reduzirem ainda mais a velocidade do veículo na tentativa de observar as mulheres do cabaré. Enquanto isso, elas aumentam o tom de voz ao pronunciar algumas das expressões: “oi gato” “oi gostoso” “entra meu amor?” “vem apagar meu fogo?” “vem cá, deixa eu te mostrar o caminho da felicidade”. Enquanto as frases são pronunciadas também são utilizadas as performances corporais que variam entre: cruzar lentamente as pernas para mostrar a cor da calcinha, ou a falta desta; curvar o corpo em direção do cliente para exibir parte dos seios quando a roupa utilizada tem por característica ser mais solta; colocar o dedo indicador na ponta da língua com o intuito de parecer sensual, entre outros.

PRANCHA 3: Batalhando o cliente em frente ao cabaré



Exibição em frente ao cabaré, com o intuito de chamar a atenção dos clientes.

Todavia, há uma regra interna. Essas frases só podem ser pronunciadas quando a pessoa que passa na rodovia esteja só, ou em companhia de outros homens. É tido como falta de respeito convidar alguém que esteja na companhia de alguma mulher ou, aparentemente, acompanhado por filhos pequenos ou adolescentes. Durante o período em que convivi no ambiente, não percebi, em momento algum, a ruptura dessas regras. Nesse sentido, pude verificar que há a preocupação de se preservar a figura da esposa, namorada e família.

Ao adentrar no cabaré, após ter passado pela varanda, o cliente estará na sala de entrada. Esse é considerado o principal local da casa. É nele que se começa e termina a maioria das interações. A mobília é composta por um sofá

dois lugares, sempre disputado, oito bancos posicionados em frente ao balcão, uma cadeira próxima à porta de entrada, um palco de striptease e um grande freezer onde são refrigeradas as bebidas consumidas.

Na parede lateral, entre a janela e o palco de striptease há um grande espelho. Algumas mulheres o utilizam para retocar a maquiagem e fazer alguma conferência corporal. No entanto, sua função principal é permitir que a dona do estabelecimento possa visualizar todos os movimentos desse espaço.

A utilização do espelho serve como um instrumento que permite a vigilância do que ocorre no ambiente sem que algumas pessoas percebam que estão sendo observadas. As garotas sabem do controle que é exercido através do espelho. Mas alguns clientes não se dão conta disso. Nesse sentido, é importante esclarecer que no corredor central possui espelhos dos dois lados, de forma que um reflete no outro. No entanto, mais que uma mera decoração, ele também é utilizado como instrumento de controle ao permitir que a dona, enquanto está no caixa, observe não apenas o que ocorre na sala de entrada, mas também os acontecimentos do corredor e da sala dos fundos que, a partir de distintos ângulos, são refletidos no espelho do corredor central.

Internamente o teto do cabaré e algumas paredes são decorados em tecido TNT, nas cores pretas e vermelhas. Quando do encerramento da observação participante, cogitava-se a necessidade de se trocar a decoração. No entanto, nessas conversas ficava claro que a cor vermelha seria mantida, caso contrário, o ambiente perderia sua identidade. Isto é, essa é a cor preferida internamente. Não por acaso todos os sofás são vermelhos.

A sala de entrada dá acesso a dois quartos individuais que são utilizados como moradia para algumas garotas de programa. Enquanto há clientes na casa, essas duas portas são mantidas fechadas para impedir o acesso deles. Fundamentado em Goffman, compreendo os quartos das garotas, como “região de fundo” ou de “bastidores”, onde são preparadas as encenações e guardados os itens particulares delas, além de conter os instrumentos, isto é, roupas, fantasias, langerri, entre outros, que são usadas para preparar e arquitetar performances. Esse é o espaço em que são guardados os “apoios do

palco e os elementos da fachada pessoal, numa espécie de aglomerado de repertórios inteiros de ações e personagens¹ⁿ.

Morar nesses dois quartos tem um significado importante na zona de meretrício. É preciso satisfazer alguns critérios para se alojar ali. Dentre eles, o de ser da confiança da dona do cabaré. Por isso, mesmo na falta de quartos, ele nunca foi utilizado por garotas que recém-chegadas. Geni justifica esse posicionamento ao dizer que, na parte interna do balcão, ficam as bebidas que não necessitam serem mantidas em refrigeradores, que são chaveados. Sua preocupação é que, durante a noite, quem estiver nesses quartos possam consumir as bebidas. Acresce-se ainda o fato de ambos os quartos serem utilizados também como espaço para estoque. Dessa maneira, após o encerramento do expediente, a porta que dá acesso ao corredor central é trancada para que as meninas que ocupam os outros quartos não tenham acesso à sala principal, exceção feita às garotas que gozam da sua confiança.

Quanto ao palco de striptease n°01, durante minha permanência ele nunca foi utilizado. A preferência pelo n° 02 ocorre em função de, nos fundos, ter como controlar quem paga para assistir, pois, geralmente, o custo do striptease é de R\$ 10,00 por cliente, independente da quantidade deles. Em sendo assim, quem não estiver disposto a pagar tem de se retirar da sala dos fundos que, durante as performances, torna-se privativa. Tem sido mais fácil tornar a sala dos fundos como espaço privado do que a da frente que é o local de passagem obrigatório.

O quarto da Geni fica ao lado da sala de entrada, de modo que, de dentro dele, ela consegue observar o que ocorre na sala principal e, desta sala, pode assistir à televisão que fica no quarto. Esse cômodo é quarto e cozinha. Além de uma cama de casal e um guarda-roupa com chaves, onde são guardados o dinheiro arrecadado e objetos de valores, há também vários

utensílios de cozinha, tais como: geladeira, forno de microondas, alimentos semiprontos e fotos da família.

PRANCHA 4: Quarto da Geni



Assistindo televisão



¹ GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Tradução de Maria Célia Santos Raposo. Petrópolis: Vozes, 1985. p. 106.

Os três quartos das garotas de programa que dão acesso ao corredor central são ocupados, preferencialmente, por aquelas que geram mais lucro para a casa. Assim, elas têm a garantia de quarto individual. Além do mais, a proprietária busca manter pelo menos um desses quartos livres, pois, em casos de necessidade, este também poderá ser utilizado para atendimento de cliente. Por outro lado, segundo Geni, em havendo alguma mulher se hospedando nele, em hipótese alguma pode ser usado para realização de programas.

Essa regra é mantida em nome da privacidade da profissional do sexo. Exceto se, quem for fazer companhia para a garota, seja o próprio namorado. Nesse caso, ela poderá pousar com ele, após o fechamento da casa, desde que ele pague o custo de sua estadia para a dona do ambiente. O custo de um pernoite no cabaré para o cliente é de R\$ 50,00, excluído o custo da acompanhante. No entanto, em se tratando de namorado ou marido de alguma garota, o valor é reduzido para R\$ 20,00. Essa permanência só é permitida caso o cônjuge não atrapalhe o rendimento de sua companhia com crises de ciúmes ou tentativa de impedimento de atendimento aos clientes. Durante a fase de observação participante, estabeleci contatos de amizades com quatro namorados e um marido das mulheres que trabalham no local pesquisado e costumavam pousar com elas durante os finais de semana e feriado.

A salinha do meio é utilizada para as interações mais discretas, embora nem sempre isso seja possível tendo em vista que esse espaço é passagem obrigatória para ida ao banheiro.

Durante a investigação, a dona do ambiente se mostrou preocupada com a possibilidade de as garotas de programa serem usuárias de drogas. De igual modo, essa preocupação também se referia aos clientes, já que ela demonstrou temer que a polícia os revistassem e, encontrando drogas ilícitas, a casa seria fechada. Por isso, era muito comum quando alguém suspeito ia ao banheiro, outra pessoa da casa se dirigia à varanda interna e de lá observava pela janela o que acontecia. Alguns usuários realmente utilizavam o espaço para o consumo de drogas. Quando isso se comprovava, ficava a critério da profissional que estava observando comunicar a dona do ambiente que, por

sua vez, poderia solicitar a retirada do cliente ou criar alguma desculpa dizendo que as moças não estavam, naquela noite, em condições de atender, na esperança de que, sem companhia, o cliente se retirasse.

A sala dos fundos é onde ocorrem os stripteases. É também o espaço preferido para as interações tanto pelas garotas quanto pelos clientes. As luzes são menos intensas, permitindo que a sala seja mais escura. Um jogo de luzes coloridas e um globo coberto por partículas de espelhos fazem com que os reflexos coloridos se espalhem pelo ambiente. Uma mureta de aproximadamente um metro de altura separa as mesas que ficam na sala dos fundos com as que ficam em frente aos quartos onde são realizados os programas sexuais. Estas mesas raramente são utilizadas por ficarem muito próximo os quartos, de forma que no intervalo entre uma música e outra é possível ouvir com detalhes os gemidos e as conversas das pessoas que, em tese, estão transando.

O uso do banheiro número 02 não é permitido para os clientes. Somente a dona e as garotas de programa têm acesso a ele. Por outro lado, tanto a proprietária quando as meninas utilizam o número 01, seja ou não horário de expediente. Exceto para tomar banhos, tendo em vista que o chuveiro encontra-se estragado. De igual modo, na varanda, cozinha e na dispensa não são permitidas circulação de clientes. Nesses espaços, o acesso somente é permitido aos que gozam de confiança da administradora do cabaré, aos namorados e maridos das garotas. A cozinha é tida como um espaço íntimo e não pode ser compartilhada por clientes.

O quarto coletivo de garotas de programa é utilizado para hospedagem das profissionais do sexo que chegam na companhia de outras mulheres para prestar serviços. Nesses casos, elas dormem juntas.

A boate investigada atende 24 horas por dia. No entanto, em não havendo movimento, por volta das 04 h da manhã, as portas são fechadas e reabertas a partir das 10 h. Se houver movimento as portas permanecem abertas até todos os clientes saírem. Ou nem fecha, pois, há casos de frequentadores que chegaram antes da meia noite, mas só saíram no outro dia.

Caso um cliente chegue e encontre a boate fechada, basta buzinar ou chamar e será atendido.

A casa não cobra nenhum valor da garota que optar por morar no ambiente de trabalho. Essas mulheres dispõem de três refeições diárias e têm direito a receber 20% do valor pago pelas bebidas consumidas durante a interação com os clientes. No entanto, a permanência está condicionada ao cumprimento de uma série de regras próprias. Dentre elas, destacam-se:

- a) Caso as profissionais do sexo saiam durante o dia, é preciso combinar entre elas, pois a exigência do estabelecimento é que, no mínimo, duas garotas permaneçam no ambiente para atender os clientes que chegam durante o dia. Quanto às que saírem, obrigatoriamente, deverão retornar até às 17 h. Em caso de infração, a penalidade pode ser multa de R\$ 50,00 por hora de atraso ou proibição de prestar serviços no estabelecimento.
- b) É proibido o consumo de bebida alcoólica, sobretudo, cerveja, durante o expediente. Exceto se o serviço prestado for a partir da meia noite de sábado ou aos domingos. Em caso de infração, aplica-se a mesma penalidade do item "a".
- c) Não fazer programas por valor inferior a R\$ 80,00. Em caso de infração, aplica-se a mesma penalidade do item "a".
- d) Os quartos devem ser limpos e organizados pelas próprias garotas. Em caso de infração, aplica-se a mesma penalidade do item "a".
- e) Banhos devem ser tomados até as 18 h, de modo que, a partir desse horário, elas precisam estar maquiadas e prontas a espera de clientes.
- f) O almoço é oferecido pelo cabaré. O horário escolhido para almoçar fica a critério de cada garota, podendo ser realizado a qualquer momento do dia. Quanto ao jantar, esse só pode ser

consumido até as 18 h ou após o fechamento da casa. O café da manhã, embora também seja servido, é muito raro ser consumido pelas garotas, pois geralmente levantam-se entre 11 e 15 h, preferindo o almoço.

- g) Durante o horário de expediente, a orientação é somente fazer companhia para clientes que estejam consumindo bebida. Exceção feita quando o cliente garantir que fará o programa.
- h) Não se deve fazer companhia para quaisquer clientes, enquanto recebe doses de outro. As penalidades das infrações contidas nas letras "d" e "f" "g" e "h" são advertência verbal, podendo chegar a proibição de prestar serviços no estabelecimento.
- i) O tempo no quarto para a realização do programa é de meia hora. O custo médio é de R\$ 30,00 A partir desse momento, será cobrado o equivalente a um quarto a cada meia hora. Exceto se o combinado for pernoite, cujo valor é, em média, R\$ 50,00. A penalidade da infração recai sobre o cliente e não sobre a garota.

Ao término de cada programa, o valor pago vai para o caixa do cabaré. Considerando que só há valor mínimo do programa, fica sob responsabilidade da garota a negociação por quaisquer valores acima de R\$ 80,00. Nesses casos, é preciso que ela acompanhe o cliente até o caixa e diga o valor a ser cobrado. Ao término da noite, são contabilizados os valores a serem pagos para cada profissional, incluindo os referentes aos programas e as porcentagens das bebidas. Algumas optam por deixar o dinheiro com a dona do ambiente para que ela guarde e só lhes entregue quando solicitado. Outras optam por não fazerem isso, alegando desconfiança.

O faturamento do cabaré se dá pela venda das bebidas e locação dos quartos. É preciso considerar que as bebidas vendidas no interior da zona chegam a ter aumento de até 500% com relação ao preço médio praticado no

mercado. No entanto, uma terceira forma de rendimento se faz presente, que é a comissão cobrada através da “taxa de saída” da garota que consiste num valor pago à dona do ambiente caso o programa seja realizado fora do cabaré. O valor varia de acordo com o tempo de ausência da garota. Se a saída da mulher for entre uma e duas horas, o valor pago à dona do estabelecimento oscila entre R\$ 50,00 e R\$ 100,00. Caso o interesse seja pela noite toda ou o dia inteiro, o valor pode chegar entre R\$ 300,00 e R\$ 400,00. Em conversas informais Geni me relatou que é necessário cobrar esse valor em função da seguinte lógica: se a mulher deixa a casa, mesmo que temporariamente, pode acontecer de algum cliente procurar justamente a moça que está ausente. Caso este não queira outra companhia, há um duplo prejuízo: de um lado, da moça que deixa de fazer um ou vários programas. De outro, a própria dona que deixa de vender bebida, bem como locar o quarto. Portanto, a justificativa para essa cobrança consiste no fato de constituir numa espécie de seguro contra eventuais perdas de lucro.

Vale ressaltar que, nesses casos, o cliente deve pagar, além da taxa de saída, o motel ou hotel, programa e, se necessário, refeição. Pude perceber também que as mulheres evitam sair quando o cliente não tem interesse de levá-la para um motel ou hotel. Quando se trata de realizar programas em residências há um medo generalizado de, ao chegar, encontrar vários homens querendo ser atendidos e elas não conseguirem se livrar de possíveis situações de violência. As saídas são mais tranquilas, conforme relatos feitos pelas garotas, quando se trata de cliente conhecido da casa ou pela garota.

Até aqui procurei conduzir o/a leitor/a ao ambiente físico do cabaré. Passo agora, a descrever como ao longo da observação participante, fui conquistando alguns espaços e confianças com o intuito de obter informações tidas como segredos e intimidades dessas mulheres para apresentá-los/as nesta etnografia.

4.2 – Quando o campo é a zona de meretrício: narrativas da observação participante

4.2.1 – Taxista de Cabaré

Após ter negociado minha entrada em campo, fui para minha primeira noite de pesquisa. Após ter lecionado na universidade em que trabalho, dirigi-me à Geni Drinks. Ao chegar, por volta das 23h25min, fui reconhecido pelas meninas. Naquela noite de quarta-feira, o movimento estava fraco. A razão, segundo elas, era o fato de a televisão transmitir o jogo do Corinthians. Em dias em que há jogo desse time, disseram, homens na zona são raridade.

Nesse momento já foi possível identificar uma divisão interna entre as prostitutas. Enquanto na cama da dona do cabaré sete mulheres dividiam o mesmo espaço, do lado de fora do quarto, estavam outras que não tinham proximidade suficiente para aí se deitarem.

Dentro do quarto, havia uma cadeira desocupada. Imediatamente, pensei: se eu sentasse, poderia perceber com mais detalhes o que estava sendo discutido. Mas refleti também: se eu não for convidado, não irei. Como era minha primeira vez pesquisando efetivamente aquele ambiente, não poderia vacilar. Como não fui convidado nem para entrar no quarto e nem para sentar com as meninas que estavam do lado de fora, fiquei inquieto e comecei a circular pela sala, ora saía, ora entrava, sempre na expectativa do que iria acontecer.

Nessa noite, elas organizavam um almoço que seria realizado no domingo. Geni me convidou para almoçar com elas, caso se concretizasse o evento, já que naquele momento estava apenas sendo planejado. prontamente, aceitei o convite. Em seguida ela me ofereceu café. Aceitei.

Identifiquei que o expediente estava se findando quando Geni comentou sobre a necessidade de fechar o portão principal. Diante disso, despedi-me das

meninas e fui convidado para retornar na noite seguinte quando, conforme já relatado, aconteceria a noite da langerri.

Na noite seguinte, por volta de 20 h, retornei ao cabaré. Pelo número de carros que se encontravam no estacionamento, percebi que a casa estava movimentada. Ao entrar, cumprimentei apenas Geni que se encontrava no balcão, pois todas as meninas estavam acompanhadas. Nessa noite, o número de mulheres não era suficiente para atender a todos os clientes que ali se encontravam. Era a popular noite da langerri. Por isso, alguns esperavam elas voltarem dos programas que já estavam acontecendo para atendê-los. Um dos frequentadores, que estava sozinho, aproximou-se de mim e começou a conversar.

Enquanto isso, Laura, que acabara de sair de um programa, aproximou-se de mim, cumprimenta-me e me leva para conhecer a máquina de música. A música do ambiente é paga pelos clientes. Cada música custa R\$ 1,00. Para ouvir é preciso inserir uma cédula ou moeda. A máquina reconhece o valor e libera o número de canções proporcionais ao valor pago. Em seguida, Laura me diz: “olha... fique de olho quando os clientes forem colocar música, assim podemos colocar as que você gosta”. Agradeço a gentileza e reflico sobre o fato de elas estarem começando a interagir comigo. Nessa noite, comecei a me familiarizar com o ambiente. À medida que as meninas saiam do quarto, elas já tomavam a iniciativa de me cumprimentar. Uma delas demonstra contentamento quando identifico e elogio seu perfume.

Nesse dia, após observar o ambiente, resolvi ficar um pouco na sala de dança que se encontra localizada nos fundos da zona. Local onde também há um palco de striptease. Dado a falta de mulheres, alguns clientes se alegram dançando sozinhos. Vejo que Tamires começa a pedir R\$ 10,00 para cada cliente que se encontra no ambiente. Esse é o valor cobrado para que eles assistam seu striptease. Ao chegar minha vez de contribuir, quando levei a mão em direção à carteira, ela sussurrou em meu ouvido, para que eles não ouvissem: “você não precisa pagar! Você é de casa”.

Os clientes colaboram. Tamires, que estava somente de calcinha e sutiã, apareceu com o corpo coberto com um sobretudo preto e um chapéu “cartola”. Em seguida, no palco, o espetáculo se iniciava. O sobretudo vai ao chão. Apenas uma calcinha estilo fio dental com um lacinho do lado direito e um top cobrem o seu corpo. Logo o top também cai. Por baixo havia um sutiã. De repente, totalmente nua, ela desce do palco e começa a dançar com o corpo o mais próximo possível do rosto dos clientes, mas com todo o cuidado para não encostar neles. Essa encenação é feita para todos os clientes que pagaram. Portanto, logo pensei: ela não vai dançar pra mim porque não paguei. Chegando minha vez, tudo ocorre de forma natural como se eu estivesse pago. Laura, que estava ao meu lado, diz: “estou te observando, se você precisar vou trazer um babador pra você”.

Passado o espetáculo do striptease, circulo novamente pela casa. Sento-me em frente ao balcão. Um cliente começa a conversar comigo e me oferece uma cerveja. Eu agradeço. Tamires me convida para ir à cozinha. Enquanto conversávamos, Geni diz: “Fábio, tem uns caras ali que estão a pé. Eu disse que você leva eles para casa. Mas é trinta reais. Eles aceitaram. Leva eles, é bem pertinho, é ali no posto”.

Assim, começa minha experiência de taxista. Quando volto, há outra corrida. Essa era em direção a minha casa. O preço estabelecido por Geni foi quinze reais. Como praticamente não tive gastos, disse-lhe que o dinheiro arrecadado seria utilizado para comprarmos pizza e comermos juntos na noite seguinte. As meninas comemoraram.

Na noite seguinte chovia muito. Entro no ambiente e tento perceber como os “grupinhos” estavam formados. Nessa noite, eu era esperado. Afinal, sabiam que o dinheiro arrecadado com a função de taxista seria utilizado para compra de pizzas. Elas escolheram o sabor e fizeram o pedido. Na hora de buscar, como não havia parado de chover, estava difícil encontrar mototáxi que trouxesse a encomenda. Diante disso, Geni pede para que eu mesmo busque, senão iria esfriar. Chegando ao restaurante, a moça que estava no caixa conhecia a mim e a minha namorada. Quando disse que fui apanhar a pizza da

Geni, ela se assusta, noto pela expressão facial dela, dizendo: "você está na Geni pagando pizza pra elas?" Como havia outros funcionários por perto, optei por não dar detalhes da minha pesquisa.

Ao chegar com as pizzas, o movimento estava intenso. Entrego a encomenda para a Geni que guarda em seu próprio quarto para que os clientes não vissem. Decidimos deixar para comer depois que eles saíssem. Assim, poderíamos comer juntos.

Em seguida, um carro estaciona. Dois homens entram e se apresentam como vendedores de enxovais. Perguntam se elas queriam comprar. Ninguém teve interesse. Imediatamente, eles fazem a proposta de pagar as despesas na casa com as próprias mercadorias. Tamires esclarece que ninguém queria fazer permuta. Um deles insiste. Estou passeando pelo salão. Tamires encontra uma saída. Chama-me de meu amor. Abraça-me e diz: "vamos fazer nosso programai!" Saímos abraçados e fomos para a cozinha, que fica nos fundos, e me explica: "usei você para me livrar daqueles malas". Posteriormente, olha disfarçada para o salão, ao perceber que eles já saíram, convida-me para retornar ao salão. Ao voltarmos, as outras meninas riem de nós e uma delas comenta: "você estão se aproveitando do Fábio".

Como os clientes já saíram, os grupos começam a se formar novamente. Tive a preocupação de circular por todos eles, mesmo sabendo que isso implicava na perda do conteúdo de vários diálogos. No entanto, o ganho residiria no fato de eu não ser associado a nenhum grupo e, conseqüentemente, não assimilaria as rivalidades existentes.

Posteriormente, sento no sofá onde Sandra e Joice, que são namoradas, mas fazem programas com homens, conversavam sobre a gravidez de Joice. Aproximo-me delas e a grávida me pede para eu passar a mão em sua barriga para perceber o bebê mexendo. Minha presença ainda causava certo constrangimento de forma que vários assuntos não eram conversados quando eu estava próximo. Ao final da noite Geni pergunta: "você vem amanhã né? Na semana que vem vou fechar mais cedo para irmos para o baile. Vamos com a gente, aí dividimos quem vai no meu carro e quem vai no seu?" Posteriormente,

aceito o convite. Reflito sobre o fato de, se eu disponibilizasse meu carro para sair com as garotas, o contato poderia gradativamente ir aumentando.

4.2.2 – Pousando na zona: o cotidiano de um "segurança"

Se antes eu circulava pelo interior da zona, por não me sentir inserido, passado uma semana, comecei a ser convidado para participar dos movimentos internos. Quando a casa está sem cliente, uma atitude tomada por elas na expectativa da chegada deles, era ir para frente da zona, levar algumas cadeiras e ficar acenando para os motoristas que passavam. Quando isso acontecia, eu era convidado a participar. Com o tempo, elas começaram a se sentir mais à vontade e não mudavam mais o rumo da conversa quando eu me fazia presente. Em determinada noite, após ficarem em frente ao cabaré acenando e chamando os clientes, eu as acompanhando, comecei a chover e entramos para o recinto. Como não havia nenhum cliente na casa, Laura buscou em seu quarto uma câmera fotográfica e começou a tirar fotos.

Num certo instante, ela me convidou para fazer parte do grupo fotografado e disse que, a partir daquele momento, eu também fazia parte da zona. As noites de pouco movimento eram propícias para conversarmos sobre os mais diversos assuntos de meu interesse sem a formalidade de um gravador. Isto é, eram nesses diálogos abertos que eu fazia muitas perguntas sobre as quais tinha interesse em saber e elas me respondiam de forma natural.

Contava já uma semana que eu frequentava o ambiente. Nessa noite, era esperada a chegada de mais três garotas de programa. Após alguns minutos em que estávamos sentados em frente ao cabaré, avistamos duas carretas estacionarem em nossa frente. Geni abre um sorriso e comenta: "acho que são as novas meninas". Ao descer, três mulheres se apresentam. Dispus-me a carregar as malas. Elas aceitaram e me conduziram até o quarto em que

iriam morar. Fiquei contente. Era mais um espaço do ambiente que eu passava a conhecer.

Volto para a recepção. Tamires, sorridente, convida-me para sentar com as novas meninas e comenta: "tá rolando umas fofocas. Como você está pesquisando, precisa ouvir". sento junto delas. Geni diz: "meninas, deixa eu apresentar o Fábio. Ele é um amigo nosso. É professor na Unemat e tá fazendo uma pesquisa." Uma delas pergunta: "a pesquisa dele é sobre puta?" Geni confirma. Ela esclarece: "então você tem que conhecer minha vida. Se quiser, posso te contar." Em seguida, voltam ao assunto anterior.

Passado alguns minutos, Preta me pede R\$ 2,00. Nesse momento, os olhares das outras garotas se voltam para mim no sentido de perceber: "vamos ver como ele vai se sair dessa!" Repasso o dinheiro solicitado. Nesse interim, um carro estaciona. Descem dois homens. Um dele é aluno meu, que me cumprimenta, senta-se ao meu lado e começa a conversar. Fico constrangido. Minha preocupação era de ele ficar conversando comigo e não gastar com as mulheres. Se isso acontecesse minha estada poderia ser comprometida em função da possibilidade de atrapalhar o ganho delas. Disfarçadamente, peço licença e vou ao carro. Volto, fico um pouco distante e percebo que a interação entre ele e as mulheres já se iniciou.

Posteriormente, três jovens entram. Geni fica em dúvida sobre a maioridade deles. Pede o documento de identidade. Um deles se recusa. Aline diz: "você tem que mostrar. O fiscal está ali." E aponta para mim. Ele pergunta: "você é fiscal mesmo?" Respondo que sim. Imediatamente ele mostra sua habilitação e diz: "mas esse fiscal está muito parado." Barbie responde: "você nem imagina que o melhor da noite é ele que presencia. Ele já viu todas nós peladas".

Ao negociar um striptease, Tamires passa por mim, abre o sobretudo e me mostra a fantasia com a qual ria desempenhar a performance. Era de colegial. Em seguida, diz: "professor essa é em sua homenagem! Venha assistir?" Após o striptease um dos clientes, diz: "ser fiscal é muito bom hein?".

Após vinte dias de observação participante, em determinada noite, chega uma dupla de rapazes. Eles chamam duas garotas para irem para o fundo da boate. Camila, uma das convidadas, diz que não iria acompanhá-los porque eram muito mal educados. Eles escolhem, então, outra garota para interagir e saem para os fundos. Um deles retorna ao salão e presencia um rapaz sorrindo e imagina que o jovem ri dele. Em visível estado de embriaguez, foi tirar satisfação com o outro cliente querendo saber por que ele estava sendo motivo de zombaria. O rapaz explica que não estava rindo dele. Ele, nervoso, diz que vai sacar a arma e atirar no cabaré. Algumas meninas e eu nos preocupamos. Tomei a iniciativa de ficar em frente a porta, com as mãos para trás, de modo a dar a entender que fosse realmente o segurança da casa. Ele me observou. Olhei dentro de seus olhos. Mesmo estando com medo, procurei não demonstrar. Ele saiu. Acompanhei todos seus movimentos. Ele se deu conta de que era observado e voltou para os fundos e no ambiente tudo voltou à normalidade.

Ao começar um striptease, Geni pediu para que eu a acompanhasse de modo a impedir que qualquer cliente invadisse o palco onde ela exibia seu show. Novamente, fiz pose de segurança. O rapaz que momento atrás havia ameaçado atirar me chama. Com medo, fui. Ele me pediu uma cerveja. Busquei e compreendi que ele imaginava que de fato eu era um funcionário da casa. Após o show, ele e seu amigo propuseram para Joice, grávida de seis meses, que ela transasse com os dois, ao mesmo tempo, num motel. Ela recusou, temendo violência. Posteriormente, eles fizeram a mesma proposta para duas outras garotas que, temerosas, também recusaram. Diante das negativas, optaram por dormir na boate. Novamente, o medo da violência pairou sobre elas. Por isso, Geni pediu se, naquela noite, eu poderia dormir ali, pois caso houvesse algum problema ter-se-ia a figura masculina no ambiente, visando inibi-los.

Geni escolheu um quarto que estava vago para eu pousar. Era o de número três. Dormi ao lado do quarto onde os clientes, tidos como violentos, faziam o programa. Ouço os gemidos da relação sexual. Uma das minhas

funções era ficar atento para quaisquer sinais de violência. O combinado com as meninas foi: se houvesse quaisquer atos de violência elas bateriam na parede ou gritariam meu nome.

Tudo ocorreu dentro da normalidade. Às 6h47min, ouvi a movimentação dos clientes. Levanto-me, abro o portão para eles saírem, fecho e volto a dormir até as 11 h, horário em que elas se levantam. O assunto do café da manhã foi sobre os clientes da noite anterior. Elas me agradeceram pelo fato de eu ter me passado por segurança. A partir daquele dia ganhei a alcunha de segurança pelas meninas do cabaré.

Em função de elas se referirem assim a mim, tive a preocupação de me portar como tal. Com olhar firme, mãos para trás, passei a caminhar por toda a boate para que os clientes também assimilassem essa imagem. Esse foi um ganho extraordinário para a pesquisa. A partir de então, tive a liberdade para circular por qualquer espaço sem causar constrangimentos.

Passada uma semana desde a data que “assumi” a função de segurança, Geni pediu que eu ficasse no caixa enquanto ela limpava algumas mesas nos fundos. prontamente aceitei e refleti sobre o fato de ter conseguido conquistar a confiança dela. Ao vê-la voltando com uma vasilha de copos que estavam para ser lavados, pedi se poderia lavá-los. Ela sorri e diz: “professor, você? Lavar copos?”.

Naquela mesma noite, Geni pediu para que eu depositasse um cheque de um cliente na minha conta e repassasse, após a compensação, o dinheiro para ela. O cheque estava em branco e eu deveria preenchê-lo no valor conforme o gasto, que foi de R\$ 950,00. Esse pedido se deu pelo ao fato de ela e eles serem conhecidos na cidade e, por isso, haveria a possibilidade de a esposa do cliente desconfiar do valor do cheque, conseguir cópia dele e descobrir, consequentemente, que ele esteve no cabaré. Se meu nome aparecesse, não haveria problema algum, pois ele poderia alegar alguma negociação. Naquele dia, quando fui pagar minha consumação, a proprietária se recusa a receber, justificando o fato de eu ajudar no trabalho. Uma das garotas, Mei, elogiou-me, dizendo: “nossa, o professor é ponta firme mesmo.

109

Ele dorme aqui, fica no caixa, lava copos e ainda vai no banco. Ele é muito legal”.

Esses apontamentos pessoais, são relevantes porque compõem o traço peculiar à pesquisa etnográfica, conforme expôs Malinowski, sobre a necessidade de o pesquisador compartilhar do ambiente pesquisado, experienciando-o.

4.2.3 – Observação participante nos momentos de lazer

A observação participante, que começou de forma tímida, permitiu que, a convite das próprias garotas de programa, não ficasse restrita ao cabaré. Em função de eu passar a ser visto com alguém da própria zona de meretrício sempre que havia momentos de lazer eu era convidado a participar. Num determinado sábado, combinamos ir a um show que aconteceria na cidade.

Para o show, Geni reservou um camarote próximo ao bar. A escolha do local não era por acaso, deu-se em função de, a maioria das pessoas terem de ir ao bar para buscar bebida, logo veriam “as meninas da Geni”. Na ocasião, haviam duas novas garotas que, segundo Geni, precisavam ser exibidas. Durante o show, encontro duas professoras colegas minhas de trabalho. O estigma sobre a investigação se manifesta imediatamente. De acordo com uma delas, eu não estava em pesquisa, mas sim me aproveitando. Já que, para ela, a coleta de dados deveria ser feita apenas na zona e não fora. Explico sobre minha investigação. Não consigo, porém, convencê-la. De igual modo, outras pessoas que me viam acompanhados das garotas de programa fora do ambiente prostitucional faziam piadas preconceituosas.

Quando saímos da festa, aproximando-me do meu carro, acompanhado das meninas, ouvi a seguinte expressão “Ho, Fábio Cabaré!” Elas, irritadas, olham para tentar identificar quem gritou, mas não conseguiram. Camila, que possui uma tatuagem da “coelhinha da playboy” trajava uma roupa que permitia ver parcialmente a tatuagem, ouviu a seguinte frase: “olha lá a puta da

110

coelhinho!" Ficou aborrecida com o comentário e respondeu sem mesmo saber para quem: "sou puta mesmo. Mas tenho orgulho. E essas patricinhas que ficam dando para qualquer um de graça?" Em seguida, entrou em meu carro chorando.

Após o show, decidiram que iriam almoçar em um restaurante à beira do rio. Chegamos à zona, aproximadamente às 06 h da manhã. Geni me disse: "professor, agora você é nosso. Vamos almoçar junto. Seu quarto está preparado. Já dorme aqui com a gente. O dia já está amanhecendo".

No almoço, ao conversar com Geni, comentei que fora aprovado em um concurso no estado do Pará e aguardava convocação. Ela me fez o convite para, caso minha namorada permitia, abrir um cabaré em sociedade com ela naquele Estado. Como o convite estava condicionado à aceitação de minha namorada, não foi preciso responder naquele momento.

Durante a fase de observação participante, eu estava cumprindo algumas disciplinas do Mestrado. Nesses casos, tendo em vista que eu me ausentava por mais de uma semana, eu "pedia uma folga" para Geni. Era uma maneira de eu justificar minha ausência. Numa determinada segunda-feira de manhã, após uma semana de aula e, conseqüentemente, sem visitar o cabaré, às 10h14min. meu celular toca. Geni do outro lado, diz: "professor, sua folga acabou antes da hora. Venha pra cá porque hoje vai chegar quatro meninas e é bom você conhecer para saber da vida delas. Se você não vier, eu vou te cobrar multa". Agradei a informação e confirmei minha presença.

Coincidentemente, naquele mesmo dia, ao ir para a Universidade, um gari, que estava limpando a calçada, aborda-me dizendo: "E aí, professor? Como estão as meninas lá em cima?" Respondo: "este ano eu não estou dando aulas na vila!" Referindo-me à escola onde lecionei no primeiro semestre de 2009 e que se situa na parte alta da cidade e é comumente referida pelas pessoas como "lá em cima". Ele, então, responde-me: "não... quero saber se você tá com novas mulheres lá em cima?" Ele imaginava que era o administrador da boate ou cafetão e queria saber, como diz a gíria masculina, se eu estava com "carne nova no pedaço". Lembrei-me da informação que

Geni acabara de me passar e disse "sim, claro! Hoje deverá chegar mais quatro mulheres". Ele perguntou: "mas são gostosas?" Respondi: "não sei por que não as conheço". Ele encerrou o diálogo com a seguinte frase: "espero que sejam todas top de linha". Te encontro lá ainda essa semana".

Houve outras situações dessa natureza, na qual eu era abordado por pessoas, que, por vezes, não conhecia e elas pediam informações sobre o cabaré. Em geral, os questionamentos eram sempre no sentido de obter informações sobre a chegada de novas meninas.

Chego à boate, naquele dia, por volta da meia noite. Geni diz: "vou te cobrar multa por causa do horário que está chegando e assume seu balcão porque eu estou cansada!". Ela foi para o quarto e eu assumi o caixa. Do balcão, olhei para o quarto e percebi que ela dormia. A sensação foi muito interessante. Estava na condição de pesquisador e me sentia lisonjeado pela confiança em mim depositada, isto é, atender, fechar conta, receber pagamento e emitir troco.

Nesse dia, Raissa me apresentou para as quatro novas meninas e esclareceu sobre meu interesse na zona. Minha vontade era de ficar próximo das novas meninas para poder lhes conquistar a confiança. Todavia, naquele momento, isso não seria possível em função da responsabilidade de estar no caixa.

Essa função, contudo, não impede de que Raissa se aproxime e entabule conversa sobre o novo namorado. Nesse instante, sou chamado. Ela estava sentada no corredor entre o balcão e a parede. Peço licença. Recebo a seguinte resposta: "passa atrás de mim. Pode dar uma varada". No retorno, a situação se repete. E ela diz: "cuidado com essa bengala atrás de mim" e ri. O cliente pergunta se sou seu namorado. Ela informa que é apenas minha amiga e reitera: "ele é o único amigo que eu tenho de verdade. Ele já cansou de me ver pelada. Mas entre a gente a amizade vale mais que qualquer coisa. Só que vamos cobrar R\$ 100,00 dele de multa porque ele chegou atrasado".

PRANCHA 5: Interação nos momentos de lazer

Dados os limites espaciais que um texto acadêmico nos impõe, foi preciso sintetizar as funções por mim desenvolvidas durante a fase de observação participante. Além das descritas acima, no interior no cabaré, também atendia aos quartos, levando toalhas quando solicitada tanto pelos clientes quanto pelas garotas. A pedido de algumas profissionais, ficava próximo à porta onde eram realizados os programas para ouvir a relação sexual no intuito de identificar possíveis casos de violência. O combinado era que se houvesse o gemido seria de maneira diferente, de modo a me levar a perceber, e ao cliente não, que elas estavam pedindo ajuda. Acrease-se ainda a execução das funções de porteiro, garçom e manobrista. Por duas vezes, acredito eu, diferentes clientes imaginaram que essa era minha função, pois, sem dizer nada, apenas entregaram as chaves dos carros para mim. Como em ambas as ocasiões nada me foi dito, entendi que era para eu manobrar e retirar seus respectivos veículos. Assim o fiz.

Almoocei várias vezes no ambiente. Por mais que, por reiteradas vezes, Geni dissesse para eu me sentir a vontade e ir fazer refeições sempre que quisesse, precauvi-me de somente almoçar quando convidado especificamente para aquela ocasião. Eram nesses encontros que, ao retornar para casa, eu levava em meu carro as garotas de programa para irem ao médico, dentista, hotéis e motéis para atender clientes. Tornou-se uma prática comum, sempre que elas precisavam sair na parte da tarde eu era convidado a almoçar e, em seguida, saímos juntos.

Após esse período, acumulei várias fotografias, todas tiradas pelas próprias garotas de programa. Elas faziam o registro nas câmeras particulares, nos mais diversos momentos, e pediam para eu salvar as imagens em CDs e ficar com uma cópia de segurança em meu computador, pois em caso de extravio elas me procurariam. Fui autorizado a publicar essas imagens desde que feito tratamento imagético com vistas a não mostrar os rostos das personagens. Essa foi a única restrição imposta.



Churrasco no domingo. Nessas ocasiões, em geral, a presença de clientes não é permitida. Apenas, a proprietária, sua família, garotas de programa, namorados e amigos podem participar.



Assistindo um Show.



No baile. Uma das garotas acompanhada do namorado

Foi nesse clima que durante seis meses, de março a agosto de 2009, convivi intensamente com as mulheres pesquisadas, quando pude observar suas práticas no período de trabalho, nas horas de folga e nos momentos de lazer.

4.3 - Uma noite no cabaré

4.3.1 - Preparando a performance

Após ter apresentado a estrutura interna do cabaré e como fiz o levantamento de dados, descrevo agora, algumas ocorrências desse ambiente, que servirá como uma espécie de moldura, das outras categorias de análise que serão analisadas em seguida.

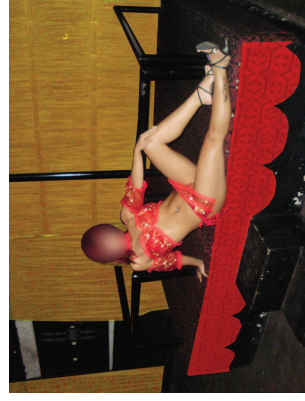
Quinta-feira, 9 h da manhã. Esse é um horário considerado “madrugada”, pois em geral, as garotas de programa estão desfrutando de um dos momentos mais intensos do sono. Menos nesse dia da semana. A labuta começa cedo. Algumas estão tomando café, enquanto aguardam sua vez de ser recebida pela manicure que as atende no próprio bordel. Outras, já estão no salão de beleza. E as que serão atendidas à tarde aproveitam um pouco mais do sono, com um fundo musical composto por uma seleção de músicas de Eduardo Costa, Milionário & José Rico, Chico Rei & Paraná, João Mineiro & Marciano.

Naquele dia, o assunto do café da manhã era sobre qual fantasia sexual e langerrri seriam usadas à noite. Bia comenta que já comprou uma calcinha, estilo fio dental, comestível. No entanto, só usará com quem fizer valer a pena. Mel comprará uma fantasia de empregada doméstica. Afinal, nos três lugares em que atuou nesta profissão foi assediada pelos patrões. Por isso, vê nessa fantasia a possibilidade de agradar alguns homens que não resistem às suas funcionárias. Barbie está a procura de uma fantasia de policial feminina americana (FBI). O que mais lhe chama a atenção não é a roupa em si, mas o acessório que acompanha: um cacete. Ela afirma que está cansada de inserir os dedos ou parte das mãos em alguns clientes que fazem essa solicitação após a realização sexual, por isso comprará essa fantasia. Raissa informa que não faz mais isso. Agora possui dois vibradores à bateria. Um considerado

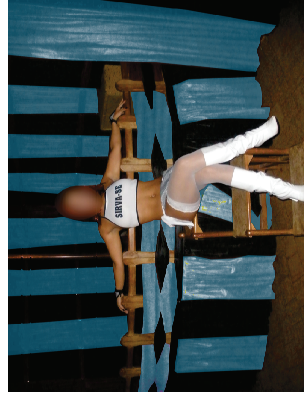
normal e o outro tido como avantajado, é um pênis de borracha de 27 cm de comprimento cor preta, por ela apelidado de negão. Ela conta que

O que faz mais sucesso é o negão. Vixi... como eles gostam. E é sempre depois de dar uma com a gente que eles pedem. E o pior que esses filhas da puta que pedem isso, além de meter bem, são aqueles bem machão que não aceitam nem falar de viado perto deles (Raissa).

Quanto às fantasias, Bárbara encomendou de coelhinha por estar na semana da Páscoa. Tamires, por ser Semana Santa, escolheu a de anjinho. Cristina a de presidiária, já Camila desempenhará a performance com traje de enfermeira.



PRANCHA 6: Fantasias sexuais utilizadas



A agenda do salão, às quintas-feiras, é preenchida em sua totalidade pelas mulheres que trabalham na Geni Drink's. Uma prática adotada por elas é o ato de todas frequentarem o mesmo salão de beleza. Caso alguma se descontente com o serviço prestado ou atendimento e resolva mudar de ambiente, todas as outras a seguirão. Essa atitude coletiva é justificada pelo preconceito e discriminação sofridos em alguns ambientes por causa da profissão que exercem. Houve casos de proprietários/as de salão se recusar a atendê-las, pois, se as aceitassem, outras clientes deixariam de frequentar seu espaço para não ser vista no mesmo lugar que as "meninas da Geni".

Decorre dessas situações um dos motivos para todas irem ao mesmo lugar. Isto é, a chance de serem rejeitadas diminui, já que, se uma for excluída, o/a empresário/a pode perder até 25 clientes, ou mais, de uma única vez. Quanto ao salão que, à época as atendia, havia outro fator que as deixavam mais à vontade: o cabeleireiro foi proprietário de zona de meretrício por mais de 15 anos. Acresce-se ainda a preferência por um único local, em função de alguns/as comerciantes, ao tomar conhecimento da profissão que as garotas exercem optam por cobrar a mais pelo serviço prestado, ou objeto vendido, por entender que elas ganham bem.

Enquanto a manicure atendia as garotas, Geni repetia sua rotina diária, a limpeza do cabaré. Enquanto aguardava a sua vez de ser atendida, Cristina é solicitada por Geni para limpar o salão de entrada. A razão para isso consiste em ela ter atendido bons clientes na noite anterior. Por isso, as garotas creem que, se a limpeza daquele espaço for feito por Cristina, a sorte que teve na noite anterior se espalhará pelo salão.

Diversas creanças acompanham o cotidiano dessas mulheres. Outra amplamente praticada é o ato de, a moça que faturar valores considerados além do normal, deve urinar do lado de fora do bordel, o mais próximo possível da porta de entrada, por três vezes consecutivas. Há também uma crença exercida somente quando o cliente faz o programa em sua própria residência, fazenda ou algo similar. Novamente, em se tratando de um bom cliente, a garota que conseguir roubar qualquer calçado do pé direito, detém sorte

enquanto estiver com esse objeto em seu poder. No entanto, é preciso esclarecer que esse sapato não pode ser conquistado via doação, mas somente pelo roubo. Esse é o motivo de essa prática não poder ser realizada na própria zona, pois como o cliente voltará para a casa, descalço ou com apenas um pé de sapato? Além do mais, nesse caso, torna-se fácil descobrir que foi roubado por uma das garotas. Enquanto, fora do cabaré, ao perceber a ação, várias suspeições se apresentam e a profissional do sexo já terá se retirado.

Raissa comentou que é de sua responsabilidade a alta do movimento do sábado anterior, quando a garota que menos trabalhou fez cinco programas. Assegurou que, pela manhã, enquanto o salão era limpo, ela pegou um resto de uísque que guardou sem que fosse percebida, de um cliente que lhe pagou R\$ 700,00 pelo programa, e diluiu na água de enxágue. Reza a crença na zona que essa prática também traz sorte.

Após o almoço, Tamires e Camila, que já voltaram do salão, onde fizeram prancha no cabelo, limpeza de pele, depilação e decoração das unhas, decidiram tomar banho de sol no estacionamento da zona. A marca do biquíni é um distintivo de forma que, quando várias moças estão disponíveis, a que estiver mostrando o bronzeamento ocupa a preferência dos clientes. Por isso, vale tudo para divulgar esse detalhe do corpo com roupas sensuais e, em alguns casos, até andando nua pelo cabaré.

Durante o banho de sol, a conversa foi marcada pelas ocorrências do último baile em que elas foram. À medida que Geni entrou na festa, os olhares masculinos se voltaram para as mulheres que a acompanhavam com o intuito de identificar quem eram as novas garotas que trabalhariam na zona, consideradas "carnes novas no pedaço". A própria Geni aproveitava dessa situação para frequentar ambientes onde os clientes estão acompanhados das esposas e namoradas para expor as novas mulheres, na esperança de que, em seguida, eles vão até a boate para fazer programa.

Essa prática, segundo Geni, tem mostrado resultado. Quando não se quer esperar até o sábado para fazer a exposição no tradicional baile da

cidade, é comum elas caminharem, sempre juntas, pela avenida central com o intuito de serem percebidas pelos homens. Alguns clientes aludem que foram ao ambiente após as terem avistado na rua ou terem recebido algum tipo de informação por parte de algum colega que as tenha visto. Portanto, por vezes, o mero fato de caminhar pela rua consiste numa forma de publicidade das novas garotas. Para facilitar, nesses casos, vale a utilização de alguns recursos visuais tais como: saiais e shorts curtos, blusas decotadas e camisetas com a expressão "Geni Drink's" estampadas tanto na frente quanto atrás para que não paire nenhuma dúvida sobre quem são elas. Segundo uma informante, a cada exposição pública, é notório o aumento de clientes que visitam o cabaré.

PRANCHA 7: Exposição das garotas de programa



Há também aquilo que elas consideram como uniforme discreto. Às da camiseta preta contém a sigla P.O.E.S. que significa Pelotão Especial da Sacanagem. Dessa forma o frequentador ao ver a logomarca, saberá do que se trata. Mas outras pessoas não saberão o significado

No entanto, isso tem gerado um problema discriminatório. Qualquer mulher que é vista na companhia de Geni, figura muito conhecida na cidade, pode ser confundida com garota de programa. Diante disso, algumas profissionais do sexo optam por não sair pela rua da maneira descrita acima por medo de encontrar alguém que conheça a família ou que seja da sua mesma cidade de origem, tendo em vista que elas preferem não se prostituir na cidade em que moram.

As garotas de programa relatam que quando estão em público, a grosso modo, duas são as posturas adotadas pelos homens. De um lado, aqueles que não as conhecem, mas ficam o mais próximo possível delas na tentativa de demonstrar "ter moral" com "as meninas da Geni". A característica desses homens, em geral, é de serem solteiros e de não estarem a fim de se relacionar afetivamente com qualquer mulher que não seja garota de programa. Essa demarcação ocorre, pois, se o homem estiver interessado em alguma mulher numa festa, por exemplo, e for vista pela pessoa que tem interesse perto das prostitutas, ocorrerá aquilo que elas denominam como "queimar o filme". Estando com o "filme queimado", o rapaz também será evitado por outras mulheres para não ser associadas à prostituição.

De outro, alguns homens, por vezes conhecidos das profissionais do sexo, ficam constrangidos pela presença delas por medo de ser cumprimentados e ter de explicar de onde conhece aquelas mulheres. Tamires não vê sentido nessa preocupação, pois, conforme ela explicou, uma prática adotada por todas as garotas deste bordel é de não tomar a iniciativa de cumprimentar nenhum homem fora da zona. Exceto se ação partir do homem. Essa prática ocorre para não transferir para o cliente o estigma e preconceito que elas sofrem.

Nos bailes, é perceptível o olhar cerceador de algumas esposas e namoradas, com o intuito de perceber se seus maridos e namorados estão

PRANCHA 8: Interação nos finais de semana

olhando para as garotas de programa. Isso demonstra a insegurança causada pelas prostitutas em algumas mulheres.

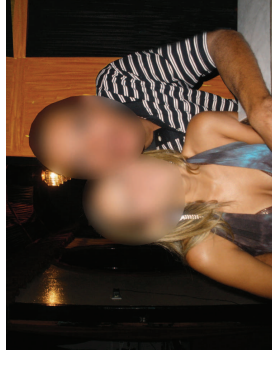
Camila expôs que fica muito brava quando está no baile e é procurada para fazer programa, ou por aqueles homens que querem se relacionar apenas para “transar de graça”. Existem homens, denominados por elas, “farejadores de puta nas festas”, que ligam no cabaré perguntando para onde elas vão após o expediente. Outros vão à zona quase na hora de fechar e não fazem programa. O interesse deles é descobrir para onde elas vão após o expediente em busca de se relacionar fora do cabaré para não ter de arcar com o custo financeiro.

Por isso, Camila opta por, no sábado após a meia noite e domingo, mesmo com a boate aberta, não trabalhar. Ao ser procurada em festas para algum atendimento informa que “está fechada para balanço”. A forma encontrada para distinguir o homem que realmente quer se relacionar com os que querem apenas, como diria Camila “comer de graça”, é sair por várias noites sem transar nos primeiros encontros. Se o parceiro resistir à prova, poderá ocupar o posto de namorado ou ficante. Caso contrário, será visto como aquele que queria apenas transar sem pagar.

Tamires compactua das declarações de Camila ao dizer: “sábado à noite e domingo meu negócio é ficar com meu namorado, descansar e me divertir”. Esse assunto integra Cristina e Raissa no diálogo. Cristina vê no sábado à noite a possibilidade do jogo da conquista. Gosta de se envolver com alguém sem que seja duradouro, numa relação não mediada pelo dinheiro. Para isso, omite a ocupação profissional a fim de evitar o preconceito, pois pode acontecer de algum homem estar interessado, mas, ao saber que ela faz programa, a interação poderá tomar outro rumo.



No domingo opta por ficar com o namorado.



Recebendo visita do namorado no próprio cabaré.



Namorados das prostitutas, uma garota e o pesquisador num baile de sábado.



Namorando no próprio cabaré, ao lado do enxoval que ganhou para o filho que ainda vai nascer

Raissa faz do lazer uma extensão do trabalho. Para ela não existe hora nem momento para trabalhar. Basta não estar na companhia do namorado. Por isso, ela se utiliza do espaço dos bailes para angariar programas. Quando o interessado se aproxima, faz questão de deixar claro que é garota de programa e seu preço. Assim, caso não haja interesse, ela estará disponível para outro. Em uma determinada noite, um rapaz olhava de longe insistentemente para Raissa. Como resposta, ela acariciou o dedo polegar com o indicador, demonstrando que estava interessada em se envolver numa relação por dinheiro.

Em determinado almoço, num restaurante à beira rio da cidade, alguns jovens se aproximaram de Bianca. Durante a apresentação, ela disse "Olá, muito prazer! Nós somos da Geni Drink's. Ela é a Geni. Nós somos as Drink's. Quem você vai querer consumir?" Com essa frase, o almoço foi interrompido e Bianca negociou mais um programa. Eram 1h da manhã de um domingo. Em seguida, ela se retirou em direção ao motel mais próximo.

Nesse ínterim, Mel mostrava-se preocupada por estar num lugar público. Temia que alguém da sua família descobrisse que ela trabalha numa zona e não em uma fazenda como ela sustentava para seus familiares. Se isso acontecer, ela acredita que seu pai irá lhe trancar em casa e não mais a deixará sair, mesmo estando ela agora com 20 anos.

Por outro lado, vê no dinheiro o empecilho para sair dessa atividade, à medida que se questiona: "onde uma menina como eu, sem estudo, vai tirar até R\$ 7.000,00 num único mês, como já aconteceu comigo?"

Sobre sua renda mensal, Barbie diz que seu maior rendimento nessa atividade foi de R\$ 5.500,00 e que as pessoas acreditam que prostitutas ganham dinheiro fácil. Mas, para ela, isso não se constitui como verdade. Considera ser este um ganho difícil pelas adversidades da função, tais como: atender clientes violentos, drogados, bêbados, sujos, com odores, entre outros. Relata que

as pessoas acham que a gente ganha dinheiro fácil, mas não é fácil, e outra coisa é um dinheiro que você ganha e gasta tão fácil, não tem

123

lucro de nada. Você não faz nenhuma coisa de valor, você não tem nenhum um futuro. Você trabalha um mês, igual eu trabalhava e sabia o que fazer com o meu dinheiro que não dava nem dez por cento do que eu ganho hoje e tinha todos os meus compromissos e rendia. E esse dinheiro não rende. Não rende nada. É um dinheiro que não é abençoado. Que você ganha muito, mas não rende nada, você gasta ele com a maior facilidade (Barbie).

Gente como que eu gasto o meu dinheiro? Até que queria saber como que eu gasto o meu dinheiro. Porque eu não sei pra onde que ele vai. (risos) já ganhei até oito mil num mês. Até eu queria saber como que eu gasto o meu dinheiro. Mas... tem muito dinheiro que vai pra lá, vai pra cá. O único que eu sei que eu manobro que eu tenho que mandar e eu sei que, ele eu gasto assim todo mês, é lá de casa. Eu não sei pra onde vai meu dinheiro. Vai pra salário, vai pra roupa, vai pra calçado, vai pra comida, aí vai pra tanta coisa (Camilla).

Raissa comenta que em determinada noite faturou R\$ 2.000,00. No outro dia, no entanto, já estava sem dinheiro por ter comprado

roupa sem necessidade, bobageira, maquiagem, perfumes caros, calçado e salário. Mas a gente é muito boba. Chega a pagar até R\$ 400,00 por um perfume, para agüentar esses peão que a gente tem que dar banho pra poder ficar perto. Senão não agüenta.

Percebo, pelos relatos, que esses gastos são considerados por elas como investimento em coisas fúteis.

4.3.2 - A interação com os clientes

Na sala de entrada, várias luzes iluminam o ambiente num tom residencial. Enquanto na sala dos fundos, o ambiente enfumaçado, corpos seminus, músicas libidinosas e risos altos compõem os ingredientes das noites do cabaré.

No início da noite, dois rapazes chegam ao ambiente. Um deles solicita que alguma moça vá até a varanda e convença seu amigo a entrar. No entanto, ele é conhecido pelas garotas e nenhuma está disposta a atendê-lo em função de possuir algumas manias reprovadas por elas, tais como: xingamento, tentativas de beijos forçados e mordidas que deixam marcas pelo corpo. Devido a falta de interesse das mulheres, ambos se retiram.

124

Com o início dos jogos sendo transmitidos pela televisão, sobretudo o do Corinthians, o movimento de homens na zona diminui consideravelmente. Após o término, os clientes começam a chegar. Do lugar onde estou, vejo dois jovens entrarem, escolhem duas garotas e continuam a interação na sala dos fundos. Passados pouco mais de dez minutos, eles se retiram. As meninas que os atenderam reclamam, pois, queriam fazer sexo depois do expediente sem pagar por se considerarem bonitos e gostosos. Afirmaram que "era uma honra as prostitutas terem recebido a visita de dois homens atraentes como eles." E resposta recebida de Tamires foi: "seu bolso é meu guia. E bem por ser bonito, tem que pagar mais. Pois, se bonito assim, não conseqe mulher lá fora é porque devem ser ruim de cama".

O telefone toca. Geni informa ao interlocutor que está tudo sob controle e finaliza com a frase "pode vir que está limpo. Já vou deixar aberto". Retira-se, vai para os fundos do lote e abre um portão que é utilizado somente por quem não pode ser visto nesse ambiente pelos outros clientes. Quando o solicitante chega, as meninas vão até o carro na tentativa de ser a escolhida. Ele deixa pago a taxa de retirada da moça, no valor de R\$ 150,00, negocia o valor do programa e vai para um motel.

Cristina, na sala de entrada, desistiu de atender um rapaz, pois, ao pagar uma dose, ele se sentiu no direito de acariciar e introduzir o dedo em regiões de seu corpo consideradas íntimas. Isso, para ela, é inadmissível antes de se negociar o programa, principalmente, por ser em público. Nesse momento, o cliente altera a voz. Geni faz de conta que limpa a parte inferior do balcão e coloca sobre o caixa um pedaço de madeira arredondado de aproximadamente um metro de comprimento por 15 cm de diâmetro. O apelido desse objeto é "amansa louco". Ele é utilizado para amedrontar os clientes considerados nervosinhos. De fato, surtiu efeito. Bastou Geni apanhá-lo para que o homem, que em instantes atrás discutia em voz alta, tomasse a decisão de ir embora.

Dois táxis estacionam em frente ao bordel. Doze pessoas desembarcam. São trabalhadores do nordeste que estão na cidade e receberam pagamento

nesse dia. Um deles diz: "mas que silêncio. Isto aqui está parecendo mais com um velório do que com uma zona". Bianca concorda com o cliente e esclarece que só ele pode alegrar a casa colocando música na máquina e finaliza: "meu bem, você nem imagina do que eu sou capaz de fazer estando feliz". Em seguida, é realizada uma "vaquinha" entre eles e são disponibilizados R\$ 20,00 para ouvir músicas, o que se equivale a vinte músicas ou dois CDs.

Quando Laura senta para atender um dos rapazes pertencente a esse grupo de trabalhadores, ele informa que ainda não gastou nem R\$ 100,00. Em seguida, saca do bolso dois maços de dinheiro preso por borrachas e informa que aquilo é só para aquela noite. Imediatamente, Laura faz aparência de tristeza. Ao ser questionada pelo cliente o motivo de sua tristeza, ela o chama de paixão e informa que sua mãe precisa fazer um cirurgia urgente, mas não tem dinheiro, sendo que os seus rendimentos não são suficientes. Nesse drama irreal, haja vista que ela é órfã, recebe como "caixinha" R\$ 200,00.

Nesse mesmo grupo, parte de uma família se faz presente: pai, filho, genro e cunhado. Apenas este último possui dinheiro. Os outros dois estão sendo custeados pelo pai e sogro, respectivamente. Os trocadilhos são constantes do genro para o sogro, tais como: "o véio, não gasta muito dinheiro não, porque lá em casa, sua filha só tá comendo linguíça". Imediatamente, ele passa a ser mal visto pelas garotas por duas razões: por fazer piadas sobre a esposa e por ter sua conta paga pelo sogro. Na zona, homem que não possui dinheiro para pagar a própria conta e se encontra na dependência de outro é visto como explorador. As garotas não gostam de homens "exploradores" nem mesmo de quem faz piadas sobre as esposas e namoradas.

Enquanto isso, nos fundos, o forró toma conta do espaço. Outros componentes do grupo nordestino negociam três striptease com garotas diferentes. Um dos trabalhadores está cumprindo uma promessa que havia feito a seus amigos da última vez que esteve no cabaré - consiste em transar cinco vezes em seguida sem sair do quarto. De modo que escolhe as cinco garotas que o atenderão e organiza a sequência do atendimento em fila. Assim, a cada moça que sai, a próxima entra e ele continua no quarto. Por ser

de idade, alguns colegas de trabalho fazem piadas ao colocar em xeque seu desempenho sexual, bem como sua masculinidade.

Dos doze integrantes, um declara o desinteresse por fazer programa. Sua intenção é apenas beber, dançar e assistir aos stripteases. É ele quem inicia as piadas colocando em xeque a masculinidade dos colegas, bem como os convence a ir à zona nos dias de pagamento e vale. Segundo as garotas, há um interesse pessoal por trás disso, pois ele não transa, mas sempre leva dinheiro além da quantia que consome. Seu poder de persuasão sobre os colegas é alto, de maneira que ele insiste para que seus amigos bebam e transem quantas vezes conseguirem. Dessa forma, rapidamente acaba o dinheiro de seus convidados. Menos o dele. Quando isso ocorre vem a seguinte expressão “você é meu amigo. Quero que você continue festando. Temos que aproveitar enquanto estamos aqui. Nós não vamos sair dessa vida vivo. Vai lá, dá mais uma. Se quiser eu tenho dinheiro aqui e te empresto”.

Na concepção das garotas de programa, ele assume o papel de agiota. O dinheiro a ser emprestado é negociado a 40% de juros ao mês. Para não haver prejuízo, há um acordo com o encarregado da empresa que recebe uma porcentagem para que, no dia do pagamento, seja descontado do salário do trabalhador e transferido para o “agiota” o valor devido pelo empréstimo. No final da noite, um dos jovens que contraiu a dívida o abraça e diz: “esse é meu amigo de verdade. Só nessa noite ele me emprestou R\$ 1.400,00, porque eu só tinha R\$ 350,00 pra gastar. Ele confia tanto em mim que nem exigiu nenhum papel assinado”. O cliente que empresta dinheiro é abominado pelas garotas de programa, visto como explorador, com discurso de amigo.

As garotas aproveitam quando esses clientes vão à zona. Sabem que não tem hora para acabar. Por outro lado, há um bom motivo: enquanto houver dinheiro, eles continuam. Só saem quando acaba. Por vezes, precisam tomar empréstimo da dona da zona quando o dinheiro do “agiota” acaba, até para pagar o táxi que os levará direito para o trabalho, pois não há mais tempo para dormir. Geni não costuma emprestar dinheiro. No entanto, para esse grupo ela faz, pois, mesmo se não receber, a quantia consumida pelo grupo compensa o

pagamento do táxi. Por fim, todas as garotas fizeram programa. Jennifer, que foi a mais disputada, fez doze programas naquela noite, no valor de R\$ 150,00 cada. Ao final, diz:

“Hoje eu não dou mais. Enchi minha buceta de pomada antes de dar pra esses nordestinos, mas tá ardendo pra caramba. Tem uns três deles que tem uns cacêtes que mais parece de um jogo do que gente. Mas eles são todos legais e educados. Pagam o que a gente pede. E se pedir dinheiro só por pedir eles dão também. Preciso me repousar. Hoje só faço sala, strip-tease ou sexo oral. Trepar, nem com o meu marido, quando chegar em casa, que é o homem mais carinhoso e gostoso que já conheci eu não agüento” (Jennifer).

Nessa noite enquanto todas as garotas estavam ocupadas, um senhor adentrou o ambiente e perguntou se havia alguma moça disponível para atendê-lo. Todas estavam ocupadas. Decidiu tomar uma dose e pediu, novamente, para que alguma garota lhe fizesse companhia. Geni explicou-lhe que não era possível, pois todas estavam atendendo. Em tom de voz alterado, veio a expressão: “pode chamar, é o gaúcho que tá aqui! Vai lá e avisa que o gaúcho chegou!”. O pedido é negado. Numa clara insistência, ele diz: “por favor, bata lá na porta do quarto e diz que o gaúcho agulhudo está aqui”.

Raissa, ao término de um programa lhe faz companhia. Porém, o senhor se recusa a lhe pagar uma bebida e ela desiste da interação. Em visível estado de embriaguez, ele sobe no palco de striptease, tira a camisa e começa a dançar. Sem receber atenção, em seguida se retira.

Dois jovens entraram. Raissa os acompanhou até a sala dos fundos e passou alguns minutos faz um programa com os dois, ao mesmo tempo. Após a saída dos clientes, declarou:

esse foi o dinheiro mais fácil que já ganhei na minha vida. Recebi R\$ 200,00 pra ficar com dois gostosos. Hoje eu gozei bão. Foi assim “profe”... chegou dois rapazes. Dois era lindo maravilhoso. Um mais bonito do que o outro. Nisso eu pensei: quem será que vai querer fazer programa comigo? Tudo bem... os dois são gatinhos. Ai eu pensei: já pensou se os dois quiserem vim ao mesmo tempo.... dali a pouco eles fizeram a proposta. No começo eu recusei pra poder fazer um charminho. Depois eu aceitei. Foi bom demais. Um começou a colocar no meu cú mas não terminou. Mas eu aproveitei. To feliz: essa vida é difícil, mas a gente se diverte horrores.

Fior que acabou de fazer um programa, sentou-se na varanda e percebeu nela um semblante de tristeza. Dirijo-me a ela que comenta que a prostituição não é vida. Por mais que seu rendimento financeiro seja alto, a carência de ter alguém para conversar, fazer e receber carinho, numa relação de afetividade recíproca é grande. Pois, por mais que durante a noite ela tenha vários homens "aos seus pés", no final, sempre termina sozinha, sentenciou. Aline esclareceu que, mesmo sendo uma vida difícil, ela se diverte muito e deu dicas para Fior aproveitar o lado bom da atividade que entre outros seriam, transar com homens bonitos, receber para ter orgasmo, ser admirada, ganhar muito bem e poder comprar o que quiser.

Uma caminhonete de luxo passou em frente ao cabaré, reduzindo a velocidade. Laura foi até o carro e convenceu o motorista a entrar, com a seguinte expressão:

meu bem, coração, vamos entrar? Temos loira, morena, ruiva, magra, mulher melancólica. Temos várias, você escolhe'. Qualquer uma que você escolher, só com a língua e a buceta vai te levar para o céu, numa viagem como você nunca foi.

Ao entrar na sala de entrada, várias garotas estavam posicionadas na esperança de ser a escolhida. A opção foi por Barbie que pediu para ele pagar algumas músicas para o cabaré ficar mais animado. Em seguida, informou que estava com vontade de beber alguma coisa. Seus pedidos foram aceitos. Ela o abraçou e foram para os fundos da boate. Mais bebidas são consumidas, tanto por Barbie quanto pelo cliente. Passado alguns minutos, a conta foi paga e o cliente se retirou sem fazer programa. Barbie se considerou satisfeita, pois, mesmo não tendo realizado o programa sexual, recebeu conforme estabelece a regra da casa, vinte por cento do valor cobrado pela bebida consumida durante a interação.

Bárbara acabou de sair de um programa que lhe preocupou muito. O cliente exigiu que ela fizesse sexo oral nele sem preservativo. Com a voz ainda trêmula contou para as meninas, que estavam desacompanhadas, sua experiência, considerada desagradável:

Como a gente faz o sexo oral só com camisinha, ele falou que "não, que não tá ter boa de eu fazer sexo oral com camisinha". Ai eu falei: "meu coração olha eu uso percing na língua, certo? Pode acontecer de arranhar, machucar, a minha saliva bater aí, muita coisa..." "não". Ai ele pegou na minha cabeça e o trem (pênis) ali duro ereto, pensei vou engasgar com esse trem na minha garganta, eu vou morrer. Ai eu de colocar a mão assim na barriga dele e pedir pra parar. Ele "não, eu não quero. Eu quero que aconteça assim". Eu falei "moço você está doído?" e a cabeça espirrando. Pensei: esse cara... esse trem vai entrar na minha garganta e eu vou morrer. E pedi pra ele não fazer. E olhar pra ele e pedir pelo amor de Deus, não faz isso não. Fui obrigada a pedir pelo amor de Deus. Foi aonde ele parou a falou assim: "não, tudo bem. Já que você não quer, beleza. Só que também não precisa me chupar." "ta bom". Deu olhar e pedir pelo amor de Deus, não faz isso não. Porque eu vi a hora dele pressionar e colocar tudo e eu pronto onde eu vou para com esse trem, na garganta? (Bárbara)

Enquanto algumas meninas riam na sala de entrada, na rua, um carro passa e os jovens que estão a bordo gritaram: "Sai pra fora, sua putas, queremos comer seu cú?" Laura em tom de voz alto, responde: "Putá é sua mãe, seu viado. Vai comer o cú dela, porque ela sim gosta de dá".

Camila comentou que estava com saudades do "velho do cú frouxo". As meninas riram e pediram para que essa história fosse contada. Ela esclareceu que se tratava de um senhor que gosta de "pegar pouso" – negociar um programa pela noite toda. Ocorre que ele dorme mesmo de fazer sexo. Ela descobriu uma parte do corpo do cliente que, ao fazer carinho, o sono vem quase que imediatamente. Portanto, esse local é explorado. Tão logo ele começa dormir, Camila se retira do quarto, apenas de calcinha e sutiã, ou até mesmo nua, como já ocorreu, e vai para a sala disputar novos clientes para fazer programas, enquanto o outro dorme. Para não correr o risco de ele acordar, entre um cliente e outro, ela vai ao quarto faz um carinho no cliente, que dorme profundamente, e volta para o salão. Quando o dia está amanhecendo, ela vai para o quarto e espalha aproximadamente dez preservativos pelo chão. Ao acordar, ele pede para manter relação sexual a resposta recebida é:

nossa, você quer dar mais uma? Nós já transamos a noite toda. Minha buceta chega tá ardendo desse teu pau gostoso. Veja no chão o tanto de camisinha que você usou? Você parece um menino de vinte anos!

Ele fica contente ao ver a quantidade de camisinha espalhada pelo quarto e diz que bebeu tanto que nem se lembra de quantas vezes transou. Por fim, Camila esclareceu que é impossível dormir com esse senhor, tendo em vista a mania que ele possui que é de roncar e peidar, ao mesmo tempo, enquanto dorme. Por isso o apelido de “cú frouxo”. Ao amanhecer o dia, o valor combinado é pago e, sem ter feito sexo, mas acreditando que transou várias vezes, esse senhor, vai embora. Cena que foi repetida várias vezes.

Na sala dos fundos, Tamires fazia um striptease para um grupo de jovens que são frequentadores assíduos. A característica desses clientes é o fato de eles nunca terem feito programa. Gostam é de striptease. Ocorre que, tão logo termina a performance, um após o outro vai ao banheiro. Da última vez que isso aconteceu, Geni espiou pela janela e percebeu que eles utilizam esse espaço para se masturbar. Por isso, nessa noite, ela os havia informado:

Hó, vocês podem ficar aqui a vontade. Se não quiserem fazer programa não tem problema. Só que se vocês usarem meu banheiro como quarto, pra ficar batendo punheta, eu vou cobrar o valor de um quarto de cada um de vocês. Porque toda vez é eu que tenho que limpar as porras que vocês deixam no chão (Geni)

Mel é principiante na atividade de prostituição. Quando iniciei a pesquisa, fazia somente dois meses que ela havia começado. Durante o atendimento a um caminhoneiro foi informada que o programa seria sem preservativo. Ela ficou apreensiva com medo de não conseguir sair dessa situação. Tamires e Camila deram-lhe dicas de como agir nesses casos. Sugerem que seja utilizado preservativo feminino, sem que seja percebido pelo cliente. Para isso, é preciso que ela vá ao banheiro, insira o preservativo e não permita que a vagina seja tocada com as mãos ou com a boca do cliente. Em caso de insistência, deve-se dizer:

meu amor, eu não sou lésbica que gosta de ser tocada ou chupada. Estou louca de vontade de sentir esse seu cacete grandão nessa bucelinha que tá louca de vontade de ser comida por você. Vamos meter, vamos? Quero sentir sua pica grossa logo (Camila).

Outra dica é de a garota transar na posição em que ela fique por cima do cliente, introduzindo o pênis com a mão, de forma que ele não perceba o preservativo feminino.

Enquanto isso, os assuntos eram sobre alguns dos truques utilizados nessa atividade. Geni explicava que, na maioria dos cabarés, próximo à parede existe uma planta conhecida por “comigo ninguém pode” que exerce dupla função. De um lado, para afastar o mau olhado. E, de outro, serve como recipiente onde as garotas de programa jogam as bebidas pagas pelos clientes. Isto é, elas pedem para que o cliente pague dose e joga na planta. Em seguida, pede outra e, assim, sucessivamente. É uma forma de aumentar o rendimento sem ter de esperar o tempo destinado à consumação. Esse truque tem de ser realizado sem que o cliente perceba. Caso contrário, poderá haver confusão.

Camila relembra um caso que ocorreu em uma boate onde ela trabalhava, em que, do lado de dentro do balcão, havia dois baldes. As garotas pediam bebida e, sem que o cliente percebesse, despejavam no balde. Ocorre que, em determinada ocasião, um cliente presenciou o ato, mas fingiu não ver nada. Na hora de sair, pediu a conta. Ao ser informado do valor, disse: “vou pagar somente a metade!” Questionado sobre o motivo, ele respondeu: “meu dinheiro não pode ser despejado naquele balde. Mas se quiser tudo bem, eu pago a conta toda. Mas quero que o balde seja posto em cima do balcão. Ai, após essa menina tomar toda a bebida que jogou fora, eu pago”. Por fim, houve uma negociação e ele pagou somente a metade da despesa.

Com o movimento calmo, três clientes adentraram ao cabaré. Imediatamente, reclamaram por não haver música. Geni explicou que a música é paga por eles mesmos e, por isso, podem ouvir o que quiserem. Um deles indagou: “nossa... até para ouvir música a gente tem que pagar?” Essa frase se torna um impeditivo imediato da interação. Foi, a partir dela, que as garotas fizeram a definição da situação, como expressou a fala de Camila, acompanhada de um olhar revoltante: “se você não quer pagar nem música o que é que você vem fazer aqui? Será que quer que a gente dê de graça

também?”. Em seguida, se retirou imaginando, conforme ela relata, que uma pessoa que se recusa a pagar uma música dificilmente fará um programa.

Posteriormente, eles optaram por inserir moedas na máquina de música. Foi somente naquele momento que Barbie e Mila decidiram lhes fazer companhia, quando cada uma delas recebeu uma dose. Para surpresa de Camila, a definição inicial da situação foi alterada, pois a cada pedido por parte das garotas de programa a resposta era positiva.

Mila havia deixado os fundos da boate e se dirigia ao caixa para buscar a segunda dose que havia recebido de um desses clientes. Ao chegar à sala de entrada, percebeu que o cliente que ela atendera na noite anterior, e com quem tivera um orgasmo, havia chegado. Este era considerado por ela um bom cliente por ter pagado um valor superior ao que foi exigido pelo programa e ainda tê-la feito gozar. Diante disso, Mila desistiu dos clientes anteriores para atender ao recém-chegado. Geni, ao perceber essa situação, determinou que Mila voltasse imediatamente a interagir com os clientes que já haviam lhe pagado doses. A garota responde que os clientes não queriam mais sua companhia e Geni questiona: “como não te quer se está pagando dose para você?”.

Mila ignorou a determinação da proprietária do cabaré e continuou a interação com o cliente que lhe interessava. Camila aproveitou-se dessa situação para se vingar de Mila, por esta ter “dado em cima” de seu namorado. Procura, então, o cliente dispensado e diz: “você não pagou dose para aquela moça? Então, ela é obrigada a fazer companhia para você enquanto você estiver pagando?” “Deixa pra lá. Se ela não quer tudo bem”, informa o cliente. Camila pede uma dose. Sua solicitação é aceita. Ao buscar a bebida, diz para Geni: “ó.... o cliente lá do fundo está reclamando porque pagou doses para Mila e ela está com outro.” Geni novamente reitera a determinação anterior. Com a nova recusa, e acreditando que a informação recebida é verdadeira sentenciou: “quer saber, aqui não é lugar de namorar. Se você não quer atender o cliente não vai. Mas também se retira hoje da minha casa. É passado de duas horas da manhã e eu não vou aturar menina que não quer trabalhar”.

133

Diante da situação, Mila e sua irmã Juliana arrumam as malas para irem embora. Como o cliente da noite anterior havia presenciado o desentendimento, decidiu levar as duas irmãs para sua casa. Passado um tempo, ambos foram vistos mantendo relação de namorados.

Camila mostrou-se extremamente feliz. Afinal sua armação dera resultado. Ela conseguiu estruturar uma armadilha para que a moça que havia tentado se relacionar com seu namorado caísse. Geni afirmou que, de qualquer maneira, apenas se aproveitou da situação para mandar as duas irmãs embora. Isso seria feito de qualquer forma, tendo em vista uma denúncia que havia recebido de que ambas eram usuárias de drogas.

Seu medo, como já relatado, é de que polícia em alguma revista confirmasse a denúncia e fechasse o cabaré. Quem denunciou foi um rapaz frequentador de um ambiente de compra e venda de drogas, espaço conhecido como “boca”. Todavia, a própria denúncia fora outra armação de Camila numa clara tentativa de vingança. O conflito entre as duas garotas, fez com que Camila se integrasse com outros indivíduos para simular uma denúncia que não recebesse descrédito por parte de Geni, em função de a pessoa que comentou ser alguém envolvido com drogas.

É preciso esclarecer que outro plano já estava sendo planejado em complemento ao anterior. Camila se aproximou de Mila fingindo ser amiga e não levando em consideração o desentendimento anterior. Com a aparência de amizade, antes de ir dormir, Camila se prontificaria em preparar um macarrão para as duas. Ocorre que, no suco que seria servido junto à refeição, estariam dissolvidos dois comprimidos laxantes. Por fim, Camila em tom de ameaça para as outras colegas, esclarece:

Essa é minha vingança com essas biscates que atravessam meu caminho. Já fiz isso outra vez. Uma galinha me tirou aí eu fiz de conta que era amiga dela e coloquei três laxantes, um a mais do que eu ia por hoje, em sua comida. Sem saber, ela comeu e passou mal três dias. Depois descobriu que era eu. Com medo foi embora do cabaré onde a gente trabalhava.

134

Janaina estava brava com Geni. O motivo era a proibição de fazer programas, cujo preço fosse inferior a R\$ 80,00. Para a proprietária do bordel, é preciso coibir insistentemente essa garota em função de ela ser prostituta por gostar. Comenta, inclusive, que se o cliente demorar muito para decidir, quem “dá uns pega” é a própria Janaina, mesmo sem receber nenhuma recompensa financeira.

A Janaina está nessa profissão porque gosta. Ela gosta de malhar os homens. Você pode procurar, se não encontrar ela, ela pegou algum cliente e tá num canto malhando e beijando no boca. Ela já deu até o cú por R\$ 20,00. Ela sai com dois, três, quatro até cinco para quarto ao mesmo tempo porque gosta. Só que o problema é que ela nem pede para eles pagar bebida. De tanto que ela gosta. Pode ver, é só o homem chegar ela sobe no palco a roupa e dança pra ele. Isso é um problema. Porque se ela faz isso antes de ir para o quarto ou sem cobrar nada, o cliente vai no banheiro bate uma punheta e não gasta nada. Só que ela não pode fazer por menos de R\$ 80,00 senão ela queima minha casa. Ai eu perco os clientes do nível mais alto. Imagina a fama de um cabaré onde tem puta que dá o cú por R\$ 20,00? Aqui não!

Raissa acabou de sair de um programa. Comentou que sofreu muito. O cliente entrou no quarto, tirou a roupa deitou com a barriga para cima e com as duas mãos na nuca disse: “agora se vira! Vai... trabalha! Faz eu gozar. Tô pagando.” A profissional do sexo comenta que teve dificuldades, pois o cliente não conseguia gozar. Ela estava torcendo para ele perder a ereção. Em determinado momento, ele pediu para ir ao banheiro para vomitar. “Ai ele foi vomitou e quando voltou o cacete tava muchinho. Ai que alívio..”

Luciana, ao presenciar o relato, expõe sua experiência:

E eu que cheguei no quarto, tirei a roupa aí o cliente disse: “eu tenho um problema”. Eu perguntei: “O que é?” “É só eu começar eu já gozo. Ai eu falei: “Graças a Deus, Arnêmi!” Tadinho... quando eu vi eu já tinha falado. Ai terei a roupa comecei a dançar pra ele encostando os peitos na cara dele, rebolando.... aí quando pensei em parar para poder trepar, que eu olho... ele tava gozando. A gente nem tinha começado ainda. Ai fiz um boquete (sexo oral) para tentar reanimar. Ai a pau dele levantou. Começamos a trepar. Na terceira medida ele gozou de novo. Ai que alívio. Ganhei meu dinheiro facinho e rapidinho (Luciana)

Em seguida, um senhor saiu do quarto onde realizou um programa. Seu filho, que acabara de fazer dezoito anos, o espera no balcão, tomando uma

cerveja. Optei por transcrever na íntegra parte do diálogo entre os dois, pois reflete bem a interação entre pai e filho na zona de prostituição.

- E aí pai? Ela mete bem?
- Meu filho, ela é uma potranca. Você foi com qual?
- Não pai, eu fiquei aqui tomando uma cerveja.
- Meu filho, escolhe uma aí vai lá...
- Não pai. Eu tomei tanto que se eu for meter eu vou passar vergonha. To com tanto álcool que meu pau nem levanta.
- Você tem certeza?
- Sim papai.
- Então meu filho vamos embora porque sua mãe está nos esperando. Acho que ela deve estar até preocupada.

Enquanto espera a chegada de novos clientes, um trio é formado no fim da noite por Cristina (voz), Tamires (voz) e Camila (voz e violão). Após terem decorado algumas composições de Ary Toledo, cantam as músicas em frente à zona, na esperança de chamar atenção dos motoristas, tendo as outras garotas de programa como platéia para as seguintes canções:

O Vendedor de Bucetas

Oóóia a buceta magrinha, gordinha; Já tão crescidinha já dá pra chupar; Paga duas leva três, aproveite freguês; Aproveite freguês, que já vão acabar. Eu, plantei essa mudinha; No fundo do meu quintal; Foi crescendo as bucetinha; E formou um bucetai; Hoje eu ganho meu dinheiro; Bucetai o dia inteiro; oferecendo pro pessual (Refrão) Oóóia a buceta; Bucetinha, bucetai; Quem tem dinheiro leva; Quem não tem fica na mão Vamo comprar (Refrão)

Eu cuido muito bem delas; Porque é meu ganha pão; Por isso não ponha o dedo; Por favor não ponha a mão; Meu amigo isso não é teia; Não me aperta essas buceta; Que elas ficam com tesão (Refrão)

Uma ali pro cavalheiro; Outra ali pro cidadão; Uma ali pro punheteiro; Olha o troco meu irmão; Isso aqui é coisa rara; Com cabajo são mais cara; E as larga em liquidação (Refrão)

A melhor coisa é buceta; Isso não tem discussão; Ta provado que a punheta; É somente uma ilusão; Quando você ta gozando; Cê pensa que ta treparando; E ta com o carato na mão; (Refrão)

Modinha do Bacena

(Refrão) Zê por que, que eu fui gosta docê? (2x) (Refrão)
Eita mundão véio sem porteira; Desgraça pouca é bobagem; A comida do porco é liavagem; E o carro da puta é o Voyage.
Gente guarde na memória; Essa minha história que eu vou contar; Eu era uma mocinha com as tetas durinhas; Tudo no lugar; Qualquer rua

que eu passava; Os rapaz paravam pra me paquerar; Deixava eles de pau duro; Pra vocês eu juro; Eu era de arrasar

(Refrão)

Eita mundão, mundinho, mundaréu; Cabeça é pra usa chapéu; A mulher que não dá não vai pro céu; E o carro da puta é o Corcel. Gente eu era boazudã; Era cabeçuda, era um tesão; Um dia encontrei o Zé; Que me fez muê; E fez meu coração; Eu achava ele batuta; Ma esse fia da puta; Num era isso não; Me arrastou lá no capim; E me deixou assim; Com esse barrigão

(Refrão)

Zé você foi ingrato; Me levei pro mato; Me adivirginou; Hoje to toda fudida; Com as tetas caídas que você chupou; Zé vô corta teu saco; Pra tapa o buraco; Que você me fez; Zé pra fala a verdade; Eu to com vontade; De dá procê outra vez

É nesse clima que, às 4h17min. da manhã, Geni anuncia que irá fechar os portões e que as meninas já podem se trocar para dormir ou sair para namorar.

4.4 – “Caindo na vida”: três trajetórias em contexto

As garotas de programa com quem convivi se referem ao momento de entrada na prostituição fazendo alusão ao termo “cair na vida” ou “se perder”. Essas falas representam, com certa ironia, a assimilação por elas mesmas do discurso moralista que vê na prostituição uma atividade menos valorizada, cujas pessoas que atuam nesse universo são vistas como alguém que se perdeu na vida. A maioria das profissionais pesquisadas “caiu na vida” quando ainda eram menores de idade. Todas contaram com a ajuda de prostitutas mais experientes para inseri-las nesse cotidiano.

Dada a exiguidade espacial e temporal que uma pesquisa acadêmica impõe, selecionei três trajetórias para apresentar, mas que, refletem em boa medida a realidade de diversas outras mulheres que estão na prostituição.

Grosso modo, em se tratando da relação com a família, duas são as posturas adotadas pelas profissionais do sexo: a de não permitir que os parentes mais próximos saibam de sua atuação profissional em função do

estigma e preconceito recebido, ou, de se prostituir com o conhecimento familiar.

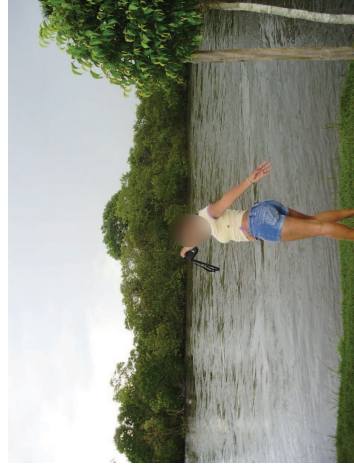
PRANCHA 9: Driblando o estigma: as fotos que vão para a família



Foto tirada no muro do cabaré. Mas para a família foi dito que era o muro da escola



Segundo a garota fotografada essa é a pose de moça familiar.



Para a família será dito que a foto foi tirada na fazenda do patrão.

Durante a comemoração ao dia das mães do ano de 2009, eu passei o domingo no cabaré junto com as meninas que não viajaram para visitar as genitoras. O que me chamou a atenção foi a maneira como elas se referiam às mães, ora aludindo que “caiu na vida” para ajudar a mãe, ora afirmando que a mãe “incentivou” a entrada na atividade. Por isso, as três trajetórias que serão apresentadas são de meninas que se prostituem com o conhecimento da família. Vale ressaltar que, se o universo escolhido fosse as que escondem a atuação profissional, os resultados e relações familiares seriam diferentes. Assim, tratarei de discutir sobre as maneiras como algumas dessas mulheres tornaram-se garotas de programa, tentando identificar suas experiências cotidianas e suas justificativas para algumas opções.

4.4.1 - Raissa

Raissa 31 anos, relatou que aos quinze chegou em casa e encontrou a mãe doente. Ao mesmo tempo, faltavam alimentos na dispensa. Os irmãos eram mais novos e não tinham como trabalhar. Diante dessa situação, resolveu procurar uma amiga, que era garota de programa, para pedir ajuda. A sugestão recebida foi a de que providenciasse uma roupa bonita para que ambas pudessem sair. No entanto, Raissa não possuía nenhuma roupa que se enquadrasse na indicação. Diante disso, a amiga emprestou-lhe um vestido para que ambas fossem a uma lanchonete em Goiânia – GO.

Chegando ao ambiente, elas se sentaram na companhia de um rapaz.

Raissa contou-me que

Nós estávamos ali bebendo e conversando com um rapaz. Ele pediu uma porção. Eu falei ‘será que eu posso levar a metade lá pra minha mãe?’ (risos). Ele falou ‘a gente faz um e, quando a gente for embora, nós levamos um lá pra ela’. E a gente bebendo. E teve uma hora que ele falou, ‘vamos lá pra minha casa’. Eu disse, ‘vou não uai’. Ela {a amiga} falou ‘você vai lá na casa dele’. E nisso ela já tinha combinado dele me dar uma compra de 50 reais, isso há 15 anos atrás. E 50 reais era dinheiro demais. Ela já tinha combinado e eu

não sabia. Ela me chamou e disse, 'você vai com ele e ele vai te trazer de volta, pode ir que ele é o meu amigo'. E eu fui. Chegou lá a gente ficou juntos. Ele me levou no mercado e eu peguei cinco quilos de arroz, um pacotinho de feijão e um litro de óleo e um quilo de carne. E ele falou, 'pode comprar', eu disse, 'eu tenho vergonha'. Ele pegou e fez a compra pra mim, comprou um monte de coisa. Me deixou em casa, me deu 50 reais. Eu entreguei pra minha mãe. Foi o meu primeiro programa na vida, e eu até hoje sou louca por ele. Porque você não sabe a emoção que eu tive de chegar em casa, os meus irmãos comer fruta e Danone. Ele comprou tudo, ficou caríssimo. Foi quando eu cheguei lá com a primeira compra e o dinheiro. Eu cheguei lá e falei. Mãe eu sei com esse rapaz aqui ontem e ele trouxe essa compra e ele me deu esse dinheiro pra senhora comprar remédio. Ela chorou, só chorou. (Raissa)

Em casa, além da mãe que era portadora de hanseníase, o irmão mais novo, tinha bronquite. Na memória, a mágoa contra o pai se faz presente em função de ele não ter prestado nenhuma assistência para a esposa depois de ter abandonado a família em um momento de grande necessidade. "Quando eu comecei a não dar moral pro meu pai, foi porque eu descobri que ele punha minha mãe pra fazer programa e pegava o dinheiro pra ele", depõe a garota.

Ao ser questionada sobre o choro da mãe ao saber do primeiro programa sexual da filha, ela esclareceu "Eu não sei. Não dava pra falar do sentimento que eu tive naquela hora. Eu estava feliz, porque uma que minha mãe ia comprar uns remédinhos, meus irmãos iam comer, pra mim estava ótimo".

Após o primeiro programa, foi na prostituição que vislumbrou a possibilidade de ganhar dinheiro e poder pagar as contas referentes a quatro meses de luz que estavam atrasadas, além de poder comprar a primeira televisão, som e roupas para a família.

Raissa iniciou a atividade prostitucional em lanchonetes, onde ficava a espera dos clientes. Todavia, em função de, à época, ser menor de idade, constantemente o Conselho Tutelar a recolhia e a levava para casa. Esse processo se repetiu por várias vezes.

Um dia o Conselho falou pra minha mãe: 'ou você segura sua filha ou você segura ela, porque ela não pode mais ser encontrada em bar'. Ela falou assim, 'o dia que vocês chegar na minha casa e me der um prato de comida, vocês podem começar a mandar nela, porque nem eu consigo, ela faz o que ela quer, porque ela traz roupa, calçado e

comida pra dentro de casa, mesmo sendo o que ela é, eu tenho orgulho da minha filha. E você pode ir, Raissa'. E eu fui.

Para Raissa, era preferível fazer programas a ver a própria mãe se prostituindo, como fez no passado, para manter a casa. "Você não pensa na sua mãe tendo que sair com outras pessoas que ela nem gosta. Você pensa é na sua mãe lá deitada assistindo televisão, folgada e confortavelmente bem".

4.4.2 – Tamires

Tamires, tanto na entrevista, quanto nos diálogos realizados informalmente, não escondeu a mágoa que possui da mãe. Constantemente, afirma não ter mãe biológica, nem mesmo ter muita coisa para falar sobre isso. Em sua lembrança, ainda é muito forte o fato sua irmã, com apenas 16 anos, ter sido expulsa de casa pela própria mãe. O desentendimento começou quando a irmã sofreu tentativa de estupro por parte do padrasto. "A minha mãe em vez de defender ela expulsou a minha irmã de casa. Foi onde a minha irmã entrou na prostituição. E minha irmã é garota de programa desde os dezesseis anos de idade".

Tamires, que foi criada pela avó, ao separar do marido, passou a morar com a mãe. Na época, começou a trabalhar em um clube como cozinheira. Em determinado dia, após o expediente, foi para casa tomar banho. Ainda no banho, teve o pressentimento de que estava sendo vigiada. Ao olhar para trás, em direção ao cobertor que desempenhava a função de porta, enxergou o padrasto observando-a enquanto tomava banho.

Eu peguei o rodo e acertei ele aqui ó (na perna). Eu nua, ele veio tampou minha boca e falou assim: "Se você gritar ou se você contar pra sua mãe eu mato você!". Ai ele foi passando a mão em mim. Na hora que ele chegou no meu seio eu chutei ele. Corri pra dentro do meu quarto. Tranquei minha porta, troquei de roupa. Eu sei que nessa coisa todinha eu calcei um tênis rosa e um outro preto. Sai com um pé de um e um pé de outro. Falei: "Maninho to indo pra uma festa". Ele falou: "Uai, você falou que não ia sair mais, que tava cansada e tinha que trabalhar no outro dia cedo". Eu falei: "To indo pra uma festa". Ele falou: "E essa mochila?". Falei: De lá eu vou pro meu trabalho. Catei algumas roupas ali fui lá pro clube. Eu tinha a

chave do depósito lá, peguei um colchonete e ali mesmo eu dormi. Passou sábado eu não voltei pra casa, passou domingo eu não voltei pra casa.

Dado o sumiço, na segunda-feira, Tamires foi procurada pela mãe para verificar o que havia acontecido. Ao lembrar que sua irmã tinha sido expulsa de casa por relatar que o padrasto havia tentado violentá-la, a opção encontrada foi omitir o fato para evitar que a situação não se repetisse. O medo era de não ser acreditada. A justificativa encontrada para o não retorno foi alegar para a mãe que o movimento no clube era intenso e que ela iria dormir por algumas noites lá.

Dessa vez, o irmão, que havia presenciado o atentado, contou para a mãe que tentou amenizar a situação junto à filha alegando que seu marido estava bêbado. Tendo em vista que, após o fato, o padrasto viajou, Tamires aceitou o convite da mãe e foi passar o final de semana com a família. Em seguida, aceitou outro convite, o de voltar a morar em casa, com a condição de dormir no quarto do irmão por imaginar que ali estaria mais segura contra os ataques do padrasto.

Ai um dia, até hoje eu não entendo o porquê disso, eu não entendo mesmo. Ela chegou do trabalho, eu tava terminando de fazer a janta, e ela já chegou me dando um surdão. Assim: Pá! No pé da orelha. Pensei meu Deus, perdi completamente a noção das coisas. Nunca levei uma surra. Ela veio e Paf, no meu rosto e... 'Vagabunda... Porque falaram pra minha mãe que eu tava lá no clube, mas que cada dia, cada noite era um diferente que dormia comigo. E eu: 'Mãe, não é verdade, não é verdade'. Mas eu não entendo até hoje a reação dela. Ela pegou minhas coisas todinhas e jogou fora. Lá no meio da rua.

Diante da expulsão, Tamires decide procurar a irmã, para pedir ajuda, que nesse momento estava em um cabaré e que havia passado por situação similar. Assim, começava uma trajetória em que duas irmãs, expulsas de casas, tendo sofrido as mesmas violências, passaram a morar no mesmo cabaré.

Ai ela chamou a tia Tânia, dona da zona, lá na cozinha e contou a história todinha todinha minha. Que eu era evangélica, ex-casada e pirifi, pororó. A tia Tânia olhou pra mim e falou assim: 'Você é praticamente virgem, porque até hoje só entrou duas rolas na sua buceta. Foi o jeito que ela falou. Ai eu falei é... é, realmente é

143

verdade. Ela falou: 'é o seguinte. Eu to precisando de uma pessoa pra me ajudar na casa. Pra você pagar a sua estadia. Então pra você não ter que beber, não ter que fazer sala pra homem, de noite se você quiser ficar aqui no salão, olhando as meninas, que é divertido, senão você poder ficar no seu quarto. Só que eu quero que você lave e passe pra mim e cozinhe pras meninas durante o dia'. Fechou.

Inicialmente, durante o dia, Tamires trabalhava no cabaré, sem se prostituir. À noite, da janela de seu quarto, observava a irmã e outras quatorze mulheres fazerem programas. Isso foi lhe causando vontade de, diariamente, arrumar-se como as meninas e ir para o salão fazer companhia para os homens. Até que um dia, ela pediu autorização para a dona da zona de meretrício para beber cerveja. O combinado era de ela beber dentro do balcão, pois caso algum cliente a convidasse para acompanhá-lo a resposta seria a de que ela não fazia programas e que apenas estava ajudando a dona do ambiente.

Porém, em sua cabeça, tudo se encontrava planejado. A bebida era apenas desculpa. No dia seguinte procurou, entre as roupas da irmã, alguma que lhe servisse. Encontrou uma camisola de renda azul, transparente. Para contrastar, escolheu um sutiã preto, um brinco prata e uma maquiagem bem extravagante. Naquela noite, o movimento do cabaré era intenso.

Ai eu olhei nas mesas e pensei: 'Eu tenho que achar pelo menos um bonitinho pra eu sentar perto'. Ai enxerguei um pessoal, tinha um rapaz até bonitinho, ele pegou e fez assim... {sinal convidando-a para sentar com ele} Ai eu pensei: 'E ali que eu vou sentar'. Ai eu disse: 'Oi, boa noite, tudo bem'. Sentei, já fui assim: 'Paga uma bebida pra mim?'. Ele falou: 'Nossa, você é ligeira'. Eu falei: 'ó moço é a primeira vez, então não e embanana não'. Ai ele: 'Pago. Eu pago uma bebida pra você. Pode pedir o que você quiser. Não precisa nem pedir'. A hora que a sua bebida acabar você pode ir lá no balcão e pedir'. Ai eu tava sentada, dali a pouco só vi o braço. era a Tia Tânia. 'Calma ai que eu quero conversar com você'. Ai o rapaz falou: 'Ah não tia Tânia, que é isso?'. Ela falou: 'Ó, você fica caladinho porque essa aqui não, essa aqui não pode não'. 'E mais...'. 'Calado'. Ai ela: 'O que que você tá fazendo vestida desse jeito? O que que você tá fazendo maquiada?'. Eu falei: 'Tia Tânia, minha irmã, falou ontem que tá bancando meu cigarro, tá bancando tudo pra mim. Então, eu vou ganhar meu próprio dinheiro'. E ai virou festa porque eu era a única loira da casa e pelo fato de que o movimento ficou maior porque a casa tinha duas irmãs. E muitos clientes queriam ficar com duas irmãs.

144

No primeiro programa, Tamires faturou R\$ 80,00. Ela lembrou que o cliente era um jovem de aproximadamente dezenove anos e, durante a relação sexual, ele não sabia o que fazer, tendo em vista que ela chorava muito. Na segunda noite, o cliente que havia transado com ela, retornou com o objetivo de fazer um novo programa. Se na noite anterior o encontro esteve marcado pelo choro da garota, neste a normalidade foi tomando conta. Além do dinheiro pago pelos serviços prestados, o rapaz a levou para um salão de beleza e fez uma compra de roupas e calçados.

Ao ser inquirida sobre a reação da mãe, ao saber que ela também estava na prostituição, a resposta foi enfática: "Minha mãe eu num sei, porque minha mãe aproveitou muito tempo disso, é complicado..." Após um período em que Tamires e sua irmã trabalhavam na mesma zona de meretrício, o padrasto e a mãe ficaram desempregados. Sem dinheiro para pagar o aluguel e se alimentar, ela pediu ajuda financeira às filhas. A dona do cabaré, nesse ínterim, precisava viajar. Ao saber da situação da mãe de "suas meninas", fez a proposta:

vou colocar a sua mãe como gerente aqui na boate e vou passar uma semana viajando. Eu falei lá Tânia, você tem noção do que você está pedindo pra mim e pra minha irmã? Como é que eu vou sair de calcinha e sutiã, com a minha mãe no balcão e chegar na minha mãe, 'me dá uma camisinha que eu estou indo pro quarto, três, quatro vezes, cinco vezes como já aconteceu numa noite de eu fazer quatro, cinco programas', aí ela falou, 'ah, num sei... é sua mãe está precisando de dinheiro', e pra minha irmã foi normal. Disse, 'tudo bem'. E nessa história todinha minha mãe dentro da boate ali, trabalhando como gerente, era pra ficar uma semana, ela ficou quase dois meses.

Quanto à lembrança de trabalhar junto da irmã e da mãe, Tamires afirmou ter sido muito constrangedor e não entende como uma mãe consegue presenciar uma filha atendendo aos homens que chegam às boates em busca de serviços da prostituição. Por vezes, tentou impedir que a mãe visse algumas cenas. No entanto, nem sempre conseguia.

Foi muito constrangedor, muito, muito, muito, pra ela parecia que era normal. Como que uma mãe tem coragem de ver, de presenciar uma filha, no caso as duas filhas, bebendo, ela chegou a ver strip meu, ela... Teve uma vez que a gente pediu pra ela sair do salão, porque o cara me ofereceu uns bons e humildes duzentos reais pra fazer sexo

145

explicito em cima da mesa. Eu fui e aceitei. A minha irmã falou, 'eu vou tirar a minha mãe daqui', falei, 'pode tirar, inclusive fecha a porta'. Aí eu num sei por que, minha irmã levou ela pra cozinha. Em vez de ter trancado a porta, ela encostou, minha mãe viu eu fazendo sexo explicito com o homem em cima da mesa de sinuca. Aí um dia ela me ensinou a fazer uma coisa diferente, igual, eu num chegava nas pessoas nas mesas. Ela me ensinou como chegar na mesa. De um jeito mais sensual para chegar na mesa. Porque às vezes acontecia de eu fazer strip lá fora e às vezes acontecia do pessoal pedir para eu fazer em cima da mesa de sinuca. Saía de dentro do quarto, rodava ali mesmo na mesa de sinuca ia até o balcão e voltava e subia em cima da mesa de sinuca. Aí minha mãe uma vez falou assim, 'você podia fazer diferente'. Aí ela falou, 'você vem, ao invés de você vim direto pra mesa de sinuca você passa ali no pilar, você faz uma graça, rebola no pilar, passa nas mesas, senta no colo do cliente e rebola'. Desse jeito que eu estou lhe falando. 'Senta nos colos dos clientes, brinca com eles ali um pouquinho e tudo, e depois você vem aqui no balcão e rebola, e depois você sobe pra mesa de sinuca'. Desse jeitinho...

Assim, após ter sofrido diverso tipos de violência, trilhando os mesmos passos da irmã, começou uma trajetória de prostituição que, passados oito anos, ainda permanece a mágoa contra a mãe e quando lhe perguntam sobre ela, Tamires diz "eu não tenho mãe. Minha mãe é minha avó".

4.4.3 – Cristina

Cristina não escondeu a mágoa que carrega pelas constantes surras que levou do padrasto e por ter sido abandonada pela mãe por diversas vezes. Por causa das constantes discussões com ele, quando ainda era adolescente, a pedido da genitora, foi morar com a avó materna. Devido à idade avançada, acrescidos de alguns problemas de saúde de seu avô, Cristina teve de voltar para a casa da mãe, que, novamente, encaminha-lhe para outro lar, agora para morar com uma tia. A razão que motivou a mãe a procurar outro lugar para a filha morar ainda está viva na memória. Ao falar do padrasto, vem a seguinte lembrança:

ele pegou e falou pra minha mãe que escolhia entre eu ou ele. Minha mãe foi e conversou com minha tia. Bom, no meu pensamento acho que foi assim, minha mãe acho que escolheu ele. Eu fiquei assim com mágoa da minha mãe. Só que sempre eu tive uma mágoa da minha mãe por causa das coisas que ela fez comigo, no meu pensamento

146

assim, naquela época, na fase que eu estava, ela escolheu ele, em vez de nós, em vez de mim que sou filha dela! Fiquei meio ressentida, magoada.

A irmã enfrentava a mesma situação. “De tanto nosso padrasto judiar da gente, a minha irmã pegou um dia e fugiu de casa, começou sair com uns coroa do dinheiro e depois virou garota de programa”.

Cristina, nesse período, sofria assédio sexual por parte do próprio tio. Ato que foi presenciado por um primo. Prorocourou a mãe na tentativa de voltar a morar em casa. Novamente, o relacionamento com o padrasto se torna um empecilho. “Falei pra minha mãe, se dava pra eu voltar. Minha irmã já estava morando com outro casal, e ela falou “não, não tem como você ficar aqui, porque o Pedro - padrasto - não vai aceitar. E eu não tinha nada, não tinha um emprego, não tinha nada”.

Diante da negativa da mãe, uma amiga intermediou a vaga de um emprego em uma padaria. Dessa maneira, Cristina passou a trabalhar e pôde alugar dois cômodos ao lado da casa de sua mãe, local onde passou a infância, tornando-se, então, vizinhas. Passados alguns dias, vem a demissão do trabalho devido aos constantes atrasos. Consequentemente, a falta de dinheiro.

Um dia tinha acabado o boteijão em casa e eu pedi pra minha mãe pra trazer comida pra nós, que nós estávamos sem boteijão. Ela falou que não podia fazer a comida lá da casa dela porque o marido não deixava. Na realidade quem estava ridicando comida pra gente era minha mãe, e eu falei assim: ‘boxa vida, minha mãe não traz nada? porque você não traz escondido mãe? que tinha vez que a gente ia lá escondido pra comer e depois, nessa vez ela não queria mais. Ela comprou um caixa de melancia pra matar a nossa fome.

Cristina lembra que a irmã, ao enfrentar o mesmo problema, optou por se prostituir. “Minha irmã estava na vida de programa, saia com os coroa, os coroa dava as coisas, eu discriminava aquilo, porque eu achava um horror aquilo sabe? Vender seu corpo, eu sempre gostei de menininho novo”.

Decidiu voltar à padaria de onde havia sido demitida e explicar a situação de dificuldade financeira. Assim, o emprego foi novamente conquistado. Tendo em vista a carência total de alimentos em casa, Cristina viu

no roubo de alguns alimentos a alternativa para driblar a situação. Em determinada ocasião, a polícia foi chamada e ela foi detida portando alguns itens de gênero alimentício, tais como iogurte, maçã, banana entre outros, em sua bolsa. Na delegacia, diante da presença do delegado, o patrão, ao questionar a razão do roubo, recebeu como resposta: “porque eu não tenho nada em casa pra comer. Dependo de mim, eu tenho de pagar o aluguel, não tenho nada, não tenho dinheiro, não tenho nada, e eu estou passando precisão das coisas em casa”. O delegado sugeriu o arquivamento do processo e Cristina conseguiu manter-se no emprego.

Passado alguns meses, ela engravidou. Ao procurar o pai da criança, não obteve nenhum auxílio e novamente procura a mãe.

Como eu tava grávida, pedi ajuda pra minha mãe pra mim ficar lá na casa dela. Eu não podia ficar. E no outro dia tinha que sair da casa dela, que ela falava que meu padrasto não aceitava a gente. Estava passando muito mal, eu pedi pra minha mãe pra eu ficar lá, que eu não estava mais aguentando mais dormir, assim, não estava me alimentando direito, estava tomando umas vitaminas pra engordar. Ela falou que não tinha jeito deu ficar na casa dela. Tudo bem, eu fui ficar no quarto, na casa da minha amiga, do tamanho desse banheiro seu, professor. Não cabia nem a cama direito, eu deixava no chão, colchão dessa finura e não tinha fogão, não tinha nada. Meu dinheiro na dava pra pagar o aluguel.

Uma amiga a acolheu em casa com a condição de que Cristina ficaria somente até o parto. Após o nascimento da filha e recusada pela mãe mais uma vez, a preocupação sobre onde iria trabalhar e como faria para sustentar a filha lhe rendeu uma depressão pós-parto. Passados seis meses, insiste com a mãe na tentativa de voltar a morar em casa até conseguir um trabalho. Novamente, a mesma resposta. A justificativa era o fato de o padrasto não a aceitar. A alternativa encontrada foi alugar uma casa. Após um mês, a ameaça de despejo se apresentava, pois a condição de desempregada não lhe permitia pagar o aluguel.

Esse foi o momento em que a possibilidade de fazer programas se apresentava. Como de praxe, uma amiga lhe convidou para ir para outra cidade com a garantia de que ela iria ganhar dinheiro. Assim, começava a trajetória de Cristina que, após uma semana sem conseguir fazer nenhum

programa, vai para a cama com um senhor de idade que estava a procura, justamente, de uma menor de idade para transar. Ela era a única, do cabaré, com dezessete anos.

Foi aí que eu comecei... Eu não tinha nem completado dezito anos. Eu fui e deixei a menina com uma mulher pra ela cuidar pra mim. Fiquei duas semanas fora, duas não, quase um mês. Ela pegou e falo assim: 'mas você não vai nem deixar um dinheiro pra mim? Eu falei: 'não, eu não estou com dinheiro', eu estava desesperada, professor, falei, agora 'seja o que Deus quiser, vou fazer isso mesmo', e fui. Cheguei lá nós foi pra um barzinho. E eu pegava e ficava: 'Nossa Senhora, Meu Deus do céu, como que eu faço?' Cheguei lá, fiquei uma semana sem ficar com homem nenhum, eu pensando, 'todo mundo ganhando dinheiro, que eu vou fazer? Ai, chegou um velhinho e perguntou se tinha uma menininha nova, e eu tinha 17 anos na época, e a dona do bar deixou claro. Eu peguei e fui pra pagar o aluguel, pra pagar os trem, minha filha estava precisando das coisas estava passando fome, não tinha nada.

Ao ser questionada sobre a reação da mãe, ao saber que ela estava se prostituindo, vem o esclarecimento:

Minha mãe nem se importou, já sabia que minha irmã fazia programa há um bom tempo, então minha mãe, fazia é apoiar minha irmã. Minha irmã fazia os programa dela e eu não gostava, e minha mãe um dia me falou: 'por que você não sai pra ganhar dinheiro, igual a sua irmã?', minha mãe fazia era apoiar a gente sabe. Eu acho que to nessa vida por causa dela, porque ela podia ter aceitado a gente dentro da casa, falado, explicado pra gente que não era do jeito, mas ela vivia falando: 'você tem de arrumar um homem que te ajude', então ela já estava falando pra gente se prostituir, então isso que eu não concordava, e ela não dava muita atenção pra gente, ela só falava da vida dela, não dava muita importância na nossa vida.

A amiga que havia lhe convidado para entrar para a prostituição frequentava semanalmente a cadeia para visitar o namorado. Este, por sua vez, havia contraído uma dívida de drogas no interior do presídio. Nesse contexto, a amiga de Cristina pediu-lhe que fizesse uns programas na cadeia para saldar a dívida de seu companheiro, tendo em vista as constantes ameaças de morte sofridas por ele. Assim, uma nova rotina se inicia: a de fazer programas na cadeia com os presos durante os dias de visita.

O presidiário que recebeu Cristina como pagamento da dívida se encantou por ela e se dispôs a pagar seu aluguel, contas, e mobiliar a casa, em troca do compromisso de ele, a partir daquele dia, ser o único cliente a ser

atendido por ela nos dias de visita. Posteriormente, ele a convence a "fazer uns corre" como "aviãozinho" – termo utilizado para denominar a pessoa faz a entrega de drogas, tanto para o comprador quanto para o vendedor.

fiz um corre em Ponta Porã da última vez isso já tem três anos já eu fiz esse corre e eu tinha ganhado mil e quinhentos. Sabe quanto eu peguei desse dinheiro? R\$ 200,00, mas cadê o resto do dinheiro tudinho? Lá na sala do outro cara todo poderoso, Antonio fumou tudinho. No fim, além de dá pra ele, eu ainda pagava as conta de drogas dele.

Essa experiência de Cristina teve diversos desdobramentos, envolvendo polícia, espancamentos na cadeia e risco de o Conselho Tutelar tomar a guarda de sua filha ao descobrirem que a criança era levada para a cela nos dias em que ela fazia programas no presídio.

4.5 – O lado de dentro do cabaré

4.5.1 – Batalhando o cliente: interação e performance

Durante o período em que convivi no cabaré, pude perceber que, tão logo o homem chega ao ambiente, a garota de programa estabelece mecanismos comportamentais de acordo com a personalidade do cliente. Quanto à iniciativa de abordagem não há um polo específico. Podendo, assim, partir tanto da garota de programa, quanto do cliente ou, até mesmo, por sugestão da proprietária do cabaré.

A cada interação são utilizadas táticas de sedução e *performance* diferenciados com dois objetivos em comum: de um lado, busca-se atrair o cliente para si, tendo em vista a concorrência entre as garotas, bem como classificá-los entre os quais serão destinados mais ou menos tempo. A intenção final reside na tentativa de fechamento de acordo para fazerem programa, striptease ou apenas uma conversa desde que esta seja recompensada financeiramente.

Antes de efetuar a pesquisa, eu imaginava que a interação era algo mecanizada, isto é, bastava chegar o cliente que o ritual da interação se repetiria tendo por base um discurso ensaiado e padronizado. Durante minha convivência, essa hipótese foi desfeita à medida que percebi que, para cada situação, o diálogo e as práticas de *performance* variavam.

Ao analisar essa situação, algumas partes do princípio de que a atenção e educação são fundamentais no momento da abordagem. Quando questionadas sobre a existência de táticas interacionais com os clientes, elas relatam que:

Ai... Vai muito do jeito. Cada cliente é uma forma diferente, porque tem uns que são uma maravilha em todas as táticas. Então, num adianta você fazer aquele estilo mocinha e tal ou senão aquela puta depravada (Tamires).

Um bom papo! As vezes a mulher acha assim, ah eu vou me maquiarr, cuidar do cabelo, roupa pra atrair ele. Mas não. A partir da hora que ele entra, você dá aquele sorriso, diz: oi... tudo bem? Boa noite! Ele já olha assim e fala: 'nossa ouvir boa noite num lugar desse, era pra ela voar em cima de mim falando dinheiro, dinheiro, dinheiro'. Mas o que atrai, a aparência ajuda bastante por que você não vai atender o cliente... horrível... Deus é mais. Mas o que atrai mais no cliente é um bom papo, uma boa sedução (Camila).

Eu tento ser eu mesma. Porque esses dias atrás eu ouvi de um cliente, 'só você para me fazer feliz. Porque eu cheguei aqui tão estressado e agora eu estou aqui rindo e não lembrando de nenhum problema'. Eu acredito que eu uso aquela que eu tenho no coração, de tratar bem, brincar, de respeitar. Então eu tento ser espontânea, divertida, carinhosa (Raissa).

No entanto, esses diálogos podem também ser mais picantes, numa clara intenção de a profissional expor algumas práticas sexuais que podem vir a ocorrer durante a realização do programa, marcadas fundamentalmente por alusões eróticas. Nessa análise inicial, a garota investiga os tipos de conversas preferidas pelo cliente, para saber como desempenhar a *performance*.

Eu tenho mania de estudar os meus clientes. Eu vejo e sei se ele vai gostar de conversar coisas sérias ou se ele vai gostar de falar de sacanagem. Eu vejo em cada um. Se eu não vejo na hora que ele entra, a partir da hora que eu sento com ele, ele começa assim... conversar devagarzinho bem calmo: 'como que é a vida aqui dentro'? Ai você já percebe o que ele está querendo. Está querendo puta de

sacanagem. Agora quando o cara chega assim, bancando o panzão, sabe? Bancando aquela coisa, é aquele cara pra você sentir conversar falar de problema, vai e vem é todo um estudo, um tipo de estudar cliente (Camila).

Se de um lado, não há uma regra pré-estabelecida na interação entre cliente e prostituta; de outro, existe um truque inicial utilizado por elas para tentar perceber que postura deverá adotar para agradá-lo, ou se ela estará disposta a lhe fazer companhia. O fator definidor nesse caso é conversa. A partir do diálogo inicial é identificado o perfil de cliente, condição social, gostos, nível de educação, entre outros. É após ter percebido algumas dessas características que a garota fará a encenação. Isto é, uma mesma mulher atua de diferentes maneiras levando em consideração a diversidade de homens que ali frequentam.

Geralmente, eu deixo ele começar, que geralmente é qual é o seu nome? De onde você veio? Cada um chega de um jeito. As vezes é um playboyzinho aí você já puxa pro lado, né? Ai... que você é gostoso, então você já tenta, né? Puxar pra aquele lado. Falar de academia, roupa de grife e essas coisas. Quando já é uma pessoa assim, mais madura igual eu tenho um que veio aqui que ele se acha o rei da cantada, entendeu? Então, eu falo, "nossa, você deixa a minha autoestima lá em cima, adoro suas cantadas". (Tamires)

A tática de iniciar a conversa indagando sobre a cidade da pessoa e se ele gosta da cidade em que está é apenas uma forma de não negociar imediatamente o valor e as condições do programa. Essas perguntas se constituem nos "pré-requisitos" para a aceitação do cliente por parte da garota. O que está em jogo, nesse momento, não é perceber a origem desse homem e nem mesmo se ele está gostando da cidade, mas sim seu perfil como cliente

Eu vou meio que pescando. É aonde tudo começa o assunto. É aonde você vê pelo tom de voz do cara se ele é uma pessoa entendida ou uma pessoa xucra, uma pessoa sem fundamento. Mesmo se estiver bem vestido ou mal vestido. Porque tem gente que vai mal vestido, peão, roceiro, que tem mais educação que um homem chique, fino que se acha. Então chegar na conversa é esse o ponto. Ai você vai ver pelo tom de voz, pela maneira que ele te trata se ele é um cliente bom ou não. (Camila)

Nesse momento da interação, o lúdico pode ser explorado com o intuito de elevar a autoestima da pessoa. Algumas garotas possuem determinadas brincadeiras pré-estabelecidas para os mais variados perfis físicos de clientes.

Eu já tenho as brincadeiras concentradas na cabeça. A pessoa quando é calvo eu tenho uma piada, baixinha eu tenho outra. E se quiser fazer de mim também está tudo bem. O calvo, por exemplo, eu falo pra pessoa, 'você sabia que você tem quatro bandas de rock na cabeça'? E a pessoa vai me olhar assustada e vai falar, 'essa menina é louca. Como assim quatro bandas de rock na cabeça?'. E eu falo, vou te explicar. Eu passo a mãe na testinha e falo: Placa luminosa. Nenhum de nós, Heródis da resistência e Paratamas do sucesso. O baixinho geralmente é assim, a pessoa ri também, e eu rio mais alto do que ele dependo da cara que ele faz (Raissa).

Durante minha participação, pude perceber que, passada a fase de algumas perguntas básicas por parte da garota de programa, logo o assunto toma o rumo que for escolhido pelo cliente. Se tivesse que enumerar os diálogos mais frequentes seguramente, no topo, estariam casamento e trabalho. Em outras situações, o cabaré é o local escolhido para que o homem possa contar algumas realizações pessoais com a certeza de se ter alguém para ouvi-lo. Por vezes, essa situação se torna insuportável para as garotas que têm de ouvir diversas lamentações. Mesmo não gostando, elas não têm autonomia para expor a insatisfação de ouvir determinados assuntos. Nessas situações, a teatralização consiste em demonstrar que o assunto está agradável e que elas estão interessadas naquele diálogo.

Dos mais, dos mais... Casamento deles. Sempre! 'Ai, se a minha esposa fosse como você, tivesse a cabeça que você tem, já não aguento mais', é o que mais entra. É o da esposa. E depois da esposa é o trabalho. Ainda mais quando vai de dois amigos no cabaré. O lugar onde eles se encontram é sempre sobre serviço. Ontem mesmo, tive uma experiência cabulante. Primeiro ele falou, falou, falou da esposa. Depois foi conversar sobre o que ele está fazendo para abrir a empresa dele.. É sempre essas coisas. A vontade que eu tinha era de falar: você está insuportável. Eu não estou aqui para ouvir lamentações de mulher, negócio de forma de gesso. A vontade era muito grande de falar: você é muito chato. Mas não... é lógico que eu não vou fazer isso. Ta beleza normal tranquilo. Podemos conversar beleza. Estou aqui pra te ouvir. {risos} minha vontade era de falar, vai embora, some. Depois ele entrou no clima acho que caiu em si aí ele começou a falar da noite, sobre as notidades que ele já teve, mas primeiro ele falou da esposa e do serviço. Ele estava falando que ela estava gorda. Tinha chorado porque tinha engordado, que os peitos caiu, nossa é coisa cabulosa. (Camila)

153

Constantemente, as garotas de programa se auto-intitulam "psicólogas", ou "psicólogas do prazer". A razão consiste no grande número de clientes que as procuram para desabafar e pedir conselhos. Nesse caso, a regra estabelecida é ouvir o máximo possível do cliente e falar menos de si. Exceto, à guisa de exemplificação ou para fazê-lo ficar mais à vontade.

Na verdade é isso que acontece, eles vão ali para abrir com a gente, para desabafar com nós. Têm uns que falam que está com problema em casa, que a mulher fez isso, que a mulher fez aquilo, então eles estão ali precisando de carinho da mulher que está ali do lado dele. Um bom papo. Conversar com eles, é tudo. (Barbie)

Ele vai muito pra desabafar. Quando ele está puto da vida com a esposa, fala mal da esposa ou dos filhos, daquele patrão ou daquele sócio. Ou se ele está feliz fala uma coisa boa que aconteceu na vida dele. Porque ele não está ali para saber da sua vida ele está ali para saber da dele. Você ali é uma psicóloga. Se eu for falar da minha vida e vou falar de coisas engraçadas, de forma engraçada, pra ele se sentir mais solto. (Raissa)

Na teatralização, encenando o papel de psicóloga, as garotas de programa se sentem na obrigação de satisfazerem duplamente os clientes. De um lado, ouvir e emitir conselhos. De outro, agradá-los na tentativa de não repetir os atos da esposa que anteriormente fora reclamado. Nessa simulação de uma sessão, a garota tem a preocupação de tranquilizá-los quando o arrependimento toma conta, em função de o frequentador ter deixado a esposa em casa e ter ido a procura de uma prostituta.

Nessas situações, os conselhos vão sempre no caminho da discrição. Isto é, se as esposas não tomarem conhecimento não deve haver nenhuma preocupação. Alguns ditados populares são utilizados para ilustrar os conselhos, tais como "o que os olhos não veem, o coração não sente".

Você tem que ser uma psicóloga. Aliás, garota de programa é eu já falei isso pra cliente. A gente tem que suprir duas coisas: entender o lado deles sobre esposa, serviço, tal e ainda completar na cama. Então é multiluso. É igual assolam. É dupla ação. Não tem lógica. Quando acontece de se falar da esposa, tem cliente igual ontem, que falou assim pra mim: eu sei que eu estou fazendo errado, de estar aqui. Ai eu sempre tenho uma respostinha pra acalmar ele: hó errado... ta você pode estar agindo errado de acordo com a sua consciência, mas vamos pensar pelo lado bom, você vai querer que ela saiba? Não! você vai deixar ela saber? Não! então você não vai

154

estar magoando ela. Você não vai estar ferindo ela. Não deixa ela saber. Agora se você ficar pesado com sua consciência, você já está aqui mesmo de qualquer jeito. Só não deixa ela saber. Porque se saber, se chegar ao ouvido dela vai ser bem mais triste. Então curta aqui e não deixa ela saber lá. Eu sempre tento acalmá-los dessa forma. Ai eles perguntam: mas você pensa assim? Pense dessa maneira! É claro que eu não ia gostar de maneira nenhuma caso eu fosse a esposa. Há... convenhamos, como eu sempre digo, o que os olhos não vê, o coração não sente. (Camila)

Várias vezes o conselho que eu dei pra alguns dos meus clientes, foi que toda mulher casada quer ser puta na cama, entendeu? Porque eu acho que relacionamento entre quatro paredes, sexo em si, você está com uma pessoa que você tem certeza que você acha que é só sua, pra quê ter regras? pra quê 'ah, num pode'. Entendeu? Porque mulher gosta. (Tamires)

Uma vez o cliente chegou, que a mulher dele tinha ficado com outro cara, que ele estava pensando em se matar, pagou pra mim ficar perto dele. Eu dei conselho, falava pra ele não fazer aquilo, que ele ia acabar com a vida dele, se ele tivesse filho com a mulher era pra ele pensar mais no filho, do que nele e na mulher, e uma semana depois ele voltou lá e me deu mais dinheiro pra mim ficar perto dele só conversando. Conversou comigo, eu vi que ele estava mais animado por causa daquela conversa que eu tive com ele. Nós ficou mais de três horas conversando, e ele falou obrigado, pelo conselho que dei pra ele. Ele era bem mais velho do que eu. Vivía 20 anos com a mulher e aconteceu isso, e ele falou pra mim 'se você não tivesse aqui eu era capaz de fazer uma besteira'. Nem precisei ir pra cama. Só conversei com ele. Ele me ligou várias vezes pra mim conversar com ele e hoje ele continua com a mulher dele. (Cristina)

Para alguns clientes, a conversa tem uma dimensão tão importante que acaba por constituir o objetivo final de sua ida ao cabaré. Muitos frequentadores vão nesse ambiente apenas para conversar. Por vezes, o valor pago é igual ou superior à realização de um programa sexual tendo em vista que o tempo dedicado pela garota para isso geralmente é maior que o dispensado para a relação sexual em si.

Há situações em que basta o cliente enfrentar algum problema no relacionamento que sua ida a zona de meretrício estará garantida. Não em busca de sexo, mas de alternativas de mudanças e conselhos. Tamires narra que certa vez teve um cliente fixo do qual jamais esquecerá. Chegou a receber R\$ 2.000,00, valor este estipulado pelo próprio cliente, sem nunca ter transado

155

com ele. Todos as vezes que ele chegava, ficava o mínimo possível no salão, a procurava e ia direto para o quarto. Ao fechar a porta, imediatamente o pedido era para que ela não tirasse a roupa. O motivo do encontro, segundo o cliente, era que seu casamento estava chegando ao fim e ele queria evitar isso. Razão esta que fazia com que ele fosse ao cabaré.

eu falava, 'oh, tenta mudar o seu jeito com ela, flores, mulheres adoram flores, às vezes ela está feinha cheirando quiboa, limpou a casa, chega e fala, nossa meu bem você está linda, pra vê se melhora um pouco'. E foi o que aconteceu, tem um ano que eu não vejo ele. A última vez que eu falei com ele, que ele ligou aqui, perguntei ele falou que estava vivendo lua de mel no casamento dele.

Tamires se recorda que, em determinada situação, esse mesmo homem a visitou e disse que naquela noite iria transar com ela pela primeira vez. Ao chegar ao quarto, quando ela já havia tirado a calça e começava sensualmente a abaixar a calcinha, ele disse: "Para! Veste sua roupa. Eu não vou conseguir. Você salvou meu casamento, não consigo trepar com você".

Para as garotas, a conversa também desempenha um papel fundamental durante a interação. Existem algumas perguntas que são inadmissíveis durante o diálogo. Clientes que procuram saber detalhes da vida da profissional tendem a serem rejeitados. Por outro lado, explorar os aspectos elogiosos é sempre bem visto durante a dinâmica interacional.

Odeio homem que fala bobeira. Nossa isso dá desânimo. Tipo assim: o que você faz na cama? O que eu faço na cama... Quer saber o que eu faço na cama. Gente! Isso é uma pergunta que geralmente nenhuma garota de programa.. – geralmente algumas falam, respondem assim: o que for bom pra você é bom pra mim. O tempo de ser gostoso. Mas quanto tempo? É especulação que é muito chato. É uma coisa fora do normal. Então se perguntar isso pra mim, já não me ganha. (Camila)

Com relação ao papel desempenhado pelas profissionais, este ocorre de diferentes maneiras numa "celebração móvel" formado e transformado continuamente, sempre levando em consideração o gosto do cliente. Dessa maneira, uma mesma garota desempenha diferentes papéis para uma mesma pessoa até perceber qual lhe agrada mais, indo desde a representação de "mocinha comportada" à "puta depravada".

156

Quando eu estou fazendo o estilo mocinha eu uso assim, 'eu moro com a minha mãe, com o meu irmão caçula'. Quanto tempo você está aqui? 'Três anos'. 'Três anos você está aqui na boate? 'Não, três anos que eu moro aqui na cidade. Que eu estou aqui na boate tem pouco tempo, é que eu trabalhava numa firma aqui, daí a firma foi embora, e tal'. Sabe? Essa coisa assim {risos}. Mas quando eu quero eu também faço aquela bem putona mesmo. Igual outro dia eu falei, eu estava sentada na mesa assim, de vestido, aí ele sentado na minha frente igual você está, só que a gente estava bem pertinho e eu estava sozinha esse dia, as meninas já tinha ido tudo pro quarto e eu ali naquele lenga, lenga e tal e tudo, eu falei, quer saber, eu vou dar uma esquentada nele, aí eu abri a perna puxei a calcinha pro lado, mostrei minha buceta e falei, 'ai, que vontade de dá'. Sabe? Assim. (Tamires)

Há as que simulam o papel de esposa, namorada, amante, em que o "parecer real" é o pano de fundo, mas há também as que, de imediato, fazem questão de tornar claro para o cliente que suas atitudes não passam de uma encenação. Nesse caso, o ato de mentir é o ingrediente principal dessa trama. "Eu costumo sentar perto de um cliente e falar, "vamos mentir um pouco"? Aí ele fala assim, "como mentir? "Eu não minto"! Aí eu falo: "já começou mentindo". Então eu tento ser espontânea, divertida, carinhosa (Raissa).

Durante a interação inicial é possível identificar três diferentes posturas adotadas pelas garotas durante o momento em que faz companhia para o cliente. Uma delas é de somente acompanhá-lo desde que a interação seja mediada pelo consumo de bebida, não se importando se o programa se realize ou não. Nesse caso, há duas outras formas de se obter dinheiro, seja por comissão recebida da boate pela consumação paga pelo cliente ou pela obtenção de caixinha – doação de dinheiro por parte do frequentador.

A gente ganha vinte por cento do que a gente bebe. Geralmente, quando a mulher é muito inteligente ela pede uma caixinha básica. Então eu sempre estou ganhando. Se eu beber dez doses eu ganho 20 reais. Tem gente que trabalha o dia inteiro e não ganha cinco por dia. Faz de conta que você é um cliente, e está muito interessado em mim, mas não quer ficar hoje por causa de algum problema que aconteceu com você. Mas você gostou muito de mim. E portanto você está ali bebendo e me dando atenção. Eu falo, meu bem eu sei que hoje você não quer ficar porque você está com pouco dinheiro, mas você pode me dar assim, um dinheirinho porque eu estou precisando de comprar alguma coisinha diferente pra mim. Você pode me dar? Quanto você quer, eu não sei talvez você quer me dar 100, você pode me dar, às vezes você quer me dar 10 você me dá. Você que sabe. O quanto você puder. Geralmente, eu ganho 50.70. Às vezes até mais que um programa eu ganho. Às vezes eu ganho 10 reais, mas tem dia que num entra ninguém na casa, e 10 reais pra

157

mim é muito dinheiro. Mas também já ganhei até R\$ 500.00 sem fazer programa. Só de caixinha. Ele me adora. O menino que me deu até hoje ele fala que a menina que ele gosta de fazer é comigo. (Raissa)

No entanto, essa postura não é adotada por todas as meninas. Algumas optam por não continuar numa interação cujo programa sexual não seja o objetivo final. Nesse caso, é pré-estabelecido um tempo no qual se tentará o convencimento de ida para o quarto. Porém, se isso não acontecer, ou se o cliente se mostrar indeciso, transcorrido esse tempo, a interação poderá ser interrompida por falta de interesse da garota de programa. Nessa situação, ela deixará o cliente só e voltará para o salão para batalhar outra pessoa que possa levá-la para o quarto para transar.

Tem que conversar, tem que ter um papo, se você vê que vai rolar você continua, agora se você vê que não vai rolar não compensa você ficar sentado naquela mesa fazendo companhia pra aquela pessoa. (Mel)

Eu procuro ser bem agradável, tal e conversar. Se passar mais ou menos uma hora que a gente esteja sentado à mesa e ele não pronunciar hora nenhuma que vai fazer programa, eu pergunto: meu bem... coração, alguma coisa carinhosa ou pelo nome mesmo, a gente vai namorar? Vamos fazer um programa? Se ele responder: há... não sei...tô pensando... eu espero mais uns vinte minutinhos, não deu reação, está ali neutro só conversando, aí eu peço licença e falo: já que você não quer fazer nada, e eu estou aqui pra ganhar o meu dinheiro e vou para o salão de novo, ou para o balcão de novo. Daí se eu der essa intimada e ele não falar nada, eu volto para o salão e deixo ele lá. (Camila)

A terceira postura adotada consiste em só se relacionar caso a bebida se constitua como o fator intermediário para a realização do programa ou de um novo encontro. Nesse contexto, a companhia, mesmo sendo enfadonha para a garota, será tomada como um investimento realizado junto ao cliente, na expectativa de que ele realize o programa, volte numa outra ocasião ou deixe alguma "caixinha" com a acompanhante.

Acontece às vezes da casa estar muito cheia e eu sempre com determinada pessoa, se eu vejo que a conversa não está encaminhada pro lado de ganhar de eu ganhar, e tal ou se está muita conversa, eu falo, 'oh, desculpa tem muita gente, está poucas meninas, vou dar uma voltinha caso você queira alguma coisa me

158

chama'. Ai eu saio. Agora quando acontece de eu sentar numa mesa, por mais que o cliente não queira fazer o programa, mas está bebendo dose, está com o dinheiro na mão, às vezes me dá ali uma carteira de cigarro, 'ai paga a metade da conta lá pra num ficar devendo, e diz o troco é seu'. Ai não, ai eu deixo rolar. Igual aconteceu esses dias um cara altas horas da noite, o movimento estava horrível, e ele, 'eu quero beber com você', sabia que não ia virar nada. Estava pagando dose pra mim, me deu uma carteira de cigarro, tudo, veio o primeiro dia. Num me deu um centavo, foi embora, num ganhei nada, ganhei só o que eu bebi, no outro dia ele voltou, ou seja, eu dei atenção, eu brinquei com ele e tudo, ai ele voltou no outro dia, me deu assim, mais, mais atenção, bebi mais e tudo, foi embora tardão também e me deu caixinha até boa. (Tâmires)

Em ambos os casos, o fator que define a interação é o lucro. Conforme relatei acima, o faturamento no interior do cabaré não se dá apenas através da realização do programa sexual. Há situações em que a companhia por si mesma é o objetivo final, não apenas por parte do cliente, mas sim da profissional do sexo, pois elas também veem nessa interação uma forma de lucro. Mas, para que isso ocorra, é preciso que o cliente esteja disposto a consumir. Caso contrário, ele terá dificuldades para conseguir uma acompanhante. Em geral, se a menina faz companhia, mas não recebe nenhuma recompensa financeira, seja através de "caixinha" ou de pagamento de bebidas, a atitude a ser tomada é não mais fazer companhia àquela pessoa. Nesse caso, quando as demais meninas percebem essa postura, outra sentará com o cliente e fará uma nova tentativa com o objetivo de esclarecer a seguinte dúvida: será que ele não pagou para a moça anterior, pois estava interessado em outra? Ou será que ele não está disposto a gastar. Se ficar identificada a segunda alternativa dificilmente outra mulher sentará com ele.

Quando chega um cliente, a gente vai pra mesa e ele não quer pagar, pede uma bebida e ele fala 'mais tarde', você pode sair que num vai rolar. Às vezes até rola, tem cliente que faz isso porque, tipo assim eu vou na mesa do cliente peço uma dose, na verdade ele não gostou de mim ele gostou de uma outra menina. Ai vai outra menina e ele vai e paga, é porque ele não está afim de ficar comigo, está afim de ficar com a outra garota. (Barbie)

Observei como pesquisador uma situação em determinada noite em que dois clientes conversavam enquanto eu limpava uma mesa ao lado. Nisso, ouvi quando um deles afirmava ser esperto. A razão, segundo ele, dava-se pelo fato

de ele vir a zona e passar a mão nas meninas, ser acariciado por elas e sair sem pagar nada, pois, segundo ele continuava a relatar, na hora que elas começavam a tentar convencê-lo a realizar um programa, ele dava uma desculpa e se retirava. No entanto, observando o cenário e conhecendo as regras do ambiente, posso afirmar que, ao contrário do que esse rapaz imaginava, o fato de ele trocar carícias e não ir para a cama tinha um custo financeiro para ele, que era o pagamento de bebida. Nesse ato, a garota recebeu, à guisa de pagamento por parte da dona da casa, 20% da consumação, fato que ele desconhecia.

Essa é a razão de, no cabaré, a interação entre cliente e garota de programa só se concretizar se dois ingredientes se fizerem presentes: de um lado, a realização do programa; de outro, o pagamento de bebidas para a mulher que lhe faz companhia. É muito comum as profissionais do sexo lucrarem mais fazendo companhia do que transando. Isso ocorre em função de somente ser permitido interagir com o cliente se este estiver disposto a pagar algum tipo de bebida para a garota.

As doses mais baratas da casa custam R\$ 10,00. Dessa forma, a cada dose paga pelo cliente, sua acompanhante lucra, no mínimo, R\$ 2,00. Quando o cliente autoriza a garota tomar uma dose, ela consome, na verdade, suco ou refrigerante. Porém, o acompanhante pensa ser a mesma bebida que ele está consumindo e paga o valor da dose.

Durante o período da observação participante, em que fiquei no caixa e acumulava a "função" de garçom, recebi a orientação da dona do estabelecimento de como eu deveria proceder para os clientes não perceberem que a dose que estavam pagando era, outra bebida. Nesse caso, a postura por mim a ser adotada seria: eu abria o freezer e serviria a bebida no copo dentro do refrigerador, deveria colocar três pedras de gelo no copo e completar a medida com suco de uva, energético ou refrigerante. De forma que, ao levantar o copo, este já estaria servido e, aos olhos do cliente, a garota estaria tomando a bebida escolhida.

A dona do estabelecimento justifica a imposição dessa regra alegando que se a menina acompanhar os clientes com bebidas que contêm álcool

rapidamente ela ficará bêbada. Se isso acontecer, dois problemas imediatamente se apresentam: a falta de disposição para atender vários clientes numa noite e, em determinado momento, a recusa por continuar bebendo. Nesses casos, o prejuízo também seria duplamente: tanto para a menina que deixaria de receber a porcentagem da bebida, quanto para o cabaré que venderia menos bebidas. Essas são as razões aludidas pela administração do bordel para não permitir que as mulheres consumam bebidas alcoólicas durante o expediente.

É preciso ressaltar que em algumas situações essas regras são relativizadas. Bebidas consideradas de baixo teor alcoólico em determinadas situações são permitidas, tais como amarela, autorizadas somente para mulheres que estão acostumadas a beber e que não se embebedam fácil. Por outro lado, bebidas como cerveja são expressamente proibidas.

Diante do exposto, foi possível identificar duas posturas adotadas pelas profissionais do sexo quanto ao tempo dedicado à batalha pelos clientes. De um lado, as que não estipulam tempo algum por considerar que enquanto houver o pagamento de bebidas há uma forma de lucro. Por outro, aquelas que focalizam seus rendimentos no programa em si, não fazem companhia por mais de 20min. caso não haja demonstração de interesse por sexo, como afirma uma das meninas da casa: "Se a casa tiver mais vazia, dá pra conversar aquele tempo legal, mas se o tempo tiver bem apertado aí tem de falar "ó vai rolar, tal, se não for rolar" aí você já cai fora" (Mel).

Há uma regra no cabaré estudado que é: se o cliente estiver pagando bebidas para a garota, ele deterá exclusividade o poder sobre ela, de modo que outro frequentador não poderá interagir com sua acompanhante. Entre as próprias garotas é considerado falta de respeito receber bebida de alguém e fazer companhia para outro. Essa é uma das razões da assertiva acima de Mel, ao dizer que, "se não for rolar, aí você já cai fora". O cair fora representa abrir mão de um lucro considerado menor, referente à porcentagem recebida pela consumação, para se encontrar livre para interagir com alguém que possa chegar disposto para o programa sexual, o que gerará um lucro maior. Pois, caso contrário, se a profissional do sexo ficar na companhia de alguém que só

quer conversar, mesmo que mediado pela bebida, ela estará impedida de atender qualquer outra que venha chegar independente do valor a ser disponibilizado pela interação.

Até aqui foram abordados os aspectos interacionais quando não há competição entre as garotas por causa dos clientes. No entanto, essa disputa pode ser marcada pela concorrência.

4.5.2 – Fazendo sala, disputando o cliente

Na zona de meretrício uma das funções exercidas pela garota é "fazer sala". Esse é o termo utilizado por elas para o ato de ficar à espera do cliente, que pode ser dividido em duas maneiras: de um lado, é ficar próximo ao balcão. De outro, caso este já esteja no ambiente, é ficar posicionada em algum local onde possa ser vista para que, assim, seja convidada a fazer companhia, ou ela mesma se oferece para isso.

PRANCHA 10: Esperando o cliente



Discussindo sobre qual seria a cor de calcinha que os clientes mais gostam.



Conversando enquanto esperam os clientes

Nesse contexto, ocorre aquilo que William Thomas² chamou de “definição de situação”. Trata-se de uma definição central para compreender as interações entre cliente e garota de programa. Conforme bem ressaltou Édison Gastaldo, as pessoas definem uma situação e, a partir disso, orientam-se para agir de maneira adequada. Definir a situação, é, pois, fundamental para a vida de qualquer indivíduo que vive em sociedade, no sentido de entender o que está acontecendo e se alinhar adequadamente às diferentes situações³.

No caso em análise, quando o cliente chega e se depara com várias moças disponíveis, mesmo em se tratando de uma competição, no sentido de que todas estão naquele ambiente com o mesmo objetivo – angariar dinheiro –, há, primeiramente, uma definição de situação. O interesse dessa ação é não causar constrangimento ao cliente, bem como minimizar a ideia de competição.

Por vezes, o cliente não tem noção das implicações geradas pelo seu olhar. É a maneira como ele olha para a mulher que definirá a situação. Isto é, a maneira como ele contempla a garota conduzirá todo um arranjo no sentido de indicar como se dará a movimentação na escolha de quem lhe fará companhia. Em se tratando de várias moças disponíveis, o seu olhar será tomado como um indicativo de sua escolha.

Então o cliente chega, ele olha e escolhe. Às vezes eu vejo programa para amiga minha, para colegas minhas ali, eu sei que vai virar pra elas. Eu vejo no olhar do cliente. Então o olhar do cliente manda muito. Porque ele foca... se as meninas estiverem todas sentadas em redor do balcão ou no sofá, seja como elas estiverem, ele olha, o olhar dele... ele olha e volta o olhar de novo. Ele vai dar aquela olhada geral, mas vai voltar naquela pessoa que ele gostou (Camilla).

É preciso ressaltar que o olhar é uma das maneiras de se escolher a companhia desejada. No entanto, há outras formas mais objetivas como expor verbalmente sua preferência. “Se a menina não for atender ele, ele dá um

² THOMAS, William I. The definition of the situation. In: Little, Brown&Co, 1923. Apud In: BRAGA, Adriana; GASTALDO, Édison. O legado de Chicago e os estudos de recepção, usos e consumos midiáticos. **Revista Famecos**. Porto Alegre, n. 39, Agosto de 2009.

³ GASTALDO, Édison. Goffman e as relações de poder na vida cotidiana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. v. 23, n. 68, 2008. p. 150.

jeitinho de chegar até a menina. Ou, às vezes, ele olhar e falar é aquela é ali que eu quero e ir sentar" (Camila).

No intuito de ser a escolhida, há as garotas que optam por ficarem sentadas em posições geograficamente estratégicas à espera de um perfil determinado de cliente. Esse perfil é identificado a partir da escolha do local em que este irá se sentar. De igual modo, é a partir dessa opção que se identifica o estado psicológico (triste, alegre, chateado, tímido) do frequentador. Por causa disso, há algumas demarcações específicas dos lugares ocupados pelas meninas ao fazer sala. Isto é, algumas só sentam em determinados espaços.

Eu fico no canto sentadinha... porque eu tenho o meu canto na boate. Se me tomarem aquele canto, eu arrumo outro canto. Geralmente eu gosto de ficar no balcão. Ou no meio do balcão. Ou no lado ou mais da ponta. Na ponta eu não gosto de ir, porque geralmente, o cliente vai só pro lado da parede. Porque a pessoa quando ela é metida, meio constrangida, ela não vai sentar na ponta, ela vai sentar na ponta quando é uma pessoa mais aberta, mas quando a pessoa está meio tímida e meio chateada, ela vai pro lado da parede, é ali que eu fico (Raissa).

Em se tratando de a moça não ser a escolhida, algumas tomam a iniciativa de fazer companhia para o cliente. Nesse caso, o diálogo é uma das ferramentas utilizadas. Embora não somente.

Eu chego com jeitinho eu vou perguntando se eu posso sentar, se eu posso ficar perto, eu puxo assunto, ele já interessa na minha conversa, ele vai tendo uma 'entrosação' entre nós dois. Aí pergunto se ele vai beber alguma coisa, se quer outra menina, ele "não você está bom aqui". Nós começa a conversar e eu começo a pedir uma "dosinha" para mim (Cristina).

Quando a garota gostaria de ser a escolhida, mas, no entanto, o cliente preferiu outra, algumas optam por utilizar aquilo que elas mesmas consideram como "jogo sujo". Enquanto sua colega faz companhia, a que está desacompanhada desempenha toda uma *performance* com o intuito de chamar a atenção do cliente para que, em seguida, esta possa assumir o papel que até então estava sob responsabilidade da outra mulher. Essa é uma situação muito comum quando chega algum freguês que já é conhecido e se enquadrava no rol dos clientes bons, aqueles que consomem bastante.

Como é que eu faço pra ele me observar? Às vezes eu uso jogo sujo. Tipo... Dependendo da roupa que eu estiver, se ele for sentar lá no fundo, eu fico, na frente do espelho, mecho no cabelo, aí, "não... o meu sutiã está errado", eu tiro a blusa ali, boto num jeito de agitar. Igual a Julia Robert, "aí puxo o fio da minha meia, eu fico sem meia". Tipo assim, eu tento mostrar alguma coisa do meu corpo, danço, entendeu? Passo perto daquela gradinha, assim. E às vezes dá certo, às vezes não. Aí depende do cliente, no caso, se ele já tiver sentado com uma menina e você quer, como já aconteceu de ser cliente bom e eu ver ele sentar com uma que não vai dar futuro, aí eu dou um jeito, sabe, eu dou graças a Deus, a maioria das vezes acontece dela estar de costas, entendeu? Então, eu dou um jeito de sentar bem... Um jeito de eu dar uma olhadinha, sabe? "Vem cá (Tamires)".

Conforme apontado por Tamires, muitas vezes esse tipo de *performance* é desempenhado sem que a moça que faz companhia percebe, isto é, quando ela está de costas. A razão dessa situação é que essa atitude é considerada traição. Embora seja muito comum elas, posteriormente, assumirem a prática da traição. A justificativa para esse tipo de declaração está no entendimento de que na zona não existe amizade. É uma relação onde se trai e é traído ao mesmo tempo. A razão da traição geralmente é associada ao fato de todas estarem ali pelo mesmo objetivo, o dinheiro.

Traio. Porque eu sei que elas me passam a perna mesmo. Olha tem pessoas ali dentro, que te faz você acreditar que é amiga. Mas por trás ela não pensa duas vezes antes de te dar o golpe. Então não dá pra você confiar. Você trai e é traída do mesmo jeito. Você trai e é traída da mesma forma. Eu já deixei bem claro pras meninas que eu ando junto com elas, as colegas que eu carrego junto comigo eu já falo logo: "olha não conta comigo pra mim ser fiel a você. Se você estiver com o cliente e eu ver que ele está me dando bola eu penso no meu bolso. Eu pego mesmo. Não penso duas vezes. Só se ele não me quiser. Se eu olhar se eu tentar umas duas ou três investidas se eu ver que ele não me quer aí, tudo bem. Eu deixo com você. Mas senão eu pego mesmo" (Camila).

Após ter sido realizada as devidas escolhas ou ser selecionada pelo cliente, é chegado o momento de identificar se haverá a interação esperada ou não. É isso que será discutido agora.

4.5.3 - Separando o joio do trigo: entre os clientes “pão duro” e os bons clientes

Nessa dinâmica interacional, em que o cliente é analisado desde os gestos, posturas, roupas, conversas, sem que ele perceba, existe outra etapa que consiste na investigação de seu perfil que, basicamente, divide-se em dois tipos: os considerados “pão duro” e os “mão aberta ou cliente bom”.

Se para a interação inicial, conforme apontado acima, não existe regra pré-estabelecida, apenas comportamento, para esse segundo momento existem alguns truques e macetes. Um deles é o ato de pedir para que o cliente coloque uma música. Nesse sentido, pode perceber que o ato de colocar música não se limita ao fato de apenas pagar para ouvi-la. Há, nessa ação, uma verdadeira relação de poder. O cliente que paga é respeitado pelos outros frequentadores numa clara situação de subserviência.

Existe uma regra que consiste em não reclamar da música que foi escolhida, independente do gosto musical, exceto, se quem pagou estiver ausente. Por outro lado, percebe também que a pessoa que paga desempenha certa “autoridade” sobre os outros. Constantemente, ouvi de alguns clientes as seguintes expressões: “agora vocês vão ouvir as minhas musicas” ou, “agora quem manda aqui sou eu”.

O ato de pedir para o cliente colocar música se constitui em um truque adotado pelas garotas para saber se ele tem dinheiro e como seu consumo deve ser guiado. Isto é, deve-se incentivar o consumo de bebida – no qual a garota recebe determinada porcentagem –, ou pelo contrário, conduzir ao mínimo de consumo na boate para que seja mantido o dinheiro a ser pago pelo programa. Acresce-se ainda, o fato de essa pergunta permitir a realização de duas situações almejadas pela mulher: a possibilidade de se olhar, de maneira distarçada, a carteira do cliente e, ainda, identificar se ele é considerado um “homem bom ou não. Na zona de meritório “homem bom” é o cliente que tem dinheiro e paga o que lhe for pedido sem ficar reclamando.

Eu gosto muito de pedir dinheiro pra colocar na máquina justamente por causa disso. Porque na hora que o cliente abre a carteira pra pegar os dois reais, cinco reais que seja, então ali já dá pra você dar uma distarçada e olhar meio de rabo de olho e dar uma olhada. Tem que observar como é que está carteira, igual na época lá de pagar a bebida, já é um pretexto ótimo pra você ver se ele está com dinheiro ou não. Ver o que vale a pena: você beber ou se vale a pena você deixar a bebida pra ganhar no programa (Tamires).

No entanto, é preciso ressaltar que, além do dinheiro, o cliente precisa cumprir outras exigências para continuar na dinâmica interacional. No encontro, vencida essa primeira etapa, que é a definição do perfil do cliente, existem dois fatores que serão decisivos para que a garota continue fazendo companhia ou o abandone. Isto é, a garota precisa ser temporariamente conquistada. Tal situação pode ocorrer por meio da liberação de dinheiro ou pela postura educada adotada pelo cliente.

Se ele chegar em mim, por exemplo, e eu não estiver afim e ele chegar em mim e falar: ‘quanto que é pra ficar com você?’ Se ele estiver mesmo a fim de ficar comigo e eu falar: “100, 150” e ele falar, “topo”. Me conquista na hora, pode ser feio que for, mas deu o que eu pedi... (Tamires).

Ele tem que ser muito mão aberta. Só isso. Me dá uma bebida? ‘Sim’. Me dá uma bebida? ‘Não’. Se ele falar que não eu tento conversar, entreter ele pra ver se eu consigo fazer o coraçãozinho dele tirar do bolso. Se não, eu parto pra outro, deixo de mão e procuro outro (Raissa).

Há também determinadas situações em que o fator decisivo da interação, além da disposição financeira, é a forma como o cliente se porta. Algumas não gostam dos homens que imediatamente começam passar a mão em seu corpo.

Um dia eu estava lá na boate e o menino chegou pegando em mim pegou na minha bunda e grudou pensando que ia arrancar minha bunda por trás, eu peguei e pensei e falei bem assim “Ou para com isso, não gosto disso não”, ele já ficou gritado (Cristina).

De igual modo, algumas não gostam de serem questionadas sobre a vida pessoal, pois consideram isso um assunto íntimo que não deve ser tratado com cliente.

pra me ganhar é sentir... 'vamos tomar uma dose?' 'Vamos!'. Se ele fuma? Beleza! Acende um cigarro e fica de boa. Sem ficar perguntando da vida pessoal. Sem ficar alisando, pegando, sabe... aquela ensebação toda. Sentou, conversou com você normal, tal, lógico, te elogia, você é muito bonita, já vai ao ponto xis da questão na hora: quanto é o seu programa? E tanto! Tem a quebrada? Tem o menos? Não... não tem! Então tá beleza. Há... esse é um cliente bom para o resto da vida (risos) (Camila).

Há situações em que o cliente não possui dinheiro suficiente para se enquadrar no perfil de "cliente bom", quando o critério definidor é o financeiro. No entanto, assim mesmo é possível se enquadrar nessa. Para isso, é preciso satisfazer o critério da educação.

Durante o período em que observei o cotidiano no bordel, presenciei por diversas vezes situações de homens estarem dispostos a gastarem considerável quantia em dinheiro, mas não haver nenhuma garota que estivesse disposta a lhe acompanhar. A justificativa para a recusa se devia ao fato de estes serem considerados mal educados.

Ele tem que ser educado, tem que saber conversar comigo, eu acho assim, se ele saber conversar e for educado ele até me conquista. Tem uns que são grosseiros, fala coisas que não deve (Barbie).

No rol de clientes educados estão os que não fazem perguntas consideradas indecentes. Conforme a pergunta dirigida à garota poderá haver uma definição de situação em que ela se afastará automaticamente de seu parceiro. Um questionamento muito comum por parte dos frequentadores, detestado, porém, pelas garotas é o de tentar descobrir a razão de elas estarem nessa atividade.

Tem uns que fala assim, é... 'porque você está aqui nessa vida? Eu acho que não precisa ficar respondendo isso, porque quase todos os dias você escuta isso. Pra mim é difícil, porque o cliente vai ali, já sabe o porquê estamos ali, é para ganhar o nosso dinheiro. Então ele tem que ser mais educado, mais... É... Como é que eu falo... Mais compreensível com a gente, porque têm uns cara que faz pergunta pra gente que acaba até o astral da gente, da gente trabalhar, mas têm uns clientes que eu fico com eles por esse fato, por me tratar bem, por ser educado (Barbie).

Até aqui, a intenção foi de apontar os fatores que são decisivos na dinâmica interacional com vistas a efetuar uma definição entre os clientes suscetíveis de atendimento e aqueles que devem ser evitados. Passa-se agora a compreender as táticas adotadas para se esquivar de determinados frequentadores.

4.6 – “Empurra esse mala sem alça...”: Segredos e truques da interação

No cotidiano da prostituição, as garotas de programa utilizam com frequência a expressão “empurra esse mala sem alça, deixa aquele mala pra lá, aquele mala é só empurrando mesmo, pois não tem nem alça para puxar”. Essas frases são utilizadas para se referir aos clientes que de, alguma maneira, estão causando transtorno durante a interação.

Entre as garotas é comum perguntas elaboradas da seguinte maneira: “como você empurrou ele?”. O verbo empurrar serve para descrever alguns truques utilizados para enfrentar os mais variados perfis de clientes tidos como indesejáveis. No âmbito dos clientes “malas”, elas inserem aqueles que recusam o uso de preservativo, faltam com higiene, demoram para gozar entre outros.

Na casa investigada, conforme declaração das próprias informantes, a proprietária não obriga nenhuma garota a fazer companhia para qualquer pessoa que não seja do interesse delas. Por isso, pode perceber que também é comum as garotas se esquivarem dos considerados indesejáveis. Cada moça utiliza maneiras diferentes de rejeitar o cliente sem que ele perceba que está sendo recusado. Uma das desculpas amplamente utilizadas é a de que começou a passar mal naquele momento.

Se o cliente entrar pra dentro do quarto com você e você sentir mal cheiro, chulé, você fala: infelizmente não vai dar. 'ah, mas por quê?' 'O passando mal, não sei... começou me dar cólica'. 'Ai ele fala: 'mas

começou dar cólica agora? 'Começou dar cólica agora!' Uma que eles não tem que ficar sabendo se está com cólica ou não. Tem várias meninas ali dentro. 'O não vai dar. Sinto muito to saindo do quarto.' 'Mas por quê?' Se não tem motivo você tenta gamelar ele. É lógico que você não vai chegar e falar na bruta. Inventa qualquer coisa e sai fora. Mas já aconteceu isso demais (Camilla).

Outra opção utilizada, após investigar o perfil do cliente, é fazer justamente aquilo que ele provavelmente tenda a não gostar, ou se retirar e não voltar mais. Esses atos têm um objetivo em comum: a esperança de que a garota seja detestada por ele.

se o cliente não fuma eu acendo o cigarro. Ele tá ali insistindo não sei o que... aquela enjoeira, ele quer ficar e quer por um preço que ele quer pagar aquele tanto, aquela questão xis e quer exigir isso, isso e isso. E fica ali cercando, beirando, beirando, beirando... discretamente eu levanto e falo: vou no banheiro e não volto mais. Quando ele vê eu estou sentada com outro. São várias coisinhas bem pequenininhas tipo: aí eles vem e perguntam: 'você faz isso, isso e isso?' 'Não!' 'Você beija na boca?' 'Não!' 'O que é que você faz então?' 'Eu deito você vem e faz'... Pronto! Aí eles já ficam meio cabuloso. Essa aí não! Então são várias coisinhas que a mulher usa pra poder sair fora do cliente. Coisinhas bem básicas que todas as putas usam. (Camilla)

É muito comum alguns homens saírem do trabalho e se dirigirem imediatamente para o cabaré. Dependendo da profissão, a roupa suja, acrescido do suor, e em alguns casos, a própria falta de higiene, fazem com que ele exale naturalmente um odor desagradável. Essa pessoa encontrará várias garotas que podem ter acabado de sair do salão, onde fez um tratamento no cabelo, pele, unhas e, naquele momento, já se encontrar perfumada e haverá, então, uma discrepância. Nesse caso, será preciso que ela se utilize de alguns truques para amenizar a situação sem que o cliente perceba que seu odor lhe incomoda.

Barbie questionada sobre a necessidade de rejeitar algum cliente afirma que:

Já. Dele estar tão sujo e tão fedido e eu não ter... porque se eu for pro quarto com um homem na situação que ele estava eu ia vomitar na frente dele. Já rejeitei pra mim não ter que ir. Falei que eu estava menstruada, que não podia. Era pra ele procurar outra menina. Eu queria sair fora, mas ele 'não! Eu quero ficar é com você'. Eu: 'não eu não posso eu estou menstruada'. Ele: 'num tem problema não'. 'Mas num tem jeito eu num faço menstruada'. Aí ele conseguiu ficar com

uma outra menina. O problema era o mal cheiro. Não tinha jeito (Barbie).

Na batalha pelo dinheiro, algumas escolhem atender o cliente mesmo quando ele se encontra sujo e preferem lhe oferecer um banho. Em situações dessa natureza, existe também toda uma *performance* para que a pessoa estimulada ao banho não se dê conta de que a garota está fazendo isso em função do seu estado. Assim, ele é convencido de que tomar banho torna a relação sexual mais agradável.

Banho. Água e sabão, só não lavo a língua do povo. É verdade. Quantas vezes a pessoa está trabalhando e ele não pode passar em casa por causa da esposa, namorada, noiva. O que custa você emprestar, você tem uma bucha, você tem um sabonete. Não faz mal, você pode carregar dentro de uma bolsinha pequena. Se a gente fala isso pro cliente você vai magoá-lo. O que eu faço. Eu empresto o meu desodorante. Geralmente a gente passa, depois que convence ele toma banho. Na hora de banhá, é só chamar ele de gostoso, tesão, pega no pinto dele e fala que tá louca pra engolir aquela rola grande. E só elogiar e valorizar o ego dele. Ele sai, se enxuga, a gente tira da bolsa e empresta. Normal, como se você estivesse emprestando pra um amigo que não está levando no momento. E se ele não quer usar, porque às vezes ele fica com vergonha de pedir. Você mesmo levanta o bracinho dele e passa. Sem constrangimento sem nada. Quando vê já passou (Raissa).

Diante da necessidade financeira, acrescido do baixo movimento em determinadas noites, algumas garotas se valem de alguns truques para sensibilizar os clientes na tentativa de receber alguma doação financeira, além do pagamento das despesas. Nessas situações, o apelo a problemas de saúde e saudades da família têm sido utilizado de maneira recorrente.

Meu Deus do céu. É trem demais. Bom agora eu acabei de falar que, pra ele ver que a gente está passando por dificuldade eu falei que eu tava... que eu ia fazer uma cirurgia na terça feira dos rins, estômago né? E falei que meu irmão tinha machucado o joelho então estava de atestado. Ele: 'nossa, mas está difícil demais. Então tá. Então vou depositar um dinheiro para você. E eu tá beleza. Aí já usei, gente... tipo assim, o aluguel está atrasado vão me despejar. Ou senão tem 5 anos que eu não vejo minha mãe meus filhos. Me ajuda me dá um dinheiro pra mim poder ir pra casa. Deixa eu ver o que eu já inventei? A... já inventei que estava com sinusite atacada e eu estava simplesmente com alergia espirrando normal, sinusite muito atacada e precisava do dinheiro para comprar remédio. Mas quanto custa os remédios. A uns quinhentos reais. Mandava quinhentos reais! (Camilla)

Durante o ciclo menstrual, a maioria das garotas trabalha normalmente. No entanto, se preocupam em esconder a menstruação para não perderem nenhum programa em função disso. Nessas situações, torna-se comum inserirem, na vagina, algodão umedecido com creme vaginal para estancar sangue. A utilização do creme impede que fique resquícios de algodão no interior do órgão sexual.

Éita nós... Todas usam. Todas usam. Todas usam. Vamos por aí... de noventa e nove por cento, noventa e cinco faz, ou noventa e cinco faz, porque não tem como. É uma bolinha de algodão que você acha que vai dar ali pra fazer relação, passa uma pomada vaginal, e xiii... lá dentro. Você não pode pôr ele molhado com água ou seco. Porque até pra passar seco, meu Jesus, é uma dureza. Mas com a pomada não soita película. Porque daí ele está bem protegido com bastante pomada. Então ele não vai soltar película. Aí pra retirar é agachar fazer força como se fosse fazer cocô, e por o dedo e catar ali dentro que você consegue tirar ele normal. Ele não vai pra dentro. Pode ir de boa normal que não vai acontecer de vazar e nem do cliente sentir. (Mel)

Ao relatar esse truque, Mel relembrou de uma situação em que ficou preocupada imaginando que teria de ir ao médico para retirar o algodão. Na ocasião, ela fez um programa com um cliente, cujo pênis era considerado maior que o tamanho normal.

Aconteceu de suar e ficar ali abaixada e aí não vai sair, não vai sair, mas, acabou saindo. Você passa um sufoço, mas, ele sai. Depois você dá umas voltinhas, que você quer desestressar, porque quanto mais você assusta, mais o útero contrai pra cima. Mas chega lá. Dá uma volta, deita, senta. A melhor coisa é você movimentar. Quanto mais você movimentar ele vai descendo pra baixo. Quanto mais você relaxa aí, uma hora ou outra, quando você estiver relaxada ele tá ali na portinha aí puxa. (Mel)

Eu não gosto de usar algodão. Como não posso ficar sem trabalhar, eu corto a menstruação com a pílula. É só não parar de tomar naquele semana que tem de parar, que ele não desce. Aí quando você quiser que desce, é só parar de tomar que vem. (Mel)

Para evitar que durante o ato sexual elas possam ser machucadas por alguns clientes, a forma de evitar esse infortúnio é a de transar de bruços com a parte inferior das costas levemente inclinada. Dessa forma, a mulher consegue controlar a penetração masculina. "Eu que comando. Porque de quatro é muito feio. Por cima, meu Deus... eu não vejo lado pra dar por cima.

Mais é deitadinha. Deitada mesmo eu dou conta ali de comandar beleza" (Camila).

Há um consenso entre as profissionais do sexo em não se interessarem em atender pessoas embriagadas em função de, segundo elas, o álcool causar dificuldades de ejaculação ou impotência sexual. Em programas dessa natureza é preciso ser paciente, conforme elas relatam. Para amenizar essa situação, a garota simula ter uma fantasia sexual que consiste no cliente gozar em seus seios ou nádegas enquanto ela o masturba. Esse truque permite que, com as mãos, a garota estimule o órgão sexual masculino e o homem ejacule sem ser necessário esforço físico por parte da pessoa alcoolizada.

Caso o homem se recuse a ser masturbado, a alternativa é informar que o tempo estabelecido pela casa se esgotou e que se continuarem o custo do quarto será cobrado em duplicidade, de modo que o custo da garota também seguirá essa regra. Se houver a concordância, é a possibilidade de a garota receber por dois programas. Caso contrário, por orientação da proprietária da boate, ela deverá se retirar do quarto. Todavia, há aqueles que, recusam-se a pagar.

Aí quando você pega uns bêbados muito enjoado você já se estressa. Já aconteceu comigo. De eu entrar para o quarto, o cara super bêbado, metê, metê, metê, metê, metê, metê meia hora, quase quarenta minutos, não gozar. Eu dei uma olhada e falei: 'você não vai gozar?'. Ele falou: 'to comendo ainda! Dá pra esperar, que eu to comendo?'. Eu falei: 'Aé? Então eu to levantando tomando banho, vestindo minha roupa. Ele falou: "Eu não vou te pagar. Eu não gozei!". Você não vai me pagar? Você comeu, deu na mesma'. 'Não, não vou te pagar'. 'Falei que bom. Obrigada. Muito obrigada. Está ótimo. Só que você está tirando de mim, vai perder ali'. E sempre fazendo aquele drama. De todo jeito não adiantou. Ele foi embora e não me pagou. (Camila)

Camila esclarece que o cliente só conseguiu sair sem pagar, pois, naquela ocasião, o cabaré estava sem segurança. Quando questionado pela dona do ambiente sobre a recusa do pagamento, ele respondeu: "Estou nos meus direitos. Eu não gozei." "Mas você não estava em condições, afirma a dona". "Não interessa. Eu estava pagando eu tinha de ficar ali nem que fosse a noite inteira", informou em voz alta, à medida que se retirava.

Durante a pesquisa, nenhuma garota assumiu manter relação sexual sem preservativo. Para algumas, a preocupação vai além da possibilidade de se contrair o vírus da HIV. Há um medo generalizado diante da possibilidade de ser atingida por outras doenças sexualmente transmissíveis. Diante dessa situação, cada garota desenvolve seus truques para amenizar a situação. A mais comum é observar e passar a mão, discretamente, nas partes íntimas do corpo masculino, antes de se começar a relação sexual. Assim, é possível identificar feridas no pênis, barriga, testículo entre outros.

Até na boate que a gente está, tinha um quarto em que a luz era muito escura. Não estava dando pra gente enxergar. Eu falei: 'troca essa luz, pelo amor de Deus'. Mas não tinha nem como enxergar. Mas sempre quando você for fazer o sexo oral, na hora que você desce pra por camisinha, você já bate o olho fiscalizando. Antes de começar o ato, você começa pegar, apalpar pra sentir. Porque ali você vai sentir se tem ou não alguma feridinha, alguma coisinha. Geralmente é ferida no pênis, no pé da barriga. Você tem que olhar bastante isso também. Ali nos testículos quando você passa a mão e sente alguma coisa grossa. (Camila)

Eu falo assim: deixa eu ver esse teu cacete gostoso? Peço pra ver. É só pedir pra ver que eles deixa. Eu não posso perguntar se ele tá com ferida. Ou eu falo que adoro dar banho em homem gostoso como ele. Ai eu dou banho, que é uma forma de carinho e você confere tudo. Se eu encontrar alguma coisa, eu bato uma punheta pra ele. E falo: 'amor vamos fazer assim, a gente só dá beijinho no rostinho, você pode pegar nos meus seios, passar a mão no meu corpo, aí eu bato uma 'punheta' pra você, porque não dá pra gente namorar porque comecei a sentir... e inventa uma doença. (Raissa)

Por isso que eu gosto de fazer boquete (sexo oral). Porque quando a gente vai bater o boca lá, já pressente que se o cara tiver um cheitinho desagradável ou uma ferida, a gente já vê. (Cristina)

Vai lá é dá uma pegadinha. É porque o homem que tem doença, se você apertar no pipiu dele e doer, fazer aí ou alguma coisa, é porque tem algum problema. (Barbie)

Em se confirmando alguns desses infortúnios, a profissional simulará que está passando mal, que a menstruação está chegando ou outra desculpa, sempre com o objetivo de não se concretizar a relação sexual.

Outra situação que exige um traquejo específico é quando algum cliente insiste em não usar preservativo, ou alguns até colocam, mas, em determinado momento da relação, tira-o na tentativa de não ser percebido pela profissional do sexo. A posição "de quatro" é a escolhida para se aplicar aquilo que elas

consideram como "golpe", haja vista que, ao estar de costas para o cliente, nem sempre a garota consegue perceber a retirada do preservativo.

Já fiquei várias vezes com clientes, claro que colocou camisinha, mas quando está na posição de quatro a gente vira e quase não vê, quando eu vejo, tem cliente que tira a camisinha pra meter sem camisinha, a gente sempre tem de ficar de olho, por baixo... fica olhando assim de lado, era bom se tivesse espelho em todos os quartos, pra gente ficar olhando. Então tem horas que a gente tem de ficar muito de olho pra esse lado. Por que tem cliente que gosta de fazer graça, tira a camisinha e quer meter na gente sem camisinha. (Cristina)

Em face aos clientes que insistem em fazer o programa sem a proteção, duas situações se apresentam: a de recusar o programa ou a de utilizar de algum truque para que a camisinha seja utilizada sem ser percebida pelo homem.

sempre com um jelinho a gente vai lá embroma põe a camisinha na boca finge que vai pagar um oral e desce a camisinha... tem que enganar. Eu já gambieei com o negócio de colocar a camisinha na boca e descer fazer um oral e ele jurar que eu desci ali com a boca crua e nua e de uma vez eu colocar a camisinha. Ai se ele ficar assim meio assustado, eu digo: 'não bebe... vamos bem gostoso' já montar em cima e... deixar ir. Agora, se ele persistir e falar que não, mesmo dentro do quarto e falar que não que não usar camisinha, e você vê assim no cliente que não vai ter como dobrar ele, é melhor sair do quarto e deixar ele só. Eu prefiro recusar o programa "não, não vou!" não fico. Perco meu programa, perco meu dinheiro, não tem como. Não dá. Uma porque como eles falam "eu me garanto". Ta eles podem até se garantir. Ele fala 'eu me garanto'. Ai foi naquelas quebrada, aquelas ponta de vila onde menina dá por carteira de cigarro, ou uma 'dolinha' de pó, ou uma coisa assim... então não tem como. Eu prefiro perder do que arriscar minha pele (Camila)

Eu tinha um cliente estrangeiro, suíço bem! Nós ficamos juntos um ano. Quando a gente começou a ficar juntos, a gente transou a primeira vez. Ele me deu mil reais. Depois ele começou a vir de quinze em quinze dias, de mês em mês. Como a gente está num ambiente que rola muita inveja, no meu aniversário ele me deu sete mil reais, depois ele me deu cinco mil. Isso o olho da pessoa já começa a crescer. E como rolava um papo entre eu e ele. Ele queria sem camisinha. E eu não faço sem camisinha. Eu andei não querendo ficar com ele. Outras vezes ele vinha na boate e eu pegava e saía. Ele ficava lá. As meninas começaram a transar com ele sem camisinha por causa do valor do programa. Ele só pagava acima de mil reais. Passado um tempo ele morreu. Ai ficamos sabendo que ele tinha câncer e AIDS. Viu, professor, por isso que a gente não pode ter olho grande. (Raissa)

Cristina relembra de um determinado programa em que só percebeu que seu cliente havia retirado o preservativo quando sentiu em sua vagina o espermatozoide escorrendo. O medo aumentou, pois, ao comentar essa situação com as colegas de trabalho, a informação era de que essa pessoa era portadora do vírus do HIV. “Eu pensei em doença, pensei em filho, naquela hora você tem de pensar de tudo na vida, porque corre risco de vida e eu também estou correndo o risco de engravidar dele”.

Mesmo tomando determinados cuidados, algumas entrevistadas relataram sentir medo de contrair essa doença. A possibilidade de contaminação pelo vírus do HIV se tornou uma preocupação constante, tendo em vista que, por diversas vezes, aconteceu de o preservativo estourar.

Aconteceu uma vez comigo, e estourou três camisinhas seguidas com a mesma pessoa. Sorte que ele não gozou, mais passa muita coisa, fica esquisito, você pensa em doença mesmo, você não conhece aquela pessoa, a primeira coisa que você pensa é em doença, engravidar até que não porque a gente sempre toma pílula. (Daiane)

Segundo as garotas, grosso modo, o preservativo estourou por duas razões: falta de lubrificação da mulher e entrada de ar no momento em que é inserida no pênis. Em ambos os casos, o atrito causado com a pele ou com o ar faz com que a borracha se rompa.

Alguns truques são utilizados para evitar esses infelizes. Um deles é o de lubrificar a vagina com saliva. No entanto, este método só tem sido utilizado em situações de falta de dinheiro para compra de creme vaginal ou o esquecimento deste. A preferência pelo creme ocorre em função de a lubrificação durar por mais tempo. O lado negativo é o desconforto que isso causa, pois a vagina fica muito tempo lubrificada, por vezes, o creme escorre na calcinha. Porém, o uso permite que o preservativo deslize com facilidade sem causar atrito, independente do tempo da relação e impede, dessa maneira, aquilo que elas consideram como “acidente de trabalho”.

Em determinada noite, enquanto fazia observação participante, ouvi quando um cliente dizia para seu colega: “cara, aquela ali gostou de mim de

verdade. Foi só eu começar a dar uns pega nela e a bucinha dela ficou molhadinha, mas molhadinha de verdade. Eu nem acreditei. Aí fui e passei a mão para conferir e era verdade, na fé”. Entretanto, as garotas já haviam comentado comigo sobre essas situações. Como o creme deixa a vagina umedecida, alguns clientes imaginam que eles as deixaram excitadas.

Em geral, após a realização do programa, elas tomam banho quando o cliente ainda está no quarto. Essa necessidade é justificada por causa do lubrificante do preservativo causar irritação no corpo delas. Acresce-se, ainda, o fato de algumas profissionais, ao término da interação, encontrarem-se toda “babada”, principalmente, na região dos seios e pescoço. Portanto, tomar banho após a relação se torna uma necessidade.

As garotas desenvolvem aquilo que elas chamam de “especialidade sexual”. Para se ter o “título” de especialista sexual, é preciso desenvolver uma técnica, ou determinada posição, que seja aprovada pelos clientes de modo que retornem e peçam para que a relação seja feita novamente naquela posição.

Tem homem que na hora que eu faço isso, pronto. Acabou, num tem como. É... A maioria dos homens gosta da mulher de quatro, né? (Risos) A maioria dos homens gosta de ver a mulher de quatro, então eu fico de quatro, dou aquela olhadinha nele bem sem vergonha pra trás, dou aquela reboladinha e faço a tal da bezerrinha, num tem homem que segura.

Bezerrinha? Como é?

Ai professor, você não conhece? Então vou te ensinar. É assim... você comprime a buceta, como se estivesse apertando o pau dele com a buceta e faz assim, tipo... (nesse momento da entrevista, Tamires fez um gesto, como se estivesse na posição de quatro, e diz que, ao se encontrar nessa posição comprime a vagina enquanto rebolava e olhava para trás com cara de safada, como se fosse uma bezerra) (Tamires)

De costas virada pro cliente. É a posição mais rápida, que você vai sentar ali, bombar, bombar, bombar, bombar, eu acho que eu sou especialista nessa. E ficar de costas para o cliente sentado em cima do pinto dele. O bronzeado também ajuda quando você bronzeia, que você toma aquele solzinho, e deixa aquela marquinha, ajuda principalmente quando você está de costa. É uma coisa fora do normal. Minha tatuagem da coelhinha da playboy em cima da bunda, também ajuda. (Camila)

O meu segredo é gemer. Ou dou uma gemida bem diferente como se ele tivesse fazendo eu ter um orgasmo, como nunca tive. Ai acaba adiantando o processo. Eles gostam de um gemido todo especial, porque acham que é o melhor homem que eu já tive. {risos} (Barbie)

Por fim, é preciso destacar o truque utilizado para acelerar a ejaculação, com vistas à realização do próximo programa. O mais comum é, assim que chegar ao quarto, imediatamente masturbar o cliente e, ao mesmo tempo, fazer sexo oral com ele, para que, ao chegar o momento de se introduzir o pênis, rapidamente o cliente ejacule.

Eu procuro assim fazer o mais rápido possível por que eu sei que ali fora está rolando. Se não está rolando vai chegar. Então ali eu uso a tática: ponho a camisinha, faço o boquete que é para estimular mais rápido, bem mais rápido. Porque você está ali estimulando ele vai ficar a ponto... porque ali e mexo bastante porque na hora que começar... umas três ou quatro bumbadas eu já levanto. E... a maneira mais rápida que eu acho, eu acho que todas as garotas de programa é você sentar de costas virada para o cliente. Vira as costas porque o bumbum fica batendo ali e você bumba. Se você deixar a pessoa, ele no caso o cliente vim por cima demora mais, porque ele trava ali ele pode ir devagarzinho de boa. Agora se você quer sair rápido é montar em cima e chinelar que é rapidinho. Tem uns que fala: "páira, páira, páira, páira se não eu vou gozar". "Então gozar! Goza comigo bebê. Goza comigo, goza comigo. Vamos?" Tá pronto! Tempo é dinheiro. Você tem que estar ali para correr ali dentro. (Camila)

4.7 - "Seu bolso é meu guia...": Permissividade e banalização da violência de gênero causada pelo dinheiro

4.7.1 – "Realizamos seus desejos mais ocultos"

Se eu fosse enumerar as expressões mais ouvidas durante a observação participante quando da interação entre cliente e garota de programa, com certeza, na lista estaria a frase: "seu bolso é meu guia" como a mais pronunciada por algumas profissionais do sexo. A cada pedido, a cada

convite, elas vinham em tom de sentença. O dinheiro, nessa atividade, proporciona, como bem ressaltou Georg Simmel⁴, a autonomia da pessoa.

Essa expressão tem o fito de externar duas mensagens: 1. que a autonomia e a liberdade do cliente sobre a garota de programa são guiadas pelo bolso. Isto é, delinea sua disposição em se desprender dos valores monetários que possui em favor da acompanhante; 2. que a interação está marcada pela impessoalidade e, nesse contexto, o dinheiro assume o caráter objetivo puro nas atividades de socição. Cotejo dessa fala, à frase que se encontra no luminoso em frente ao bordel que diz: "Realizamos seus desejos mais ocultos". O ambiente estudado permite que as pessoas possam satisfazer os desejos, instintos e vontades que, em outros lugares, não seriam permitidos, gerando aquilo que elas denominam como desejos ocultos. Todavia, esses desejos só são realizados mediante disposição de pagamento em espécie. A fala de Tamires representa o significado da frase "seu bolso é meu guia":

Se ele quer carinho, ele tem que me pagar. Se ele quer atenção, eu quero dinheiro, é... Igual esses dias aconteceu um negócio do cara falar pra mim, 'moça, você é muito fria, num sei o que e tal', num queria me dar um refrigerante, num queria me dar uma dose, então assim, quando mais dose o cliente estiver me pagando, mais carinhosa, mais atenciosa eu vou ser, quanto menos coisa ele estiver me proporcionando ali, nem converso, assunto eu tenho certeza que eu vou achar de monte, mas num está me dando aquele estímulo, sabe? Aquela coisa, quem está na chuva, está pra se molhar. Né? Se eu estou aqui dentro é pra ganhar o meu. Seja com doses, seja com programas, seja com strip, seja com uma coisa, seja com outra. Então se o cara veio aqui dentro, "essa mulher quer dinheiro". Ele chega aqui, 'ai, meu anjinho'. Ele tenta te comprar com carinho, aí vem aquele negócio, igual esses dias, o cara começou com aquele negócio, 'ah, eu queria uma mulher pra namorar de vez enquanto sair daqui pra gente...'. Eu estava namorando! La namorar ele pra quê? Pra ganhar o quê, então assim, hoje, por isso que eu falo que o que me guia é o bolso do cara. Então é aquele negócio, 'ah, eu quero isso, posso aquilo, você faz não sei que?' 'Ai eu falo 'ah, você quer? Beleza! Seu bolso é o meu guia'. Se ele estiver disposto a pagar, eu faço tudo e mais um pouco, senão eu caio fora. (Tamires)

O serviço prestado pelas garotas aos clientes é denominado de programa. Este se inicia a partir do momento em que a profissional do sexo

⁴ SIMMEL, Georg. O dinheiro na cultura moderna. In: SOUZA, Jessé; ÔELZE, Berthold (orgs.). **Simmel e a modernidade**. Brasília: EdUnb, 1998. p. 24.

entra para o quarto com o cliente e dura até o momento em que ambos se retiram daquele ambiente. Ou, no caso de o cliente optar por pagar a saída da mulher do cabaré, inicia-se quando ela entra em seu carro, ou lhe encontra em outro lugar, até quando ele a deixa na zona ou um mototáxi ou táxi lhe apanha. A partir desse momento, essas mulheres se consideram no direito de receber, independente de o cliente ter ejaculado, ou não. Se, por qualquer motivo, o cliente desistir da ideia de fazer sexo, elas, assim mesmo, exigirão o pagamento integral referente a um programa sexual. O tempo para a realização de um programa é de meia hora. E não necessariamente quando o cliente goza.

Quanto ao valor cobrado, este varia de acordo com o humor deles, grau de atração que elas sentem pelo cliente e o tipo de serviço a ser prestado. No entanto, o programa pode custar mais ou menos, de acordo com três critérios centrais, a saber: a) quanto as garotas julgam que o cliente pode pagar; b) necessidade de se ganhar dinheiro rápido; c) o grau de atração que o cliente desperta. Exemplificando: há um homem que chega ao bordel, a bordo de uma caminhonete de luxo, será cobrado dele um preço mais alto do que a de um homem que chega de bicicleta, ou de mototáxi. Quando a garota possui dívidas, ou quer comprar algum objeto com rapidez e ainda não conseguiu angariar o dinheiro suficiente durante a noite de trabalho, ela pode fazer um desconto a fim de conseguir alcançar seu intento. Nesses casos, a dona do estabelecimento é procurada e informada que o cliente não tem condições de pagar o valor mínimo estabelecido pela casa, mas que as garotas estão dispostas a atendê-los por um valor inferior. Se houver a autorização da proprietária do ambiente, o programa poderá ser realizado. Durante o período em que convivi com essas mulheres, o menor valor cobrado, com a devida autorização, foi de R\$ 50,00.

Já baixei várias vezes e como [risos]. Porque, antes cinquenta no meu bolso do que no bolso de outra ou no bolso dele de volta. Então vem pro meu que eu to precisando. Já aconteceu demais. O preço nunca é igual. Tem aquele ditado: cada mulher tem o seu valor. Pra mim cada homem, cada cliente tem o seu valor. Eu olho no homem e falo: esse vai ser tanto. To pondo o preço pra ele. Ai pra definir... bom, se ele for muito enjoado eu vou jogar um preço bem alto. O pior

181

que acabam aceitando. Os enjoados... gente, parece que eu sou sina de homem enjoado. Não tem lógica. Homem quer só conversar. Falar. Ai que saco. E, pessoas mais humildes, aqueles assim da classe bem baixa, peão que vai ali, trabalha o mês inteiro na fazenda eu até faço uma graça, faço mais barato. Mas, pra gente que é muito humilde. Já pra quem chega de carrão é mais caro. Então eu olho muito pela personalidade da pessoa. (Camilla)

Eu faço mais barato! Dependê... Sabe professor, se o cara fala assim, "tenho pouco dinheiro" e eu ver que é verdade eu faço. Mas, quanto mais a pessoa tem, mais a gente pede. Uma vez eu sai com o cara, num carrão e cobrei 700 reais. Ele pagou sem reclamar, deu o dinheiro certinho pra mim e ficou de boa. Mas em compensação, fora daqui, eu já fiz até 30 reais [risos]. Estava precisando comprar uma lata de leite pro meu menino e comprar absorvente pra mim. Eu estava precisando tanto de dinheiro, e falei assim: 'a meu Deus do céu'... ai chegou um mascate lá falando assim: 'ô eu não tenho dinheiro aqui, mas só tenho 30 reais', eu vi que ia me ajudar que eu estava precisando um pouco de dinheiro, fazia uns dias que não fazia programa, eu peguei e fui, falei: 'então vamos embora, rápido, tem que ser rápido,' foi, fez rápido. Pronto ganhei meu dinheiro. (Cristina)

Quando o meu filho nasceu ele tomava um leite AL 110, ele custava 24 reais na época, isso meu filho vai fazer dez anos agora em agosto, ele tinha dois meses. E eu fiz um programa de 10 reais pra eu comprar leite pro meu filho e eu não tenho vergonha disso, se precisar e faço de novo dez vezes. Esse foi o mínimo. (Raissa)

Até aqui foi visto que a necessidade financeira, o encanto pelo cliente entre outros faz com que o valor do programa seja relativizado. No entanto, é preciso considerar outra situação que ocorre com frequência na zona de meretrício, onde as garotas de programa afirmam que só trabalham pelo dinheiro, principalmente quando estão em crise financeira, pois, se não estivessem em dificuldades, algumas deixam claro que não fariam. Dentre eles, destaco aqueles desejos ocultos que, em geral, o cabaré é o espaço procurado pelo cliente para a realização, tendo em vista a dificuldade de se materializar de outra maneira sem que o dinheiro se faça presente.

Tamires relembra certa vez quando presenciou uma colega de trabalho desempenhando a performance solicitada pelo cliente somente por causa da retribuição mercantil, já que ela considera degradante a situação. Relata que, em determinada noite, sua colega foi a escolhida por um cliente que, antes de entrar no quarto, pediu-lhe para conversar em particular e esclareceu ter um "desejo oculto" a ser realizado. Na ocasião, ele havia levado dois comprimidos

182

lactopurga e queria que a garota tomasse. Deixou claro que estava disposto a pagar o que fosse necessário para que a mulher defecasse em cima de seu corpo. Era esse o desejo oculto dele. Na esperança de ser recusada pelo cliente, a garota pediu R\$ 600,00 pelo programa, o que, para sua surpresa, foi imediatamente aceito. Em seguida, em atendimento ao combinado, a moça tomou o comprimido e esperou o efeito. Passados alguns minutos, o cliente ouve:

E ela falou, 'se é mesmo isso que você quer, vamos pro quarto, que eu já estou com vontade'. Ai ele, 'tudo bem'. Ela foi lá e falou, 'tem que pegar camisinha'. Ele, 'num precisa não'. Ai foi pra dentro do banheiro, ai que situação, ele deitou, pediu pra ela ficar com a bunda virada pra ele, de costas pra ele, ai ele falou, 'na hora que você quiser'. Ela disse que viu o pinto dele crescer. E ela começou a defecar, ela começou e ali ele passava a mão assim, oh! Nele todinho. Ali, meio-dia mesmo, em ponto (expressão utilizada para dizer que o pênis do cliente estava totalmente ereto) (Tamires)

Tamires também passou por situação similar ao ser solicitada para que urinasse no corpo do cliente.

Lú, a gente começou o programa normal, nossa que gatinho... Fábio de Deus. E o menino chegou e brinca daqui, beija de lá, e eu doida pra beijar aquela boca e conversa vai conversa vem e tudo ele falou assim, sabe assim? Aquela pessoa assim, que cada centímetro, cada detalhezinho do corpo ele percorre, o homem me levou no céu, no céu. Me deu um banho de língua assim, que eu falei... ai eu vou morrer. Foi o orgasmo mais gostoso que eu tive, com ele. Na hora da minha pessoa fazer nele, ele sentou na cama pediu pra eu ficar em pé, ele falou assim, "num vai estranhar, é a minha tara, eu sou louco por isso, num estranha por favor". E pelo o seu cheiro eu sei que você num tem problema nenhum, 'faz xixi na minha boca', olhei pra ele, 'anh'? Falou, "faz xixi na minha boca, você num vai ficar decepcionada, depois eu te explico". eu falei, 'tudo bem', ai ele continuou passando a mão e eu concentrei e fiz. (Tamires)

Tamires demonstra a satisfação que teve no início do programa, em função da atração que sentiu pelo cliente. No entanto, revela que, se não fosse por dinheiro, jamais teria conseguido realizar esse tipo de fantasia.

Durante minha convivência, presenciei quando um cliente combinou com Camila um programa a ser realizado na noite seguinte, tendo em vista a necessidade de preparação para a performance. A negociação consistiu em Camila andar no outro dia com um tênis molhado para que o odor do chulé se

formasse. A justificativa era o desejo de transar com alguém que estivesse com muito chulé. E, como de praxe, o cliente estava disposto a pagar por todo o trabalho que a moça teria durante o dia.

Tá, ele veio a tarde. Gente, só faltava ele comer o meu pé, cheirando meu pé suado, andando. Ainda foi um dia em que eu fui no centro de tênis abafado, Nossa é muito triste. Ele pagou duzentos e cinquenta reais pra poder ficar cheirando meu pé. Tem base? Hó, cabeça de homem, cabeça de cliente, cabeça de mulher também, cabeça do ser humano é uma coisa muito doida. Não tem como explicar. (risos) Eu ganhei duzentos e cinquenta reais. Bom, ele encosta na gente ele penetra uma, duas vezes, na terceira vez ele goza. Mas a tara dele, ele gosta de ter relação com a gente com o pé da gente quase beijando o nariz dele. Ele fica cheirando ai ele pega e goza. É muito doido. Gente, assim, a gente não pode rir. A gente tem que entrar no clima. 'hossa! Está gostoso meu pezinho? Ai... meu pezinho está bom?' você tem que entrar no clima. Mas a vontade de rir é muito grande. (Camila)

A representação de gênero também se manifesta nos desejos ocultos, quando discussões entre marido e mulher são simuladas e quando o homem, em determinado momento, expõe sua dominação masculina ao mostrar seu lado machista e, ao mesmo tempo, o interesse em agradar a mulher. Numa clara assimetria de gênero, a posição dos corpos na cama é genericificado, em que o lado da parede é reservado para a mulher, enquanto o lado oposto é do homem.

Teve uma... (risos) Uma de imaginar que eu fosse esposa dele, dele entrar dentro do quarto e falou 'eu quero que você seja minha esposa'. Ai eu falei: 'mas, como, sua esposa?'. 'emburra comigo. Fica emburrada. Deita na cama de lado, emburra e deita do lado'. Tá. Ele deitou do lado da cama, qual que é o lado que fica da beirada? Depende do jeito que está a cama (risos), mas ele deitou do lado da beirada da cama, da beiradinha que o homem sempre fica. E dei e fiquei quietinha do lado da parede. Ele veio me alisando minhas costas. Ai eu tinha que falar tira a mão. Ai eu virava e falava 'tira a mão'. Ai ele vinha de novo e eu 'tira a mão'. Ai dizendo ele que enfezava com a mulher, pegava a mulher de uma vez e pressionava o homem da casa era ele. Que ele queria e ia ter. eu fiquei assustada em pensei: esse cara vai me matar. Eu assustei. Só que ele falava: tira a roupa, tira o baby dool a tangერი e falava alto da dona da casa assustar e falar: 'gente, está acontecendo alguma coisa. Deixa eu ir la ver'. Só que não era nada. Dele vir e dava daquele de machão e na hora "H" ele vinha na maior calma e dizia 'meu amor, eu te amo'. E me chamava pelo nome da mulher dele. 'fulana, eu te amo! Eu gosto muito de você'. Eu ficava falando pra ele: 'você não ama não, você tá é com as outras!'. 'E ele: 'Não! Eu não saio com as outras' e quase chorando em cima de mim, lembrando da dita cuja dele. É muito

interessante. Agora você imagina o cara quase chorar e imaginar... eu ali deitada, parece aquelas coisas de novela, que você fecha o olho e vê a outra pessoa. Mas, é só em novela que acontece. De olhar e imaginar a esposa dele e desabafando como se estivesse desabafando com a mulher dele. É muito louco. É muito doído. É cada uma... (Camila)

Essas situações ilustram algumas das situações que, sem a mediação do dinheiro, não seriam realizadas. Todas essas performances me permitem afirmar que o determinante do limite entre o que será ou não feito entre a garota e o cliente, como bem ressaltou essas mulheres, é o bolso. Para Cristina, o motivo que a mantém nessa atividade é o dinheiro. "O lado bom é todo dia você ter um dinheiro, você vai sempre falar "ah eu estou precisando de tanto, vou pagar aquele negócio" e eu tenho dinheiro na mão, esse é o lado bom, o dinheiro". "Tipo, te proporciona um bom sapato, uma boa calça um bom batom, uma boa lingerrí. Então é muito vantajoso é muito gostoso. (Camila)". "Tudo que você quer comprar você compra, (risos). É o dinheiro, num vou dizer que é fácil, porque num é fácil ficar em baixo de uma pessoa que você nunca viu na sua vida" (Tamires). Nesse sentido, a justificativa aludida pelas garotas ao se referirem as dificuldades da atividade, em geral, é associada à compensação financeira.

Objetivei mostrar até aqui, que o dinheiro assume papel central nas dinâmicas interacionais da prostituição. No entanto, é preciso ressaltar que não são todas as interações que giram em torno do aspecto mercantil. Quando convivi com as garotas de programa, observei outra dimensão de grande importância, no trabalho por elas exercido, além do dinheiro, que é o prazer. Em algumas situações, o trabalho de prostituta dá prazer à mulher que o desempenha, elevando a autoestima e a satisfação pessoal.

Hoje em dia, se eu falar que eu faço por necessidade, é mentira. Porque eu tenho duas profissões maravilhosas. Se eu sair dessa vida eu entro vou seguir uma profissão de cabeleireira e manicare do mesmo jeito. Então sei eu falar que eu estou por necessidade? Mentira! Vo ta mentindo completamente. Eu estou ali porque eu gosto da noite. Eu gosto da noite. Eu gosto de entrar no frevo. As vezes nem tanto por fazer o sexo, por transar Não! mais ali pela noite. Por estar ali no meio do povo. No meio da agitação. Vendo e sabendo de coisas. As vezes assim de sentar é muito cabulante você sentar com o cliente e ouvir coisas deles assim, que você para e.... por mais que

185

eu viva, mais eu vou ver. Então é esse o segredo da noite. É esse o segredo de ser uma garota de programa. (Camila)

Sou sincera, daria já pra mim sair e arrumar um serviço numa empresa e terminar de pagar de construir a minha casa, mas eu gosto do que faço. Não uma profissão tão ruim assim não. Você é considerada uma mulher gostosa, bonita, todo dia tem um elogio. Porque que é ruim? As pessoas num... Ou... a prostituição não é um bicho de sete cabeças. O homem que vai na boate geralmente trata muito bem nós profissionais lá. É assim, eles beijam, eles dão carinho, eles passam a mão na cabeça, eles dá beijinho, eles dá dinheiro, eles dá bebida, eles dá o que a mulher quer. Num é uma profissão ruim, é uma profissão boa. "Ai é ruim, hoje eu estou com um homem, hoje eu estou com outro", e daí? Num é a mesma coisa que está com o mesmo? E se você está com o mesmo e ele está te traindo, te batendo. Num é pior? Você fica com um hoje, ele te dá carinho, você fica com outro amanhã, ele te dá carinho. É só você escolher bem os seus clientes. Num é ruim não, é bom. (Raissa)

Além do contentamento pessoal, que a prostituição pode gerar, conforme relatou Camila, algumas mulheres ressaltam a satisfação sexual que essa atividade proporciona. Tenho ciência que o que afirmei acima como pesquisador caminha na contramão de uma ideia amplamente aceita sobre essa atividade: a de que as mulheres se prostituem única e exclusivamente pelo dinheiro. Parto do princípio que o dinheiro assume, sim, posição central, que, sem ele, a interação não ocorreria. No entanto, há situações em que o prazer obtido pela relação sexual motiva a garota de programa, inclusive, a baixar o preço, isto é, em determinadas ocasiões, o fator que conduz a interação pode ser também o prazer e não somente o dinheiro. Camila confirma isso: "Dá pra se dizer que junta o útil ao agradável quando é aquele cara que você ficou atraída". E também Tamires.

Quando pinta um calorzinho e tal, que num tem... Já teve ocasiões de acontecer assim, chegar o cliente, ele está bebendo, mas num fez o programa e dá aquele, sabe? Em mim, dá aquela, "uh, porque num me leva"? Ai sim, eu uso todas as armas possíveis pra tentar a convencer ele a ir pro quarto comigo. E as vezes é baixando o preço. Eu também preciso tirar uma casquinha né?. (Tamires)

Diante desses relatos, torna-se impossível partilhar da ideia de que as garotas de programa não experimentam prazer sexual em seus encontros com clientes. Em sendo assim, a prostituição não pode ser reduzida a somente ao uso do corpo feminino visando tão somente à satisfação masculina, como se a prostituta estivesse sempre em desvantagem no tocante à realização sexual.

186

Em síntese, é do entendimento de que prostituição e prazer são antônimos que é necessário nos libertarmos. Espero ter esclarecido que o dinheiro é o elemento principal da interação na prostituição, mas não o único. Se me limito à análise meramente econômica, deixarei escapar aquilo que Raissa chama de “diversão” e Camila entende como crucial, que é o fato de ser admirada.

Quem é que não gosta de ser admirado. Ainda mais quando... assim quando, quando você vê que você destaca, quando você vê que destaca, que você vê os olhares ao seu lado, você... Da mulher olhar e falar assim: nossa! Mas ela tá bonita! Aquilo ali pra você já dá uma levântada... Já é uma coisa maravilhosa. (Camila)

Por outro lado, não posso cair no erro de cometer generalizações apressadas. Assim como o prazer pode assumir o objetivo final de determinados encontros; em outras situações, ele jamais chegará a esse estágio, de maneira que, se a garota de programa tiver um orgasmo, por exemplo, o sentimento que virá em seguida poderá ser o de repugnância. Dito isso, duas possibilidades de interpretação se apresentam. Primeiro, a de que o prazer, por vezes, assume o principal papel da interação, chegando o ocupar o lugar do dinheiro e, segundo, a de que o prazer é insistentemente combatido pela garota de programa. “Aconteceu de bater aquele arrendimento daquilo que aconteceu (orgasmo), de você chegar a sentir nojo depois e você nem querer nem mais dá contar de terminar” (Barbie). “Aí você pega um xucro feio que faz você gozar. Lógico, você chora de arrependimento: por que que eu gozei? Por que, por que que eu gozei? Aí você fica com aquele arrependimento na cabeça. Não era pra mim gozar” (Camila).

Dessa maneira, vejo que, enquanto algumas separam o prazer do trabalho, outras encontram prazer e satisfação do ato de se prostituir. No entanto, isso não quer dizer que a prostituição não seja degradante, há também seu aspecto de tristeza e carência.

Toda garota de programa ela é uma pessoa muito carente. Muito carente. Por mais que você tenha todos aos seus pés a noite inteira, no final da noite você acaba sozinha. E esse é o mais doído. Porque geralmente muitas viajam, como eu, como outras meninas que sempre vivem no mundo. Pra cima e pra baixo. Então você não está

perto de família. Você não está perto de filhos, quem tem filhos. É... quando você se apega é nesse ponto. Muitas deixam se levar de mais. Outras não. Outras procuram uma pessoa ali só para deitar, fazer carinho, sentir prazer do jeitinho que ela quer. Suprir aquela carência. (Camila)

As dificuldades mais comentadas entre as garotas de programa são sobre a necessidade de se ter de ir para a cama com pessoas totalmente desconhecidas, acrescidas da inexistência de qualquer sentimento afetivo. Segundo Cristina, “É ruim você ficar com uma pessoa que você não quer, você faz aquelas coisas que você não quer, claro que você não é obrigada a fazer, mas você não sente nada pela pessoa, é uma coisa ruim, e você fazer por causa de dinheiro, isso que é o lado ruim”.

Por outro lado, é preciso considerar que a interação entre as garotas, permeada constantemente por conflitos, também é justificada pela possibilidade de obtenção de dinheiro. Entre elas se assume claramente a inexistência de confiança, embora morem na mesma casa e, por vezes, dividam o mesmo quarto. A alternativa encontrada por elas é a de estabelecer relação de coleguismo, ao invés de amizades.

Gente é mais fácil você conviver com dez homens do que conviver com dez mulheres. É mais fácil conviver com vinte homens do que com dez mulheres. É difícil demais. Uma porque nada está perfeito. Nada está perfeito pra elas. Sempre tem que ter uma reclamação daqui, uma reclamação dali. E você está sentada com o cliente, uma amiga minha está sentada com o cliente, mas ele viu eu passando e interessou em mim, aí ele chega nela. Aí ela fala: ‘há! Porque estava olhando pra ele. Porque passou e rebolou, porque jogou o cabelo, mandou recado enquanto eu fui no banheiro’. É foda! É fora do normal. Tem que ter jogo de cintura ali dentro. É mulher reclamando de falsidade da outra. É muita fofoca. Aí é difícil. Não existe. Bom, sem amizade você vive. Você não vive sem o coleguismo. Sem amizade, beleza. Eu, particularmente, deixa eu ver se tenho alguma amizade firme? Não! Nenhuma. Não tenho. Tenho colegas. Tenho colegas só. (Camila)

É tudo com segundas intenções, a maioria das meninas, elas fazem amizades enquanto é conveniente pra elas, uma roupa, um sapato, um cliente, entendeu? Então, assim, num existe dentro, aqui dentro de uma boate não existe. Eu posso dizer que eu tenho sim, uma amiga, mas eu sei que é com segundas intenções. Já teve meninas que... Pessoas, meninas aqui dentro que falava, “nossa adorei você, eu admiro você”, sabe? E nas minhas costas só metendo a lenha, só me dando rasteira. Tô nem aí. Só quero ganhar dinheiro. (Tamires)

Por mais que o dinheiro assuma o plano central das interações, é preciso, no entanto, atentar para o fato de que no cabaré o dinheiro não compra tudo. Pensemos na negociação de um programa. Quando se negocia um programa, subentende-se que será realizado o considerado, por elas, “normal”. Nessa modalidade, está incluindo o sexo vaginal e oral. Caso o cliente opte pelo chamado “completo”, na negociação estará incluso a realização de sexo anal. O que define a concretização, ou não, do sexo completo é o bolso do cliente, haja vista que o valor cobrado pelo completo geralmente é superior ao dobro do exigido pelo normal.

Bom... a tabela de preço, levando pela dor, pelo gasto de creme que você vai ter que passar, a pomada, é sempre elevado o mais. O programa normal, que o povo fala normal, eu chego a cobrar cem ou cento e cinquenta. Agora o completo, você pode jogar aí, uns duzentos e cinquenta trezentos reais. (Camila)

Na interação, é preciso que o cliente tome todo um cuidado para saber se a mulher aceita fazer ou não sexo anal, para não ouvir expressões como: “vai comer o cú da sua mãe” ou “você deixa eu comer seu cú por esse valor que você está me oferecendo?”.

Tem uns que falam: você faz sexo anal? Há, uma pergunta normal. Isso não vai ofender ninguém. Ou, você é completa? Aí cabe à gente responder ou não, se é ou não é completa. Mas não ofende. Tem gente pra tudo nesse mundo... que vai logo perguntando se a gente dá o cú. A resposta... eu dou uma olhada na cara do cidadão e falo: olha cú não se compra. Cú se conquista. É lógico que eu não vou... Se ele foi grosseiro dessa forma de perguntar, imagina na hora da cama? Me arrebita no meio. Então não vale. {risos} não tem como. (Camila)

No entanto, não são todas as garotas que se presta a esse tipo de serviço. Fica, nesse limite, claro que o dinheiro não é tudo numa interação. Entre as garotas de programa há um consenso sobre os limites simbólicos do corpo, de forma que algumas partes do corpo ou práticas são reservadas apenas para as pessoas por quem elas nutrem sentimento, geralmente os ficantes, namorados ou maridos. Isto é, antes de pensar na questão meramente financeira, é preciso refletir como elas lidam com o corpo, levando em consideração as interações e sociabilidades mantidas com seus respectivos parceiros fora do cabaré.

189

Camila, por exemplo, negocia o sexo anal. Mas não dorme com clientes. Isso na zona se chama “pegar pouso”. Para ela, dormir com alguém é algo muito íntimo e que só pode ser realizado com quem se tem um sentimento afetivo. Ela também não negocia aquilo que é o mais comum de o dinheiro não ter poder intermediador no universo da prostituição, o beijo na boca. O máximo que algumas garotas fazem nessa situação e dar, aquilo que elas denominam de “selinho”, que é um beijo em que não há o contato entre as línguas, pois esse tipo de carícia só deve ser realizado com o namorado, a regra é.

a língua no meu ouvido para cliente é fora do normal. Isso não existe vir enfiando o dedo a língua... beijar na boca não tem lógica. Vim pra beijar na boca, todos sabem que, a maioria das garotas de programa não foram feitas para beijar na boca. Foram feitas para beijar na boca de baixo e não beijar a boca de cima. (Camila)

Jô, por sua vez, negocia o beijo na boca, mas reserva o sexo anal para seu marido. Enquanto Mel faz sexo anal, mas reserva sua boca para o namorado. “Acho que o beijo é mais íntimo, tem que haver sentimento, sexo não, sexo você vai ali no escuro, abriu as pernas e pronto, mas o beijo não, o beijo tem que haver sentimento” (Mel). “Eu acho assim que pra gente beijar na boca a gente tem de sentir muita atração por aquela pessoa (Cristina)”.

beijo, é uma coisa, eu acho que é uma coisa muito mais íntima do que o sexo. Porque você pode muito bem chegar numa festa e gostar de um, no meu caso é um carinha que estava gostando, ‘ah, vamos dá uma’. Vamos lá, pápum, rola e beija. As vezes você está brigada com a pessoa que você está junto e vocês fazem amor, transam, alguma coisa assim, num rola um beijo, porque beijo é um conjunto de coração, de alma, ali é onde você se expressa, aí você vai abraçar, você vai cheirar, você vai... Então, eu acho que é uma das coisas que o dinheiro pra mim não paga. Num vou dizer pra você que eu nunca beijei clientes, já, já beijei. Com selinho, agora aquele beijo gostoso de tipo desentupidor de pia. Num vira, num dou conta. (Tamires)

Outro aspecto que se constitui no divisor simbólico entre a atuação profissional e o sentimento de afeto é o fato de nenhuma delas terem assumido a realização de programas sem usarem preservativos. No entanto, relatam que com os namorados essa exigência é deixada de lado. Nessa concepção, o uso de preservativo está associado à figura do cliente.

190

Ainda há de se destacar o fato de algumas optarem por trocar de nome quando estão trabalhando. Assim, fica nitidamente separado o momento em que ela teatraliza para um público e quando se interage com as pessoas de seu convívio, tais como, família e amigos. A troca de nome é considerada como um ritual de passagem ou batismo na prostituição. Embora algumas escolhem em não fazer essa troca de identidade. "Uma vez eu tentei. Aí a pessoa quase morreu de chamar e eu não escutei {risos}, aí eu usei o meu mesmo (Raissa)".

Essas são algumas das razões para afirmar que o dinheiro não permite qualquer tipo de interação. Há outros aspectos simbólicos com os quais o dinheiro não se constitui como medida e que carecem de investigações mais aprofundadas.

4.7.2 – A banalização da violência de gênero

O poder gerado pelo dinheiro tem sido a força motriz que mantém essa atividade em funcionamento gerando um "jogo do faz de conta" que permite, por exemplo, que crimes e violência, como a de gênero, sejam banalizados e descriminalizados em nome do valor mercantil recebido. Essa é uma relação onde o cliente "faz de conta" que não agrediu à medida que paga para exercer determinadas formas de violência e a garota "faz de conta" que não foi agredida. No entanto, as marcas dessa violência estão tanto nos corpos quanto na memória dessas mulheres.

Em uma noite de sábado, Camila, enquanto retocava a maquiagem em frente ao espelho do corredor central, é abordada por Geni que lhe informa sobre a chegada de Denis e descreve sua tara sexual - dar tapas no rosto da mulher, mas que paga muito bem por isso. A sugestão de Camila é que indique o cliente para a Tamires, pois ela já o atendeu em diversas outras ocasiões e estaria acostumada com os tapas. A garota indicada, no entanto, estava no quarto fazendo outro programa. Por falta de alternativa, acrescida da motivação financeira, tendo em vista que em determinadas ocasiões Denis pagou até seis

vezes mais que o valor normal do programa por causa da tara, Camila não hesitou em atendê-lo.

Naquela noite, eu estava no cabaré, pois, após o fechamento da casa, havíamos combinado de ir ao baile, quando disporia meu carro para levar as garotas. Percebi que Denis conduziu Camila imediatamente para o quarto sem fazer a "famosa sala". Geni comentou comigo que essa atitude se dá em função de seu instinto machista. Ele não gosta de conversar e interagir no salão, só faz isso no quarto. Passados vinte minutos, enquanto limpava as mesas dos fundos, vejo Camila sair chorando em direção ao seu quarto com o rosto todo vermelho. Percebi que algo de anormal havia acontecido. Pedi se poderia acompanhá-la. A resposta foi positiva.

Dado o visível estado de nervosismo da garota, que acabara de fazer um programa, pedi se, somente naquele momento, ela permitiria que eu gravasse uma rápida conversa, com o intuito de entender o que acontecia. Recebida a autorização, sem que nenhuma garota percebesse o que estava acontecendo, fui ao carro, peguei o gravador e voltei para o quarto de Camila. Minha primeira pergunta foi: "o que aconteceu no quarto com você que seu rosto está todo vermelho?". A resposta segue abaixo. Decidi deixá-la na íntegra para que o leitor possa sentir a emoção mais próxima possível da que experimentei, diante de mais uma violência de gênero, legitimada e "descriminalizada"⁵ pelo dinheiro, que permitiu pouca ou quase nenhuma forma de resistência. Faço o registro da dificuldade que tive na transcrição, tendo em vista que os constantes soluços, somados ao choro, tornaram a voz da entrevistada trêmula. Assim, ao invés de falar por ela, deixo que ela fale por si mesma.

Eu sabia que o Denis gostava de bater. Mas achava que era tapa, tapinha. Eu nunca tinha dado pra ele. Aí lá no quarto eu virava o rosto

⁵ Utilizo o termo descriminalizado entre aspas, em função de a atitude tomada pelo cliente se constituir em um crime, devidamente amparado pela Lei Maria da Penha. No entanto, no universo da prostituição à medida que você externaliza a vontade de bater e se dispõe a recompensar financeiramente a pessoa agredida, com um valor acima da média, esse ato, intencionalmente, deixa de ser crime.

de um lado e pá um tapa, virava do outro e pá outro tapa! Ai eu pensava: 'bate seu filho dá... bate pode bater'. E ainda tinha de falar que estava bom, que eu estava gostando. Tem base um trem desse...

Ele me viu chorando e perguntou: 'Você está chorando?'

- 'não, não é suor'. E meu olho estava todo inchado. Ele não podia ver que eu estava chorando. Eu chorava passava a mão no rosto e pensava, beleza né, fazer o quê?

Ele perguntou se estava doendo. Eu tive de dizer: 'não! Está ótimo.' Ele não aceita ser contrariado.

Ai eu pedi pra ele: 'pode bater em qualquer lugar. Mas, por favor, protege minha boca. Não aceita minha boca'. A única coisa que eu pedi: 'minha boca não!' Se acertasse a boca além de doer, ia machucar. Já pensou eu ficar com a boca toda machucada.

Ele falou 'tá bom!'

Ali a mulher pode apanhar. Não pode sentir dor. Pode levar caceteada.

Hôô... se você imaginasse os tapas, só de imaginar que lá do lado de fora não tinha como ninguém perceber, por causa do som alto. Eu chorei. Dentro do quarto, eu chorei. E só se ele tor muito burro pra não perceber que eu chorava. Ai eu trancava o rosto e falava: 'bate!' Não tinha como falar que estava doendo, sabe? Ai um tapa, pá. O outro pá. Ai eu trancava o rosto e falava: 'vai... vai...bate... pelo amor de Deus, mais rápido!' (eu pensava: 'bate logo para ir mais rápido e eu ficar livre logo').

Ele deu cada tapa... professor de Deus? Pensa num tapa de um homem, sabe? Na bruta? Pá! Você tinha de virar a cara. E pá! Você tinha de virar a cara de novo. Ai eu olhava e falava: "nossa, Denis, calma!" Ele disse: "não! Você sabe que eu sou assim. Eu to pagando!" Não tem explicação não. Ele faz o que ele quer. Ai ele batia só no rosto e nas pernas. Eu colocava os joelhos próximo ao meu peito e ele batia. Era cada tapa, professor de Deus, era a mesmo coisa de estar apanhando de um pai.

Nossa, mais doía. Meu Deus do céu. Fiquei toda marcada.

Ai terminou e eu pensei: como é que you sair lá fora, assim toda marcada. Ai ele falou: 'vamos lá comigo acertar a conta.' Eu falei: 'pode ir lá. Vai lá você.' Eu tive de vir aqui pro meu quarto me arrumar, passar uma maquiagem uma base para esconder as marcas e estar pronta para o próximo programa.

Essa situação se configura naquilo que Pierre Bourdieu considerou como *ser percebido*, no qual a garota não teve plena autonomia de seu corpo, mas antes sofreu uma forma de dominação masculina legitimada e descriminalizada pela disposição em recompensá-la financeiramente. Isso é tão impactante que, mesmo contrariando os princípios da garota de programa,

193

o dinheiro gerou a aprovação do ato de violência pela própria dominada. Nessa forma de se legitimar a violência, a profissional do sexo se insere numa relação de dependência em que ela existe primeiro pelo e para o olhar dos outros.

Raissa também sofreu violência de gênero na forma de agressão física. Após receber um tapa, trocou de roupa e continuou a interação com o agressor.

Teve uma vez que eu tinha bebido com o cliente, eu tinha 16 anos. E ele era doido por casa de mim, só que ele tinha um olhar meio perigoso, ai ele falou assim pra mim, era a noite já. Ele falou, 'vou embora', e eu falei, então tá, tchau. Ele foi embora e eu fui atender outro cliente, e ele cismou e voltou pra trás, porque ele já estava gostando de mim, e pensou 'vou voltar pra aquela vagabunda porque ela deixou eu ir embora sem falar nada, se ele não pediu pra eu ficar é porque ela vai dá pra outro'. E ele já estava com ciúme. O que aconteceu ele chegou na boate, me jogou uma copada de cerveja na minha cara e me deu um 'surdão' e nisso a hora que ele chegou ele entrou com o carro dentro da boate. A hora que eu vi ele, eu cheguei gelar. Pensa num surdão bem dado. Doeu. E o que eu fiz, Sai e fui no banheiro, tomei banho vesti um vestidinho vermelho bem curtinho e ele falou, 'o que você vai beber?'. Campari. 'Desce um litro pra ele'. Desceram o litro e eu bebi com ele. E continuei com ele. Mas ele gastou um dinheiro comigo nesse dia. Aquele tapa na orelha ficou caro no bolso dele. (Raissa)

Nesse sentido, além de legitimar a violência de gênero, o dinheiro assume uma característica simbólica a ponto de fazer com que, algumas garotas, não levem em consideração o tapa que acabaram de receber e voltem à interação como se nada tivesse acontecido, ainda com a sensação de que esteve no lucro diante desse infortúnio à medida que exige mais recompensa financeira pela companhia prestada.

A ponto no primeiro capítulo que a não adjetivação de violência de gênero como física se dá um função de existir aquelas que não acontecem pela força física masculina, mas sim por palavras, gestos e atitudes, conforme ilustram os seguintes relatos:

Foi só subir no palco que ele começou me chamar de macaca. {macaca é a mulher que não se depila}. Fábio você mesmo é testemunha ocular que não é verdade. {Se referindo ao fato de eu ter presenciado ela nua, enquanto fazia strip-tease, por diversas vezes durante a fase da observação participante} E falava: 'que coisa horrósa, quer que eu pague um prestobarba pra você'. E aquilo foi me constangendo. (Tamires)

194

Igual teve um dia, só porque eu não deixei ele ficar me alisando ele começou a me xingar de prostituta. Porque eu acho que ninguém deve humilhar ninguém, todo mundo acho que é igual, pode ser homem, pode ser mulher, porque todo mundo tem os seus defeitos, não gosto de humilhar ninguém, se eu estou naquela vida é porque eu tenho um objetivo. (Cristina)

Tamires e Cristina não ficaram com nenhum hematoma pelo corpo. No entanto, os termos “horrorosa” e “prostituta”, usados de forma pejorativa, marcaram cada uma e elas descrevem esses sentimentos nos depoimentos acima, lembrando como foram hostilizadas publicamente.

Estas são as noites de cabaré, onde tudo o que acontece, segundo as garotas, por questão ética não pode ser verbalizado do portão para fora. Tive a intenção de apresentar, com este trabalho, as diversas faces de uma mesma realidade. Realidade esta, que não nos é apreensível numa primeira visita. Mas, é nesse sentido que a etnografia se apresentou como a ferramenta mais apropriada. Ela me permitiu compreender a interação nesse ambiente, a partir das falas dos próprios sujeitos, do seu jeito, à sua maneira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme pôde ser visto ao longo deste trabalho, a abordagem antropológica de uma dinâmica interacional pode ser reveladora de aspectos não apreensíveis de imediato nessas interações sociais.

Partindo de uma dada realidade – as lógicas simbólicas que operam em um cabaré – procurei, através da observação participante e descrição etnográfica, realizar um percurso em que eu pudesse descortinar o que ocorre nesse ambiente sem perder de vista as abordagens teóricas sobre o assunto.

A partir da perspectiva dramaturgica foi possível descrever como o palco, que consistiu nos limites físicos do prédio do cabaré, encontrava-se organizado, onde a vida dessas garotas se apresentava tanto de forma ensaiada quanto real. A etnografia me permitiu compreender como esse palco comportava o acontecimento de diversas simulações. E, de uma hora para outra, transformava-se em espaço íntimo, moradia, com lugares privados previamente demarcados onde a circulação era restrita tanto para clientes como para algumas garotas de acordo com uma lógica própria.

As roupas e acessórios sexuais utilizados pelas garotas de programa conduziram meus olhares sobre as lógicas simbólicas que operavam numa encenação com um ou vários personagens de acordo com a necessidade dos clientes.

Nessa interação social, os dados referentes aos clientes foram levantados inicialmente para se definir a situação. Conforme apontado, as principais informações buscadas para essa definição foram: A posse ou não de dinheiro pelo frequentador, sua disposição em consumir, sua educação e interesse no que ele buscava no ambiente. É somente a partir do levantamento desses dados que a garota traçava um plano de atendimento com o intuito de que ele correspondesse com aquele padrão que foi estabelecido.

No entanto, percebi que, à medida que ocorreram contradições, entre aquilo que se esperava e aquilo que se apresentava como real, a socialização

podia sofrer alterações ou interrupções que exigiam determinados truques naquelas circunstâncias. Quando a garota percebia que estava numa relação contraditória lançava mão de diversos “segredos e truques” previamente estabelecidos para driblar os transtornos.

Vale ressaltar que as garotas de programa faziam questão de deixar claro a delimitação existente entre a personagem que ela representava naquele momento e pessoa que ela era. Por isso, algumas imediatamente escolhem por não utilizar o próprio nome de modo que é elaborado um “nome de guerra” justamente para não emaranhar a pessoa da garota de programa com o personagem que ela representava.

Acresce-se ainda o fato de que, na condição de seres humanos, as pessoas possuem impulsos, vontades, recusas e oscilações de estados de espíritos. No entanto, à medida que se representava um personagem não se podia estar sujeito a essas características. Um exemplo dessa situação é o fato de algumas mulheres fazerem companhia para determinados homens, que se não fosse naquelas circunstâncias e sem a máscara e sem o dinheiro que permite um determinado fluir na socialização, não estariam em interação.

No tocante ao estigma, verifiquei que as garotas de programa sofrem daquilo que Goffman considerou como culpas de caráter individual, percebidas como vontade fraca, paixões tirânicas ou não naturais e desonestidade. Essas marcas estigmatizantes foram inferidas a partir de seus comportamentos, ao carregar a culpa de ter escolhido a profissão de prostituta. Nesse sentido, comungo com Simone de Beauvoir - ao tratar sobre o fato de essas mulheres terem podido “ganhar a vida” de outra maneira - que esclarece que não devemos questionar por que escolheram se prostituir. A pergunta, antes, deveria ser: “por que não a teria escolhido”?

Com esse estigma de garota de programa, essas mulheres, que poderiam ser recebidas com normalidade nas relações sociais cotidiana, não

¹ BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. V. 2. Tradução de Sérgio Millet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980. p. 325.

conseguem viver essas relações por possuírem um traço que pode gerar atenção e afastá-la de diversas relações de interação e sociabilidade, sua condição de prostituta. Não por acaso é muito comum que elas omitam sua condição para obter aceitação.

Com relação sobre o que vem a ser desvio, há um jogo de acusações. De um lado, alguns setores da sociedade entendem que a prostituição é uma atividade desviante em função de a prostituta utilizar seu corpo para prestação de serviços sexuais, contrariando a “norma” estabelecida de que a mulher não deve agir dessa maneira. De outro, as garotas de programa enxergam que a sociedade não tem o direito de julgá-las, pois muitas vezes as pessoas que as condenam frequentam o mesmo ambiente de prostituição e entendem que desviantes não são as pessoas que se prostituem, mas sim as mulheres que se relacionam com diversos homens sem nenhum compromisso. Algumas garotas assimilaram o estigma que recai sobre essa atividade ao justificar a falta de determinados bens pessoais, dizendo que não conseguem comprar quase nada por receberem um dinheiro amaldiçoado.

No tocante às interações e sociabilidades que ocorrem na zona de meretrício, é preciso esclarecer que para a garota de programa, em geral, os encontros com os clientes podem ser definidos como interação. Tendo em vista que não há aqueles ingredientes da sociabilidade descritos por Georg Simmel, conforme apresentei no primeiro capítulo. Por outro lado, em algumas situações, em índice menor, a interação passa a status de sociabilidade. Presenciei situações dessa natureza ao verificar que alguns clientes se relacionaram com as garotas de programa, tanto dentro do cabaré, como fora sem haver intermediação financeira. Isso se comprovou pela seguinte frase da Raissa: “Ai não vejo a hora da Geni fechar, para eu encontrar o Sandro. Hoje não tenho como dar pra ele. Tô muito cansada. Mas só de ficar com ele já ganho a semana”. Eles se conheceram através de um programa sexual realizado no cabaré. No entanto, como, segundo ela, o prazer de estar em interação era recíproco, o aspecto mercantil foi deixado de lado.

Nesse sentido, a etnografia evidenciou que alguns homens não procuravam o cabaré exclusivamente para a realização do programa sexual. Buscavam apenas uma companhia com que a conversa e o prazer da diversão, ou dito de outro modo, o prazer de estar sociado, consistia no fim em si mesmo. Nessas situações, entendo que o cliente objetivava apenas o prazer de estar numa relação de sociabilidade, o que demonstra que o cabaré se constituiu também num espaço de sociabilidade.

Simmel formula o princípio da sociabilidade “como o axioma de que cada indivíduo deve oferecer o máximo de valores sociais (de alegria, de realce, de vivacidade) compatível com o máximo de valores que o indivíduo recebe²”.

Tentei descrever que as interações sociais no cabaré não são marcadas exclusivamente pelo aspecto mercantil. Isso se comprova à medida que algumas garotas reservavam determinadas atitudes e práticas que não eram mediadas pelo dinheiro. Entendo assim, que o dinheiro não é tudo nessas interações. Entre as garotas de programa havia um consenso sobre os limites simbólicos do corpo, de forma que algumas partes ou práticas eram reservadas apenas para as pessoas por quem elas nutriam sentimento, cujo requisito principal era ser uma interação em o dinheiro não seja o elemento central do encontro.

Além do dinheiro, mostrei que há outros aspectos que podem ser fundamentais nessa interação, como, por exemplo, a educação. Por diversas vezes, presenciei situações em que mesmo estando disposto a pagar, o cliente não conseguia interagir, por ser considerado “mal-educado”. No entanto, ao mesmo tempo, dependendo da necessidade financeira, o dinheiro assumia o papel mediador central da interação. Isso se comprovava mediante das violências de gênero que foram narradas e para as quais a justificativa dada pelas garotas para suportarem tais situações era a recompensa financeira.

² SIMMEL, Georg. Sociabilidade: um exemplo de sociologia pura ou formal. In: MORAES FILHO, Evaristo de (Org). **Georg Simmel**: Sociologia. São Paulo: Ática, 1983. (Coleção Grandes Cientistas Sociais, vol. 34) p. 172.

A reflexão sobre o cabaré apontou que a organização interna desse espaço, através da sua mobília, cores e disposição física dos objetos têm um claro objetivo de tornar esse recinto num palco onde as performances são desempenhadas. Por mais que os frequentadores circulassem “livremente” por esse palco havia ambientes onde eles não podiam circular. E mesmo onde era permitido, eles eram vigiados tanto pela dona do ambiente quanto pelas garotas. Na maioria das vezes, os clientes não percebiam como seus atos, por menores que fossem, eram minuciosamente sob vigilância.

Quanto à interação entre as garotas e a administradora do bordel era nítida a vantagem para as garotas quando se aproximavam da administradora. A própria distribuição dos quartos expressava claramente o nível de interação e confiança entre elas. Por outro lado, serem bem quistas pela “chefe” implicava em serem malvistas pelas colegas de trabalho. Por mais que não existissem relações de amizade entre elas, ao definir as situações, quanto mais próxima fosse a interação com a proprietária do ambiente, mais distante seria entre as garotas em razão da extrema falta de confiança já estabelecida.

Mesmo havendo um consenso sobre a falta de amizade entre as profissionais do sexo, entre elas existe uma espécie de solidariedade mútua, sobretudo, em situações de infortúnios. Em geral, os conflitos não são levados em consideração na hora de explicar algum truque sexual que a colega ou rival não tenha conhecimento, ou quando se faz necessário empréstimos de roupas ou dinheiro.

Ficou evidente que não é possível afirmar que todas as prostitutas justificam a entrada na atividade pela necessidade financeira. Há aquelas que fazem questão de ressaltar o prazer advindo desse cotidiano. Dentre esses encantos, destacam-se a valorização recebida, possibilidade de se relacionar com vários homens e “dinheiro rápido”. No entanto, os fragmentos de algumas trajetórias de vida demonstram que no ambiente pesquisado, guardado as devidas diferenças com outros múltiplos espaços de prostituição, uma das características de grande parte das garotas de programa é a desestrutura familiar, enfrentamento de violência de gênero e baixa renda financeira.

Na casa investigada, segundo as garotas, diferentes de outros bordéis em que passaram, a proprietária não obrigava ninguém a fazer companhia para qualquer pessoa que não fosse do interesse delas. Por isso, pude perceber que também era comum as garotas se esquivarem dos clientes considerados indesejáveis. Cada moça utilizava maneiras diferentes de rejeitar o cliente sem que ele perceba que está sendo recusado.

Conforme discuti no segundo capítulo, torna-se desnecessário argumentar sobre o fato de a prostituição constituir-se numa profissão. Afinal, a legislação brasileira já fez esse reconhecimento. Nesse sentido, como em outras profissões, as garotas buscam se especializar com o intuito de se distinguir das outras. Isso pode ser exemplificado pelo constante desenvolvimento daquilo que considerei como “especialidade sexual”.

Por fim, com este trabalho antropológico, busquei demonstrar os diversos aspectos simbólicos que compõem as interações sociais no ambiente de prostituição. As análises aqui empreendidas podem ser tomadas para o entendimento de relações sociais mais amplas que não se limitam apenas às noites de cabaré.

Espero que essa etnografia tenha possibilitado ao leitor/a uma compreensão de uma dada realidade que nem sempre é possível compreender de imediato. No entanto, ao usar as ferramentas do trabalho de campo, algumas dinâmicas até então obscuras, passam ficar claras.

Ao adentrar no cabaré Geni Drink's, pela primeira vez, caminhava num espaço físico onde buscava construir uma pesquisa de cunho etnográfico. Ao sair do ambiente, com a pesquisa constituída - embora com uma série de dados que ainda carecem de maiores análises, pois, dado a limitação temporal e espacial não foi possível nesta dissertação -, não deixava para trás um espaço físico. Deixava, sim, histórias de vida. Trajetórias humanas. Sejam elas moldadas pela questão monetária ou se vividas apenas pelo prazer de negociar o corpo, não posso deixar de dizer que o pesquisador que entrou não foi o mesmo que saiu. Que as vidas vividas naquele espaço de interação não podem ser niveladas por um simples olhar. As lentes da pesquisa revelam e

desvelam novos constituintes responsáveis por, quiçá, possibilitar uma nova dinâmica de vidas para as mulheres que se prostituem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, Waldir de. **O submundo da prostituição, vadiagem e jogo do bicho. Aspectos sociais, jurídicos e psicológicos.** Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1968.
- BACELAR, Jefferson Afonso. **A família da prostituta.** São Paulo: Ática, 1982.
- BARRETO, Letícia Cardoso. **Prostituição, gênero e sexualidade: hierarquias sociais e enfrentamento no contexto de Belo Horizonte.** 2008, 160 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Programa de Pós Graduação em Psicologia. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2008.
- BAUER, Martin; GASKEL, George. **Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som.** Petrópolis: Vozes, 2002.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo.** V. 2. Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980. [1949].
- BECKER, Howard. Marginais e desviantes. In: _____. **Uma teoria da ação coletiva.** Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1977.
- _____. **Métodos de pesquisa em Ciências Sociais.** São Paulo: Hucitec, 1999.
- _____. **Outsiders: estudos de sociologia do desvio.** Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2008.
- _____. **Segredos e truques da pesquisa.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.
- _____. **Uma teoria da ação coletiva.** Rio de Janeiro: Zahar, 1977.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina.** Tradução de Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- BRAGA, Adriana; GASTALDO, Édison. O legado de Chicago e os estudos de recepção, usos e consumos midiáticos. **Revista Famecos.** Porto Alegre, n. 39. Agosto de 2009.
- BRASIL. **Manual do multiplicador - profissionais do sexo.** Brasília: Ministério da Saúde, 1996.
- CARDOSO, Ruth. As aventuras antropológicas em campo ou como escapar das armadilhas do método. In: CARDOSO, Ruth. (org.). **A aventura antropológica: teoria e pesquisa.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- DAMATTA, Roberto. **Relativizando: uma introdução à antropologia social.** Rio de Janeiro: Rocco, 1987.
- DELMANTO, Celso. **Código penal comentado.** Rio de Janeiro: Renovar, 2002.
- ENGEL, Magali. **Meretrizes e doutores: saber médico e prostituição no Rio de Janeiro (1840-1890).** São Paulo: Brasiliense, 2004.
- FONSECA, Cláudia. A dupla carreira da mulher prostituta. **Estudos Feministas.** Florianópolis. V 04, n.1, 1996. p. 7-33.
- FRANCO, Alberto Silva. **Código penal e sua interpretação jurisprudencial.** São Paulo: Editora Revista dos Tribunais.
- FREITAS, Renan Springer de. **Bordel bordéis: negociando identidades.** Rio de Janeiro: Vozes, 1985.
- GASKEL, George. Entrevistas individuais e grupais. In: _____. GASKEL, George. **Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som.** Petrópolis: Vozes, 2002.
- GASPAR, Maria Dulce. **Garotas de programa: prostituição em Copacabana e identidade social.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

- GASTALDO, Edson. Goffman e as relações de poder na vida cotidiana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. v. 23, n. 68. 2008.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- GERSHON, Priscilla. **Prostituição feminina: contribuições para o debate sobre representações, identidade e profissionalização**. 2007, 129 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia e Direito) Programa de Pós Graduação em Sociologia e Direito. Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2007.
- GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Tradução de Maria Célia Santos Raposo. Petrópolis: Vozes, 1985.
- GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Tradução de Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes. Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- HUGHES, Everett. O papel do trabalho de campo nas ciências sociais. In: JUNKER, Buford. **A importância do trabalho de campo: uma introdução às ciências sociais**. Rio de Janeiro: Lidador, 1971.
- HUMPHREYS, Laud. A transação da sala de chá: sexo impessoal em lugares públicos. In: RILEY, Matilda White; NELSON, Edward E. **A observação sociológica: uma estratégia para um novo conhecimento social**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1974.
- JUNKER, Buford. **A importância do trabalho de campo: uma introdução às ciências sociais**. São Paulo: Lidadors, 1971.
- KULLICK, Don. **Travesti: prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil**. Tradução de Cesar Gordon. Rio de Janeiro: EdFiocruz, 2008.
- LAGENEST, H. D. Barruel de. **Lenocínio e prostituição no Brasil: estudo sociológico**. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1960.
- _____. **Mulheres em leilão: um estudo da prostituição no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1973.
- LÚCIA, Amara. **A difícil vida fácil: a prostituta e sua condição**. Petrópolis: Vozes, 1984.
- MALINOWSKI, Bronislaw. **Os argonautas do Pacífico Ocidental**. São Paulo: Abril Cultural, 1979.
- MARTIN, Denise. **Riscos na prostituição: um olhar antropológico**. São Paulo: Humanitas, 2003.
- MILLER, Mary Susan. **Feridas invisíveis: abuso não-físico contra mulheres**. Tradução Denise Maria Bolanho. São Paulo: Summus, 1999.
- MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO. **CBO – Classificação Brasileira de ocupação**. Disponível em: <<http://www.mte.gov.br/cbosite/pages/home.jsf>>. Acesso em 17 de ago. de 2009.
- MIRABETE, Julio Fabbrini. **Código Penal interpretado**. São Paulo: Atlas, 2001.
- MORAES, Aparecida Fonseca. **Mulheres da vila: prostituição, identidade social e movimento associativo**. Petrópolis: Vozes, 1995.
- OLIVEIRA, Emerson Ribeiro. **Dicionário do sexo e da prostituta**. São Paulo: Scortecci, 2001.
- PEREIRA, Armando [et. al.]. **A prostituição é necessária?** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.
- ROBERTS, Nickie. **As prostitutas na história**. Tradução de Magda Lopes. Rio de Janeiro: Record/ Rosa dos Tempos, 1998.

- RODRIGUES, Marlene Teixeira. A prostituição no Brasil contemporâneo: um trabalho como outro qualquer? **Katalyses**. Florianópolis, v.12, n. 1 p. 68-76 jan/jun. 2009.
- SALIBA, Elias Thomé. Prefácio. In: CIAMPI, Helenice. **A história pensada e ensinada: da geração das certezas à geração das incertezas**. São Paulo: Educ, 2000.
- SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica In. **Educação & realidade**. Porto Alegre, 16(2):5-22, jul/dez. 1990.
- SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de conceitos históricos**. São Paulo: Contexto, 2005.
- SIMMEL, Georg. A sociabilidade (Exemplo de sociologia pura ou formal). In: _____. **Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade**. Tradução de Pedro Caldas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.
- _____. Algumas reflexões sobre a prostituição. In: _____. **Filosofia do amor**. São Paulo: Martins Fontes, 2001. [1892].
- _____. O dinheiro na cultura moderna. In: SOUZA, Jessé; ÖLZE, Berthold (orgs.). **Simmel e a modernidade**. Brasília: EdUnb, 1998.
- _____. Sociabilidade: um exemplo de sociologia pura ou formal. In: MORAES FILHO, Evaristo de (Org). **Georg Simmel: Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983. (Coleção Grandes Cientistas Sociais, vol, 34).
- SOUZA, Fabiana Rodrigues de. **Saberes da vida na noite: percepções de mulheres que prestam serviços sexuais sobre o educar-se nas relações com seus clientes**. 2007, 163 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós Graduação em Educação. Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, 2007.
- SWAIN, Tânia Navarro. Banalizar e naturalizar a prostituição: violência social e histórica. **Unimontes Científica**. Montes Claros, v. 06, n. 02, 2004.
- TAVARES, Manuela. **Prostituição: diferentes posicionamentos do movimento feminista**. Grupo de Trabalhos – Debates. UMAR – União de Mulheres Alternativa e Resposta. Lisboa. Portugal. p. 04. Disponível em < <http://www.umarfeminismos.org/grupostrabalho/debates.html> > Acesso em: 20 de maio de 2009.
- THOMAS, William I. The definition of the situation. In: _____. The unadjusted girl. New York: Little, Brown&Co, 1923. Apud In: BRAGA, Adriana; GASTALDO, Édison. O legado de Chicago e os estudos de recepção, usos e consumos midiáticos. **Revista Famecos**. Porto Alegre, n. 39. Agosto de 2009.
- TILLY, Louise. Gênero, história das mulheres e história social. **Cadernos Pagu**. Campinas, nº 3, 1994.
- VELHO, Gilberto. O estudo do comportamento desviante: a contribuição da antropologia social. In: _____. (org.). **Desvio e divergência: uma crítica a patologia social**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1974.
- VIEZZER, Moema. **O problema não está na mulher**. São Paulo: Cortez, 1989.
- WHITE, William Foote. A sociedade das esquinas: a estrutura social de uma favela italiana. In: RILEY, Matilda White; NELSON, Edward E. **A observação sociológica: uma estratégia para um novo conhecimento social**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1974.
- _____. Treinando a observação participante. In: GUIMARÃES, Alba Zaluar (org.). **Desvendando as máscaras sociais**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.
- WINKIN, Yves. **A nova comunicação: da teoria ao trabalho de campo**. São Paulo: Papirus, 1998.